



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ISCED - LUANDA

COORDENAÇÃO DE MESTRADOS EM ENSINO DE HISTÓRIA DE ANGOLA
E DE ÁFRICA

António Paciência Gunza

O PERCURSO HISTÓRICO DA IGREJA CRISTÃ EM ANGOLA NO
PROCESSO DA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL DE 1961-
1975. UM CONTRIBUTO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DE ANGOLA

Luanda/2022

O PERCURSO HISTÓRICO DA IGREJA CRISTÃ EM ANGOLA NO PROCESSO DA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL DE 1961- 1975. UM CONTRIBUTO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DE ANGOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ensino de História de Angola no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) - Luanda, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História de Angola.

Linha de pesquisa: Ensino e Avaliação em História

O Orientador: Prof. Doutor Dinis Kebanguilako

Luanda/2022

ANTÓNIO PACIÊNCIA GUNZA

**O PERCURSO HISTÓRICO DA IGREJA CRISTÃ EM ANGOLA NO
PROCESSO DA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL DE 1961-
1975. UM CONTRIBUTO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DE
ANGOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em
Ensino de História de Angola no Instituto Superior de
Ciências da Educação, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Ensino de História de
Angola.

Área de concentração: Ensino e Avaliação em História

Prof. Doutor Zavoni Ntongo - Instituto Superior de Ciências da
Educação-ISCED (Presidente)

Prof. Doutor Manzambi Vuvu Fernando – Instituto Superior de
Ciências da Educação-ISCED (Arguente)

Prof. Doutor Dinis Kebanguilako - Instituto Superior de Ciências da
Educação - ISCED (Orientador)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Paciência Gunza e Teresa Cucuama, em memória.
À minha esposa Joaquina Ginga Gabriel Cassule Gunza.
Aos amados filhos: Teresa Gunza, João Gunza, Anita Gunza,
Atália Maíndo Gunza, António Cassule Gunza, Asquinaz Luzia
Gunza e Olívio Gunza.
A estes dedico esta obra com toda honra e carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, que nos tem mantido firme em todas ondulações que a vida oferece. Aqui fica expressa a nossa gratidão.

Ao corpo docente do Curso de Mestrado em Ensino de História de África e de Angola no ISCED de Luanda, que não poupou esforço dando seu contributo com o seu saber, muito agradecemos.

Ao incansável Orientador deste trabalho Professor Doutor Dinis Kebanguilako, a quem muito agradeço.

Ao Revmo Bispo Emérito Emílio Júlio Miguel de Carvalho e ao Revmo Bispo Gaspar João Domingos, muito agradeço pelo apoio prestado.

Ao Arquivo Nacional de Angola – ANA, pela permissão de acesso aos documentos bibliográficos e históricos do nosso país, aqui ficam os nossos agradecimentos.

Aos colegas do curso do Mestrado do Ensino de História de África e de Angola, pelo espírito de camaradagem e de irmandade muito agradeço.

A todos/as que directa ou indirectamente prestaram seu contributo para o êxito deste trabalho, a nossa gratidão.

A minha família, muito agradeço pelo apoio e encorajamento.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNOMOS

ABCFM – *American Board of Commissionnaires for Foreign Missions*

ACEBA – Associação dos Cristãos das Igrejas Baptistas de Angola

ACEBAC - Associação dos Cristãos das Igrejas Baptistas de Angola no Congo

Art. - Artigo

BMS - *Baptist Missionary Society* (Sociedade Missionária Baptista)

CIEAC – Conselho das Igrejas Evangélicas de Angola Central

Ed. – Edição

ELNA - Exército de Libertação Nacional de Angola (FNLA)

EUA – Estados Unidos da América

FALA - Forças Armadas de Libertação de Angola

FAPLA – Forças Armadas Populares de Libertação de Angola

FLEC – Frente para a Libertação do Enclave de Cabinda

FNLA – Frente Nacional para Libertação de Angola

GRAE – Governo Revolucionário de Angola no Exílio

IEBA – Igreja Evangélica Baptista de Angola

IECA - Igreja Evangélica Congregacional de Angola

IESA – Igreja Evangélica Sinodal de Angola

JACME – Junta Americana de Comissários para as Missões Estrangeiras

IMU – C.A.O.A - Igreja Metodista Unida – Conferência Anual do Oeste de Angola

IMUA – Igreja Metodista Unida em Angola

MILA – Movimento de Libertação de Angola

MINA – Movimento de Independência Nacional de Angola

MLN - Movimento de Libertação Nacional

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

OUA - Organização de Unidade Africana

p. –página

PDA – Partido Democrático Angolano

pp. - páginas

Pr. – Pastor

Prs. – Pastores

Rev. – Reverendo

Revmo. – Reverendíssimo

STB – Seminário Teológico Baptista

Trad. – Tradução

UNITA – União Nacional para Independência Total de Angola

UPA – União das Populações de Angola

UPNA - União do Povo do Norte de Angola

URSS- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I. CONCEPÇÃO DA IGREJA E A INDEPENDÊNCIA NO CONTEXTO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO	18
1.1 - A Percepção de Igreja	18
1.2 – O Protestantismo	20
1.3 - O Contexto Histórico da Implantação da Igreja Cristã em Angola	24
1.4 – A Diferença entre Igreja Católica e as Igrejas Evangélicas	26
1.5 - A Missão da Igreja.....	27
CAPÍTULO II – A GUERRA E AS IGREJAS ANGOLANAS 1961-1975	30
2.1 – A Influência da Igreja Cristã e a Luta de Libertação de Angola	30
2.1.1. - Igreja Evangélica Baptista de Angola - IEBA.....	31
2.1.2. - Igreja Evangélica Congregacional de Angola - IECA.....	34
2.1.3. - Igreja Metodista Unida em Angola - IMUA	39
2.2 - Áreas da Actuação da Igreja Angolana que Permitiram o Despertar da Consciência Nacionalista.....	42
2.2.1–Na área da Educação Religiosa	43
2.2.2 - Na área da Educação Académica.....	44
2.2.3 - Saúde ou Ministério da Cura	46
2.3 - Contributo dos Movimentos Messiânicos na Luta Anti-colonial.....	47
2.4 - Política de Insurreição.....	48
2.5 - A Igreja e a Repressão Colonial	50
2.5 - Os Movimentos de Libertação Nacional e a Independência de Angola.	52
2.6.1 – UPA/Frente Nacional De Libertação De Angola - FNLA.....	54
2.6.2 - Movimento Popular de Libertação de Angola - MPLA.....	56
2.6.3 - União Nacional para a Independência Total de Angola.....	57
2.7 – O Acordo de Alvor.....	58
CAPÍTULO III. PROPOSTA METODOLÓGICA DA TEMÁTICA: O PERCURSO HISTÓRICO DA IGREJA CRISTÃ EM ANGOLA NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL DE 1961- 1975. UM CONTRIBUTO NO ENSINO DE HISTÓRIA DE ANGOLA	60
3.1. Enquadramento Dos Objectivos do II Ciclo Do Ensino Secundário	60
3.2. Enquadramento dos Objectivos da 11ª Classe.....	61
3.3. Enquadramento dos Objectivos da Disciplina de História	63

3.4. Enquadramento da Unidade da 11ª Classe	63
3.5. Plano Temático	67
3.6. Os Meios de Ensino	67
3.7- Avaliação.....	68
CONCLUSÃO	70
RECOMENDAÇÕES	72
BIBLIOGRAFIA.....	73
GALERIA DE ANEXOS	75
Programa de História da 11ª classe: 2.º Ciclo do Ensino Secundário Geral	76
As 95 Teses afixadas por Martinho Lutero na Abadia de Wittenberg.....	102
Imagens	111
José Maria Mendes Ribeiro Norton de Matos.....	111
Missões Protestantes em Angola, conforme consta no trabalho.	112
William Carey (1761 - 1807), da Sociedade Missionária Baptista	113
Thomas James Comber (.....	113
John Wesley – O Fundador da Igreja Metodista (Século XVIII).....	114
Rev. Daniel Ntony-a-Nzinga (IEBA)	114
Reverendo Job Baltazar Diogo,.....	115
Primeiro Secretário Geral autóctone da IECA Rev. Jessé Chiula Chipenda	116
Revmo Bispo Emérito Emilio Júlio Miguel de Carvalho	117
Primeiro Bispo Metodista autóctone em Angola (1972 – 2000), o período	117
em que liderou.	117
Túmulo dos Cristãos na Comuna do Cariango, (Quibala) em 1961.....	118
Escola Da Missão Metodista em Luanda nos Anos De 1950	119
Escola da Missão Metodista Reconstruída e inaugurada em 2021.....	120
OS CINCO PRESIDENTES DO MPLA.....	121
Álvaro Holden Roberto, Líder fundador da FNLA (1954 á 2007).....	124
Jonas Malheiro Sidónio Savimbi, Líder fundador da Unita (1966-2002)	124
Assinatura do Acordo de Alvor, de 10 à 15 Janeiro 1975	125

RESUMO

Este trabalho investigativo, foi abordado atendendo ao seguinte problema: A Igreja Cristã Angolana, sempre acompanhou e envolveu-se fortemente nas diversas etapas históricas nos domínios político, económico, cultural e social, não se olvidando do sistema educativo que conheceu várias transformações no seu contexto, onde o contributo da Igreja Cristã angolana no Processo da luta pela independência nacional no período de 1961 a 1975, não reflecte-se nos conteúdos programáticos e consequentemente na falta do conhecimento sobre o assunto desta área no ensino de História de Angola, de muitos alunos da 11ª classe. Sendo o problema levantado, urge a necessidade da seguinte pergunta de partida: **Que influência teve a Igreja Cristã angolana no processo da luta pela independência nacional de 1961 – 1975?** Com esta temática, pretendemos alcançar os seguintes objectivos: **Objectivo geral** – Analisar a influência da Igreja Cristã Angolana no processo da luta pela Independência nacional de 1961-1975. **Objectivos específicos** – Destacar o Contexto Histórico da implantação da Igreja Cristã em Angola; Identificar o papel social, político e as consequências das acções da Igreja Cristã em Angola na sociedade colonial; Elaborar proposta didáctico metodológico para inclusão da temática no programa da História da 11ª Classe do Curso de Ciências Humanas e económico-Jurídicas. Relativamente a metodologia, usamos o método dedutivo, partindo do geral para o particular e cingimo-nos na análise bibliográfica e documental neste trabalho com base nos diferentes autores e documentos. Os líderes dos três movimentos de libertação de Angola, a FNLA, o MPLA e a UNITA, são frutos da educação religiosa e académica das igrejas Evangélicas Baptista, Congregacional e Metodista. Influenciaram os autóctones com as suas pregações, orações, conselhos úteis, na área do ensino e bolsas de estudos para o exterior do país, despertou consideravelmente a consciência nacionalista de muitos jovens do género masculino e feminino. Procuramos neste trabalho, apresentar a Concepção da Igreja, a guerra e as Igrejas angolanas 1961-1975, a repressão colonial as acções das Igrejas Cristãs e por último deixamos Proposta metodológica da temática e seu enquadramento no programa de História da 11ª classe, dos cursos do 2º Ciclo do Ensino Secundário Geral, nas áreas de Ciências Económico-Jurídicas e de Ciências Humanas. Ainda apresentamos o Acordo de Alvor que conduziu a Angola à independência a 11 de Novembro de 1975. A influência da Igreja Cristã Angolana foi bastante importante no processo que conduziu a Independência nacional.

Palavras-chave: Angola, Igreja Cristã, Luta pela independência Nacional.

ABSTRACT

This investigative work was addressed in view of the following problem: The Angolan Christian Church has always accompanied and been strongly involved in the various historical stages in the political, economic, cultural and social domains, not forgetting the educational system that has undergone several transformations in its context , where the contribution of the Angolan Christian Church in the process of the struggle for national independence in the period from 1961 to 1975, is not reflected in the syllabus and consequently in the lack of knowledge on the subject of this area in the teaching of History of Angola, of many students of the 11th grade. Once the problem has been raised, there is an urgent need for the following starting question: **What influence did the Angolan Christian Church have on the process of the struggle for national independence from 1961 to 1975?** With this theme, we intend to achieve the following objectives: **General objective** – To analyze the influence of the Angolan Christian Church in the process of the struggle for national independence from 1961-1975. **Specific objectives** – Highlight the Historical Context of the implantation of the Christian Church in Angola; Identify the social, political role and consequences of the actions of the Christian Church in Angola in colonial society; Elaborate a methodological didactic proposal for the inclusion of the theme in the 11th Grade History program of the Humanities and Economic-Legal Sciences Course. Regarding the methodology, we used the deductive method, starting from the general to the particular and we limited ourselves to the bibliographic and documental analysis in this work based on the different authors and documents. The leaders of the three liberation movements in Angola, the FNLA, the MPLA and the UNITA, are the result of the religious and academic education of the Evangelical Baptist, Congregational and Methodist churches. They influenced the natives with their preaching, prayers, useful advice in the area of teaching and scholarships abroad, considerably awakening the nationalist conscience of many young men and women. In this work, we seek to present the Conception of the Church, the war and the Angolan Churches 1961-1975, the colonial repression, the actions of the Christian Churches and, finally, we leave a methodological proposal of the theme and its framing in the History program of the 11th grade, of the courses of the 2nd Cycle of General Secondary Education, in the areas of Economic-Legal Sciences and Human Sciences. We still present the Alvor Agreement that led Angola to independence on November 11, 1975. The influence of the Angolan Christian Church was quite important in the process that led to national Independence.

Keywords: Angola, Christian Church, Struggle for National Independence.

INTRODUÇÃO

O trabalho que pretendemos abordar, baseia-se no projecto de investigação sobre o Percorso Histórico da Igreja Cristã em Angola no processo da luta pela Independência Nacional (1961- 1975). Um contributo para o ensino de História de Angola. O mesmo enquadra-se no programa de elaboração da dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de História de Angola.

A razão da escolha desta temática, reside no facto de ser um assunto que despertou em nós bastante interesse, pelo facto de sermos cristãos e membros activos no exercício do sacerdócio, por um lado e por outro, a necessidade de aprofundar os nossos conhecimentos sobre o assunto e contribuirmos com os nossos escritos sobre a problemática da Igreja e a sua influência no processo da luta de Libertação de Angola.

A delimitação deste estudo vai desde 1961 a 1975. No ano de 1961 pelo facto de ser o período do início da luta armada e 1975, marca a conquista da independência que permitiu a concretização do almejado sonho dos angolanos à liberdade e soberania.

Esta temática é importante por estar intimamente ligado à História da Igreja Cristã em Angola, que desde a sua implantação nos finais do século XV, com a chegada dos Portugueses no nosso território, seguiu-se a Igreja Católica Romana e posteriormente as Igrejas Evangélica Baptista, Evangélica Congregacional e a Metodista Unida, foram implantadas nos finais do século XIX, são o foco da nossa dissertação que desempenharam sempre um papel importante na vida do povo até ao tempo actual. Dada a relevância destas na esfera política, social e espiritual, logo, na sua missão ensinaram a ler, escrever e pregar a palavra divina e formaram seus fiéis, os quais fundaram e lideraram os movimentos nacionalistas que lutaram pela liberdade do seu povo. Os ensinamentos transmitidos pela Igreja cristã, serviram para a formação de bons cidadãos, com princípios morais, cívicos, éticos e patrióticos úteis para o exercício da cidadania.

O papel da Igreja Cristã na educação moral e cívica da população foi de extrema importância, com efeitos positivos na estabilidade social. Através da evangelização, contribuiu na reconstrução e revitalização das mentalidades a todos níveis, passando pela educação moral e cívica, com base na catequese onde as crianças e adolescentes iniciaram o conhecimento da fé, um espaço para a tomada de consciência de atitudes positivas na vida. As práticas positivas desde sempre foram transmitidas nos cultos, palestras, colóquios, aconselhamentos e acampamentos juvenis da Igreja. A acção educativa exercida nas missões e seminários, dos protestantes, contribuíram no surgimento de determinados nacionalistas que

aderiram à luta de libertação nacional. Por essa razão, grande parte dos dirigentes angolanos passara por estas instituições religiosas.

A Igreja é uma instituição social, por estar inserida dentro de uma determinada sociedade e pelo seu objecto social. Ela é composta por pessoas que professam sua fé num salvador de suas vidas. No cumprimento da sua missão evangelizadora, preocupa-se em atingir as pessoas de todas as idades e etnias, libertando-as das garras satânicas e de todas as acções maléficas na sua integridade. Isto é, não olhando apenas nos aspectos espirituais.

A missão multifacética da igreja, circunscreve-se principalmente no ensino, “Ide portanto, fazei discípulos ensinando-os...” (Mateus 28: 19, 20). Nesta vertente, transmite-se valores morais, cívicos e patrióticos em busca da paz, justiça social, valorização da família para o alcance da dignidade da pessoa humana, na contribuição de uma sociedade livre da opressão colonial.

Neste trabalho pretender-se-á descobrir a influência da Igreja Cristã Angolana no processo da luta pela independência Nacional no período de 1961-1975 e seu contributo histórico, para que seja introduzida no programa de ensino da História de Angola, para que as futuras gerações aprendam e reconheçam o esforço de todos. De igual modo, neste trabalho apresenta-se nível de conhecimento Científico.

Teresa da Silva Neto, ressalta que:

A educação de cada tribo é o processo para perpetuar e tomar comum as ideias, os saberes, as crenças e tudo aquilo que é comunitário como vida. Ela é transmitida por indivíduos que usam o saber, e o controle sobre este, como práticas que reforçam a identidade ética entre os membros da tribo, na divisão social do trabalho. (SILVA NETO, 2010, p. 215).

Por meio do processo de ensino e aprendizagem a sociedade perpetua todos os valores achados importantes e que possam prevalecer nas futuras gerações, assim, como o sentimento patriótico como cidadãos nacionais.

Nesta guita de pensamento Teresa da Silva Neto, ressalta que “Os missionários protestantes aumentaram seu interesse pela educação dos nativos de Angola” (SILVA NETO, 2010, p. 157). Esta educação dos nativos tinha como campo principal o desempenho da consciência nacionalista, abrindo os olhos para o horizonte temporal. Assim, foi levantado o seguinte problema:

A Igreja Cristã Angolana, sempre acompanhou e envolveu-se fortemente nas diversas etapas históricas nos domínios político, económico, cultural e social, não se olvidando do sistema educativo que conheceu várias transformações no seu contexto, onde o contributo da

Igreja Cristã angolana no processo da luta pela independência nacional no período de 1961 a 1975, não reflecte-se nos conteúdos programáticos e consequentemente na falta do conhecimento sobre o assunto de muitos alunos da 11ª classe, que estão em preparação no nível médio e transitam com esta lacuna no ensino de História de Angola, para o ensino superior. Este aspecto aqui afluído, pode-se constatar que a mesma situação prevalece como preocupação educativa. E, isso, constitui preocupação para com as futuras gerações. A laicidade do Estado angolano, não é o motivo pelo qual a Igreja Cristã não aparece no conhecimento histórico dos aspectos ligados à independência nacional nos programas de ensino e aprendizagem no nosso país. Talvez seja o sistema político escolhido pelo governo desde a primeira República. Mas no sistema vigente desde 1992 até a presente data, não se vê o empecilho de omitir esta realidade.

Na visão de Lawrence W. Henderson (2001), é que as Igrejas protestantes contribuíram bastante e a comunidade sempre encontrou refúgio durante os tempos difíceis da guerra e da revolução. As Igrejas protestantes ou evangélicas, sempre procuraram defender e proteger o povo até que se concretizasse a viva esperança da liberdade. Facto que causou a marginalização destas Igrejas por parte do colonialismo português em todo território nacional. A Igreja Evangélica sempre manteve suas portas abertas dando guarita ao povo, atendendo que “Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações” (Salmo 46:1).

Com o problema científico levantado neste trabalho, urge a necessidade da seguinte pergunta de partida: **Que influência teve a Igreja Cristã Angolana no Processo da luta pela independência nacional de 1961 – 1975?** Toda investigação gravita em busca da resposta desta pergunta. Já que a independência de Angola, não foi apenas resultado da luta armada, mas as igrejas e o movimento social, foram partícipes do processo da independência.

Da pergunta de partida, derivaram as seguintes questões:

- 1-Em que contexto histórico foi implantada a Igreja Cristã em Angola?**
- 2- Qual foi o papel social, político e que consequências tiveram as acções da Igreja Cristã na sociedade colonial?**
- 3- Que contribuição a presente dissertação dará ao ensino de história de Angola?**

Com base na temática, pretendemos alcançar os seguintes objectivos:

- **Objectivo Geral:** analisar a influência da Igreja cristã angolana no processo da luta pela independência nacional de 1961-1975.

- **Objectivos Específicos:**

1. Destacar o Contexto Histórico da implantação da Igreja Cristã em Angola;

2. Identificar o papel social, político e as consequências das acções da Igreja Cristã em Angola na sociedade colonial;

3. Elaborar proposta didáctico metodológico para inclusão da temática no programa da História da 11ª Classe do Curso de Ciências Humanas e económico-Jurídicas.

A nossa investigação é de natureza qualitativa, Por se basear em análise bibliográfica e documental por ter usado obras de vários autores com maior destaque a Dinis Kebanguilako, Emílio Júlio Miguel de Carvalho, F. James Grenfell, Laurence W. Henderson, Moisés Kamabaya, Paul A. Blake e Teresa da Silva Neto e documentos ou fontes primárias e secundárias, tais como Imagens e o Acordo de Alvor. Relativamente a metodologia, como é de aprez nos trabalhos desta natureza, usamos o método: de abordagem dedutivo; partindo do geral para o particular.

A população de estudo circunscreve-se em alguns políticos, membros de diferentes Igrejas e líderes eclesiásticos. Olhando para o tema: **O PERCURSO HISTÓRICO DA IGREJA CRISTÃ EM ANGOLA NO PROCESSO DA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL DE 1961- 1975. “UM CONTRIBUTO NO ENSINO DA HISTÓRIA DE ANGOLA”**, parece-nos ser uma abordagem generalizada que abarca várias Igrejas cristãs. Mas, a nossa humilde contribuição cinge-se particularmente nas Igrejas Evangélicas que mais contribuíram no processo da luta pela independência nacional, nomeadamente: Igreja Evangélica Baptista de Angola, Igreja Evangélica Congregacional de Angola e Igreja Metodista Unida em Angola. Por serem das primeiras Igrejas Evangélicas instaladas neste solo pátrio angolano e que mais sofreram horrores do colonialista português, mas apesar disso puderam instalar-se no país e desenvolver a sua missão evangelizadora.

Este trabalho contém três (3) Capítulos. No primeiro a nossa investigação cingiu-se nas Igrejas e a luta pela Independência. Primeiramente tratamos acerca da concepção da Igreja, o seu envolvimento na luta pela independência, a Reforma Protestante, onde homens conhecedores da verdade bíblica, rebelaram contra os abusos da Igreja Católica Romana pelos abusos cometidos e a venda de indulgências. No contexto histórico da sua implantação da Igreja em Angola, não esquecemos dos momentos difíceis onde passou com a repressão colonial, a sua firmeza no cumprimento da missão evangelizadora e de despertar a consciência nacionalista para proclamar liberdade aos cativos, principalmente a Igreja Evangélica Baptista de Angola – IEBA, Igreja Evangélica Congregacional de Angola – IECA e a Igreja Metodista Unida em Angola – IMUA.

No segundo Capítulo, versamos sobre: A Guerra e as Igrejas Angolana, demos uma pincelada nos Movimentos de Libertação Nacional e a Independência de Angola. De uma

forma sintética abordamos concretamente quanto aos três Movimentos de libertação de Angola: UPA/FNLA - Frente Nacional para Libertação de Angola, Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), e União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA). Por serem históricos e protagonistas para o alcance da liberdade do povo angolano sob jugo do regime colonialista português. Aqui, submergimos no período da guerrilha, no acordo de Alvor para a independência até a sua proclamação, a 11 de Novembro de 1975, que é longa trajectória percorrida para o alcance da liberdade.

Porquanto que no terceiro Capítulo, deixamos Proposta Metodológica da Temática: O Percurso Histórico da Igreja Cristã em Angola no Processo da Luta pela independência Nacional de 1961-1975. Um Contributo no Ensino de História de Angola. Onde espelhamos a Influência da Igreja cristã no Processo da luta pela independência nacional. Para seu enquadramento no Programa da 11ª Classe, do 2º Ciclo do Ensino Secundário Geral, nos Cursos de Ciências Económico-Jurídicas e de Ciências Humanas, no seu Tema 5 – A Revolta Anti-Colonial e a Luta de Libertação Nacional (1962-1975). Consta ainda Sugestões e recomendações e Galeria de Anexos.

Concluimos que a nossa investigação alcançou os objectivos preconizados na resposta da pergunta de partida. Assim, um novo Sub-tema no estudo sobre a independência Nacional que despertará as novas gerações o reconhecimento na Influência da Igreja Cristã angolana no processo da luta pela Independência Nacional, através do desenvolvimento cognitivo e social por meio da disciplina da História de Angola. Atendendo que o alcance da Independência de Angola, não foi somente pela luta armada, mas também pelo contributo da igreja cristã na área do ensino nas missões evangélicas e da pregação do Evangelho de Jesus Cristo, que despertou a consciência nacionalista.

Assim sendo, o conteúdo desta investigação desperta o interesse da sua inclusão no Programa do ensino e aprendizagem da 11ª Classe do ensino secundário no ensino de História de Angola.

CAPÍTULO I. CONCEPÇÃO DA IGREJA E A INDEPENDÊNCIA NO CONTEXTO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO

1.1 - A Percepção de Igreja

O nome Igreja, às vezes dá-nos a percepção de um templo erguido num determinado espaço, sendo esta a forma mais simples de identificá-la, mas ela não se limita apenas a um templo, visto que ela deve ser entendida melhor quando olharmos para sua etimologia e ao grupo que a compõe como instituição social que atinge o homem e a mulher na sua integridade. Dando o seu contributo para que na sociedade onde estiver inserida seja nação soberana e próspera para que o povo viva numa perfeita liberdade.

A Igreja é entendida no sentido mais amplo e, nos seus mais diversificados pontos de vista de vários autores como a definem. O termo Igreja, define-se melhor no contexto grego clássico e veterotestamentário, evitando assim definição empírica. Para o efeito, Millard J. Erickson, ressalta que “a palavra grega *ekklēsia* (igreja) referia-se simplesmente a uma assembleia dos cidadãos de uma localidade” (ERICKSON, 1997, p. 438). No Antigo Testamento encontramos o termo hebraico mais próximo da assembleia (*qāhāl*) que dá a “designação do acto de se reunirem” (ERICKSON, 1997, p. 438). Os cidadãos de uma determinada localidade reúnem-se para uma causa comum.

Para Lothar Coenen e Colin Brown, “*ἐκκλησία (ekklēsia)*, assembleia, reunião, congregação” (COENEN & Brown, 2000, p. 984), Para eles, *ekklēsia*, “deriva de *ek-kaleō*, que se empregava para convocação do exército para reunir, de *kaleō* “chamar” (COENEN & Brown, 2000, p. 984). Estes autores aqui referenciados, as suas ideias convergem em tratar-se de assembleia dos cidadãos efectivos e competentes da *polis* (cidade), que são chamados para abordagem das questões importantes da política interna e externa para o bem comum da sociedade. O povo Israelita no Antigo Testamento, sempre confiou num ser supremo a quem designaram “Senhor dos Exércitos é Deus de Israel; o Senhor dos Exércitos, ele é o Rei da glória, se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado alguns sobreviventes, já nos teríamos tornado como Sodoma e semelhantes a Gomorra” (2 Samuel 7:26; Salmo 24:10; Isaías 1:9). A partir do século V a.C. a expressão evoluiu ao ponto de designar a congregação chamada a reunir para completar a aliança em Sinai conforme Deuterónimo 9:10; 10:4 e no texto bíblico de Jeremias 44:15,16 subentende-se uma assembleia especial do povo para obediência a Deus. Vemos aqui a chamada de atenção para observância do monoteísmo, confiança em um único Deus que provê tudo que é necessário para a vida humana.

Das definições aqui apresentadas e para torná-las perceptíveis, podemos afirmar que Igreja é uma instituição social, que reúne homens, mulheres, jovens e crianças, para um bem comum na procura do bem-estar espiritual, social, económico e político, para o alcance da justiça social, pela fé. Sendo “a certeza de coisas que se esperam, a convicção de factos que se não vêm” (Hebreus 1:1). Reconhecemos que a fé é abstracta e cujo resultado é concreto e animador, daí a convicção desta crença, sem esperar ver para crer, mas crer para ver, confiando na providência de um Deus.

Antes de Cristo, no Antigo Testamento encontramos o povo de Deus chamado a reunir em assembleia, *συναγωγή* palavra grega que transliteralmente lê-se (*synagōgē*), que quer dizer sinagoga. É designada de capela ou pequeno templo, onde reunia esta assembleia; enquanto no Novo Testamento, a palavra Igreja aparece com a pessoa de Jesus Cristo, quando falou ao seu discípulo “... tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16:18,19). Uma Igreja una e indivisível que Jesus Cristo instituiu na terra, sendo Ele cabeça (Cl 1:18) e o povo membros do seu corpo.

A Igreja Cristã, é o povo de todos os lugares geográficos e de todas as épocas que confessa Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador pessoal. Referimo-nos ao povo que serve e ama o mesmo Senhor, embora exista denominações cristãs diferentes, mas possuem basicamente a mesma fé em Cristo e procuram conjugar esforços para o bem-estar da comunidade, na luta pela justiça social. Assim, Josival Quintanilha, ressalta que Igreja Cristã “é o povo escolhido de Deus; a comunidade de todos os cristãos de todos os tempos” (QUINTANILHA, 2002, p. 83). Segundo Wilbur O'Dono Jr. (1999), a Igreja consiste de todos os que confiaram em um Salvador, não importando sua raça, nacionalidade, denominação ou posição social. É um grupo de pessoas muito especiais que constitui a grande família.

Realmente todo cristão, faz parte de um grupo de pessoas especiais, por constituir o povo de Deus, do corpo de Cristo e ao mesmo tempo constitui templo do Espírito Santo. Está no mundo mas não é do mundo (João 17:14,16), é uma linguagem filosófico-cristã usada por Jesus, por não se conformar com o mundo mas transforma-o com as suas capacidades, habilidades, inseridas nas acções benevolentes. Todo o povo que reúne em nome de Deus e não faz parte do corpo de Jesus Cristo, por não O aceitar como Senhor e Salvador, então não faz parte da Igreja Cristã. Ela, está estabelecida no mundo e em determinadas localidades, onde é chamada de Igreja local que compreende a um Cargo Pastoral, Pastorado ou ainda uma Paróquia.

Ao falarmos da Igreja local, referimo-nos de uma comunidade reunida em torno de um Salvador, que forma uma família duradoura mais que a família consanguínea, por ser unida seja onde for em todo o universo. Wilbur O'Dono Jr., ressalta que “o cristão é alguém que entrou em um relacionamento familiar com irmãos e irmãs em Cristo de todo o mundo. Este relacionamento um dia será mais forte do que qualquer relacionamento familiar terreno, e durará para sempre” (O'DONOVAN Jr., 1999, p. 168). Enquanto humano, o cristão durante a sua peregrinação terrena, caminha para perfeição e continua a cimentar o relacionamento com os (as) irmãos e irmãs na fé para que seja eterno.

No Livro de Disciplina da Igreja Metodista Unida, encontra-se na Parte IV, sobre a Organização e Administração, uma definição concisa concernente a Igreja Local (Cristã), conforme se segue:

A Igreja Local providencia a arena mais significativa através da qual ocorre a acção de fazer discípulos. É uma comunidade de crentes verdadeiros sob o senhorio de Jesus Cristo. É uma comunhão redentora na qual a Palavra de Deus é pregada por pessoas divinamente chamadas e os sacramentos são administrados segundo a própria determinação de Cristo. Sob a disciplina do Espírito Santo, a Igreja existe para a manutenção do culto, para a edificação dos crentes e para a redenção do mundo. (CARVALHO E. J., 2008, p. 123).

Esta comunidade de crentes é discipulada e enviada ao mundo para dar continuidade da missão de fazer discípulos as pessoas divinamente chamadas sob determinação de Cristo com o poder do Espírito Santo e forma um corpo unido. O discipulamento consiste na instrução das pessoas convertidas para que sejam novas criaturas capazes de tomarem um novo teor de vida. No entanto, Igreja local é escola da vida, que prepara homens e mulheres com valores morais, cívicos e patrióticos, para que sejam bons cristãos e boas cristãs capazes de melhor servirem a pátria.

1.2 – O Protestantismo

A História da Igreja segundo Jesse Lyman Hurlbut (1979), traz-nos à memória o surgimento dos cinco movimentos predecessores de reforma que remonta desde 1170 ao sul da França com os Albigenses ou Cátaros¹, mais chamados puritanos que se opunham as

¹ Os Albigenses ou Cátaros, fazem parte a movimento cristão da Reforma Protestante, são referidos a uma importante cidade do sul da França que se converteu ao catarismo. Esta palavra cátaro é de origem grega καθάρως, que transliteralmente lê-se katharós, katharos com significado de puro.

doutrinas Romanas do purgatório², a adoração de imagens e as pretensões sacerdotais de persegui-los até a sua extinção. Eles rejeitavam o Antigo Testamento e davam ênfase ao Novo Testamento que distribuía na comunidade. Motivo pelo qual foram tidos como hereges porque apregoava doutrina contrária na vigência do papa Inocêncio em 1208.

O segundo movimento reformista, surgiu ao mesmo tempo que os Cátaros no ano 1170, sob liderança de “Pedro Valdo, um comerciante de Lyon” (HURLBUT, 1979, p. 131), que fundou ordem de evangelistas, conhecidos de pobres de Lyon que liam, explicavam e distribuía as Escrituras. Eles contrariavam os costumes e doutrinas dos Católicos Romanos, também viajavam do centro ao sul da França conquistando adeptos. Diante desta atitude, conforme Jesse Lyman Hurlbut (1979), foram fortemente perseguidos e expulsos da França e foram para os vales do norte da Itália, onde encontraram abrigo e de lá permaneceram e constituem actualmente um pequeno grupo de protestantes, por resistir as intempéries no período de fortes perseguições. Este movimento conseguiu encontrar refúgio e sobreviveu por ter conseguido adeptos que permitiu ao aumento de membros deste grupo, comparativamente ao movimento dos Albigenses que não encontrou a mesma sorte ou bênção.

O terceiro movimento da reforma, foi liderado por John Wyclif (1328-1384)³ e teve o seu início na Inglaterra, segundo Jesse Lyman Hurlbut (1979), este movimento levantou a favor do povo que estava sob domínio do poder Romano e não reconhecia a autoridade do Papa e opunha-se contra a doutrina da transubstanciação⁴, considerando o pão e o vinho meros símbolos. Ao desobedecer a autoridade papal, a Igreja Católica Romana não ficou impune a situação. Este foi motivo muito forte de heresia na Igreja, que provocaria martírio à Wyclif. Mas ele teve a bênção de ser protegido pelos nobres influentes da Inglaterra, mesmo tendo insistido que os serviços divinos fossem mais simples. Sendo ele clérigo, foi convidado a voltar à sua paróquia em Lutterworth e continuar o seu ofício sacerdotal. Este movimento chegou a ter muitos adeptos defensores de Wyclif. Os motivos por ele invocados e suas pregações estavam a preparar o caminho da reforma protestante.

² Purgatório é o estado e processo de purificação temporária em que as almas daqueles que morrerem em estado de graça são preparadas para o Reino dos Céus. Ou ainda esta noção do purgatório é associada particularmente com a doutrina da Igreja Católica de um lugar temporário de sofrimento pós-morte.

³ John Wyclif, nasceu em 1324 em Hipswell, Yorkshire, na Inglaterra e estudou na Universidade de Oxford, onde alcançou o título de Doutor em Teologia. Foi Teólogo Inglês, o seu maior trabalho, foi a tradução do Novo Testamento que terminou em 1380. Wyclif, precursor da Reforma Protestante no século XIV, morreu em 1384.

⁴ Transubstanciação diz respeito a Santa Ceia, acto praticado pelos cristãos, que lembra a morte de Jesus Cristo, onde o pão e o vinho após a consagração, passa a ser o símbolo do corpo e sangue de Cristo, sem sofrer alteração, pelo poder do Espírito Santo.

O quarto movimento encabeçado por Jan Huss (1369-1415)⁵ da Boémia, lia os escritos de Wyclif, que o influenciara a seguir os mesmos ideais de apelar aos seus adeptos a libertarem-se da autoridade Papal e chegou mesmo de persuadir toda Boémia para o efeito. Huss foi excomungado e sabendo Papa que ele vivia na cidade de Praga, ordenou que a mesma cidade estivesse sob censura eclesiástica e isso, fez com que Huss saísse da cidade para um lugar de menor visibilidade não identificado onde continuou com o seu ensino. Com a acusação de herege, Huss foi condenado e queimado vivo em 1415. A sua morte foi motivo decisivo no processo da reforma na sua área natal e em toda Boémia, por longos anos.

O quinto movimento teve como líder Jerónimo Savonarola (1452-1498)⁶, Segundo Jesse Lyman Hurlbut (1979), nas suas pregações sempre atacava os males sociais, eclesiásticos e políticos da época, assim como procedia os profetas e a multidão de Florença na Itália, sempre estava ávido de ouvi-lo e obedecia aos seus ensinamentos. Papa vendo que o ensino de Savonarola tinha impacto maior na comunidade, ele foi preso e condenado a enforcamento na praça de Florença e queimado o corpo. Para poder inibir esta acção considerada subversiva e heresia contra a doutrina da Igreja Católica Romana.

O apogeu da Reforma Protestante acontece com Rev. Padre Martinho Lutero (1483-1546)⁷, que fez arder a chama da reforma na Europa com a publicação das 95 teses⁸ na porta da Catedral de Wittenberg, a 31 de Outubro de 1517, opondo-se a venda de indulgências no tempo do Papa Leão X, que destacava-se mais pela sua cultura do que pela fé. Jesse Lyman Hurlbut, ressalta que:

Em razão da necessidade de avultadas somas para terminar as obras do templo de S. Pedro em Roma, permitiu que um seu enviado, João Tetzel, percorresse a Alemanha vendendo bulas, assinadas pelo Papa, as quais, dizia, possuíam a virtude de conceder perdão de todos os pecados, não só aos possuidores da bula, mas também aos amigos, mortos ou vivos, em cujo nome fossem as bulas compradas, sem necessidade de confissão, nem absolvição pelo sacerdote. Tetzel fazia esta afirmação ao povo: "Tão depressa o vosso dinheiro caia no cofre, a alma de vossos amigos subirá do purgatório ao céu." Lutero, por sua

⁵ Jan Huss, nasceu em 1369, em Husinec, na Boémia, República Tcheca. Foi Mestre em Teologia a partir de 1396 e Reitor da Universidade de Praga. Ele pregou na língua Tcheca e não em Latim como era costume e queimado vivo em Constância (martirizado) a 6 de Junho de 1415.

⁶ Jerónimo Savonarola, nasceu 1452, foi monge da Ordem dos Dominicanos, em Florença, na Itália. Foi martirizado em 1498.

⁷ Martinho Lutero, nasceu em [Eisleben](#), no dia [10 de novembro](#) de [1483](#) na Alemanha, foi um [monge Agostiniano](#), [Teólogo](#), Professor Universitário, e reformista da [Igreja Católica](#), cujas ideias influenciaram a [Reforma Protestante](#) e foi chamado Pai do [Protestantismo](#). Faleceu em Eisleben, [18 de fevereiro](#) de [1546](#).

⁸ Ver as 95 teses de Martinho Lutero na Galeria de Anexos.

vez, começou a pregar contra Tetzel⁹ e sua campanha de venda de indulgências denunciando como falso esse ensino” (HURLBUT, 1979, p. 141).

Lutero, movido pelo Espírito Santo, não admitiu que Johann Tetzel continuasse a difundir ensino sobre indulgências que contraria a verdade bíblica e atacou a autoridade do papa, com base no prefácio da Carta aos Romanos 1.17 “Porque no evangelho é revelada, de fé em fé, a justiça de Deus, como está escrito: Mas o justo viverá da fé”. Com esta fundamentação bíblica, Lutero queria mostrar a base da verdadeira vida cristã que é fundamentada na fé e no amor ao próximo. E, quando “Lutero ouviu que Tetzel estava muito doente e esperava pela morte, Lutero escreveu para confortá-lo, e disse-lhe "para não se perturbar, pois a questão não começou por sua responsabilidade, mas a criança tinha um pai diferente." ”(In Internet, modificado ao 21 de Março de 2023). Essas palavras confortantes dirigidas a alguém que tornou-se grande opositor, só tinham de sair numa pessoa verdadeiramente cristã e que não tem mágoa no seu coração. J. H. Merle D`aubigné ressalta que:

Lutero, fiel às promessas feitas a Miltitz, escreveu ao papa no dia 3 de Março a seguinte carta: “Bemaventurado padre! Digne-se vossa santidade inclinar os ouvidos paternais, que são como os do próprio Cristo, para a vossa pobre ovelha, e escutar-lhe bondoso o balido. Que fazer, padre santíssimo? Não posso suportar o corisco de vossa ira, e não sei como fugir-lhe. Exigem que eu me retrate. Apressar-me-ia em fazê-lo, se julgasse que isso poderia levar ao fim a que se mira (D`AUBIGNÉ, s.a., pp. 14,15).

Lutero não aceitou retratar-se e no momento difícil de sua vida com a Igreja Católica Romana, quem deu-lhe guarita em segurança foi seu amigo Frederico, no castelo de Wartzburg em Turingia. Em meio deste conflito religioso, em 1529 reuniu-se na cidade de Espira em busca de reconciliação os governadores católicos por serem a maioria, condenaram a doutrina de Lutero e proibir qualquer ensino de Lutero nos estados governados pelos católicos. E, determinaram que nos estados governados pelos Luteranos os Católico poderiam exercer a sua actividade religiosa livremente. Os Príncipes Luteranos protestaram contra esta lei desequilibrada e odiosa. A partir desse momento, ficaram conhecidos como Protestantes e

⁹ Johann Tetzel, nasceu 1465em Pirna, Saxônia na Alemanha, foi Frade Dominicano da Igreja Católica Romana, estudou Teologia e Filosofia na Universidade de Leipzig, em 1517 Licenciou-se em Sagrada Teologia na Universidade de Frankfurt an der Oder e em 1518 tornou Doutor em Sagrada Teologia, por defender as indulgências contra Martinho Lutero. Em 1509, foi inquisidor na Polónia, em 1517, Papa comissionou-o para vender indulgências em toda Alemanha, a posição que Martinho Lutero contestou. Tetzel, foi lhe atribuída a frase: Tão logo uma moeda na caixa cai, a alma do purgatório sai. Ele morre no dia 11 de Agosto de 1519 em Leipzig, Saxónia, na Alemanha.

as doutrinas por eles defendidas, passaram a ser chamadas de Religião Protestante. Até a presente data, 31 de Outubro, passou a ser o Dia da Reforma Protestante, uma data comemorativa em algumas Igrejas Evangélicas (Protestantes). A doutrina de Lutero, tem como base na Justificação pela fé. Depois o processo da Reforma generalizou em outras partes da Europa e foram surgindo outros reformadores, com maior destaque a João Calvino (Jean Calvin 1509-1564)¹⁰, que por aceitar os princípios da reforma, foi expulso da França em 1528 e refugiou-se em Genebra, que segundo Jesse Lyman Hurlbut (1979), onde permaneceu até a sua morte. O principal centro do Protestantismo, foi a Academia Protestante fundada por Calvino, Teodoro Beza e outros reformadores. Calvino apreendeu a doutrina da Predestinação. Para ele tudo Deus predestinou, uns para o inferno e outros para a vida eterna.

1.3 - O Contexto Histórico da Implantação da Igreja Cristã em Angola

Ao debruçarmo-nos da implantação da Igreja Cristã em Angola, devemos dar uma pincelada no processo histórico da expansão europeia e os primeiros contactos do navegador Português Diogo Cão, que atracou na foz do rio Zaire, a 28 de Agosto de 1482, recebido em Ambasse, capital do reino do Congo. E, Bispo Emérito Emílio de Carvalho, ressalta que:

A primeira expedição missionária enviada pelo rei D. João II ao Congo, chegou à foz do rio Zaire em 29 de Março de 1491 comandada por Gonçalo de Sousa, que morreu durante a viagem por alturas de Cabo Verde, tendo sido substituído pelo seu irmão Rui de Sousa. Esse primeiro grupo de missionários, operários e colonos chegados ao Congo com o colonialista Rui de Sousa, convenceu o Mani Congo Nzinga a Nkuvu a deixar-se baptizar Depois de lhe haver mostrado as vantagens que isso traria ao rei (prometeram-lhe que o rei de Portugal passaria, dali em diante, a considerá-lo como igual...), Nzinga a Nkuvu montou no seu palácio uma cerimónia, durante a qual ele foi baptizado, bem como os membros de sua família e outros dignitários da sua corte (CARVALHO E. J., 1995, p. 56).

O rei Nzinga Nkuvu, submeteu-se ao baptismo, para cumprir formalidades como soberano, por causa de questões políticas e materiais e não pela conversão. Aqui os missionários católicos imbuídos de espírito colonialista e de aculturação, mudam o nome de Nzinga Nkuvu para D. João I e a esposa recebe o nome de Leonor. Assim, o rei do Congo torna-se primeiro cristão do solo Angolano e dá a oportunidade os colonos portugueses de

¹⁰ João Calvino (Jean Calvin), nasceu no dia 10 de Julho de 1509, em Noyon, França. Líder religioso da Reforma Protestante na França, Teólogo e Jurista, Humanista, filho de Gérard cauvin e Jeanne le franc, foi escritor cristão, órfão de mãe aos seis anos de idade, faleceu ao 27 de Maio de 1564 em Genebra, Suíça.

explorarem o interior do reino do Congo. Em 1940, a Santa Sé e a República Portuguesa, sempre assinaram Concordatas¹¹, para estabelecer as balizas bilaterais e Luanda tornou-se Arquidiocese, durante o reinado do Papa Pio XII e Governo de António Salazar. Em 1575 a 1680 foram chegando Padres Jesuítas, Franciscanos, Dominicanos, Espiritanos e Padres seculares, que foram distribuídos por todo território Angolano, com objectivo superficial de evangelizar e ao fundo estava por detrás da capa a expansão e a exploração colonial.

A implantação das Igrejas Protestantes ou Evangélicas, aconteceu na véspera e depois da Conferência de Berlim 1884-1885, onde as potências capitalistas disputavam a partilha de África. O Revmo Bispo Emérito Emílio Júlio de Carvalho, distribui em seis fases principais, conforme se segue:

- 1) A 8 de Agosto de 1878 chegaram a Mbanza Kongo «os primeiro missionários protestantes», os baptistas da Livingstone Inland Mission, Henry Craven e Strom, e da Sociedade Missionária Baptista (Baptista Missionary Society), George Grenfell e Thoamas J. Comber, integrados numa expedição científica do explorador Henry Morton Stanley, enviada sob os auspícios do governo colonial inglês. O primeiro Africano a receber o baptismo das mãos desses primeiros missionários baptistas ingleses foi N'KULU MANTU e isso em 29 de Março de 1886, em Mbanza Kongo. 2) A desconfiança, suspeita e os protestos dos portugueses em relação a essas Missões estrangeiras no Congo, então uma zona de enorme influência política, aumentavam dia para dia. 3) Em 1880 chegavam a Benguela os congregacionalistas americanos William W. Bagster, William Henry Sanders e o leigo negro libertado Samuel Taylor Miller, enviados pela Junta Americana de Missionários para as Missões Estrangeiras (American Board of Commissioners for Foreign Missions). A estes vieram juntar-se, em 1886, os missionários canadianos congregacionalistas, tendo fundado Missões no planalto central. 4) Assim, a exemplo do que aconteceu no Congo, também no planalto central a chegada dos missionários americanos suscitou idêntica reacção da parte do governo colonial à suscitada pela chegada dos missionários ingleses. 5) Em 1883 chegava a Angola as primeiras caravanas de Irmãs Franciscanas, missionárias de São José de Cluny. Fixaram-se na Missão do Congo em Landana, enquanto as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras portuguesas chegavam para o novo hospital «Maria Pia» em Luanda A partir de 1885 chegaram missionários de outras sociedades missionarias protestantes. Os Metodistas americanos da IGREJA METODISTA EPISCOPAL (Methodist Episcopal Church) chegaram a Luanda no dia 18 de Março de 1885, dirigidos pelo Bispo William Taylor. 6) Ainda em 1885 haviam tocado Cabinda os missionários

¹¹ Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, com XXXI Artigos, celebrada na cidade do Vaticano a 7 de Maio de 1940. Ver o conteúdo na Galeria de Anexos.

da Aliança Cristã e Missionaria (Christian and Missionary Alliance), ... depois de 1910 e em Mboca em 1907, ... O Escocês independente Zachariah Mathew Stober fundou a MISSÃO EVANGELICA DE ANGOLA. (CARVALHO E. J., 1995)

Houve essa chegada sucessiva de Missionários Católicos e Protestantes, no período da ocupação efectiva de Angola pelos Portugueses e reinou o espírito de desconfiança por parte do governo português. E, os Missionários passaram de missiologia para eclesiologia, pois, com espírito abnegado e de sacrifício em detrimento do Evangelho, muitos perderam vidas e jazem no solo Angolano, para despertar e salvar os perdidos em trevas. O trabalho que fizeram, contribuiu para nossa liberdade hoje.

1.4 – A Diferença entre Igreja Católica e as Igrejas Evangélicas

A Reforma protestante do século XVI, trouxe mudanças no sistema religioso, dando origem as Igrejas Evangélicas com fundamento nas Boas Novas de salvação através do Evangelho, que é um termo de origem grega *εὐαγγέλιον* (euangelion) (COENEN & Brown, 2000). Os Evangélicos seguem e cumprem com as **cinco solas** de Martinho Lutero, por terem a sua origem na Reforma Protestante, Conforme se segue:

1. *Sola Escripura*: Só as Escrituras, considerando válidos os princípios Bíblicos;
2. *Sola Gratia*: Só pela Graça de Deus somos salvos;
3. *Sola Fide*: Só pela fé, os nossos pecados são perdoados e não pelas ações;
4. *Solus Christus*: Só em Cristo encontramos a salvação;
5. *Soli Deo Gloria*: Só Deus deve ser Glorificado ou Glória apenas a Deus.

No quadro abaixo, vamos apresentar algumas diferenças entre a Igreja Católica e as Igrejas Evangélicas:

N/O	Igreja Católica Romana	Igrejas Evangélica
01	A Bíblia é considera válida, adicionando a tradição Católica Romana e era lida ao público apenas em latim.	A Bíblia é considerada válida, por a único livro escrito por homens inspirados por Deus. É lida na língua do povo.
02	A Bíblia contém 73 livros, dos quais: 46 no Antgo Testamento e 27 no Novo Testamento.	A Bíblia contém 66 livros, dos quais: 39 no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento.
03	Possui imagens de santos e veneram nelas, como recordação daqueles que dedicaram-se a Igreja e admiradas pela fé.	São contra a veneração de imagens de santos e consideram-nas com idolatria.
04	O Papa, é Sumo Pontífice, Santo	Não possuem Papa, alegam não condizer

	Padre, o sucessor de Pedro.	com a Bíblia.
05	Maria mãe de Jesus, acreditam que ela intercede junto de Deus.	Maria mãe de Jesus, respeitam e admiram e acreditam em Jesus que intercede junto de Deus.
06	Autoridade Eclesiástica, e representa o Estado do Vaticano (Santa Sé) pela presença de Núncio Apostólico (Embaixador) num determinado país.	Somente Autoridade Eclesiástica.

Apresentamos alguns aspectos que diferem a Igreja Católica das Igrejas Evangélicas. Quer a Igreja Católica assim como as Igrejas Evangélicas, todas são Igrejas Cristãs, porque professam sua fé em Jesus Cristo. As diferenças existentes nunca serviram de barreiras na interacção e na realização de Cultos ecuménicos nas comemorações de efemérides de âmbito nacional.

1.5 - A Missão da Igreja

A missão da Igreja é pregar a Palavra e salvar, trazer o mundo aos pés do Senhor; mostrar que Ele é a luz, só nele há salvação. Nossa missão é amar, pregar, trazer liberdade aos cativos, alegria aos aflitos, contritos de coração, vida e saúde aos enfermos.

A Igreja está no mundo para cumprir a missão multifacética na vida humana. Encontramos o cerne (o âmago) desta missão nas palavras de Jesus Cristo, citando o texto de Isaías no registo de Lucas que diz: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos”(Isaías 61:1,2; Lucas 4:18). A missão da Igreja é tão importante na vida da sociedade que não se limita apenas na evangelização, como também na cura da alma aos quebrantados de coração, na libertação aos cativos e consolar os que choram.

É uma missão integral, que atinge o ser humano e capaz de pô-lo em perfeita liberdade. É neste contexto que o Salmista escreveu: “O Senhor é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refúgio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte” (Salmo 18:2). Deus é quem capacita para o cumprimento de qualquer missão nesta terra tenebrosa para o alcance da liberdade.

Lawrence W. Henderson, na sua obra a Igreja em Angola, citando Bispo Emílio de Carvalho, quando referia-se sobre a questão religiosa na República Popular de Angola, afirmou:

.... A tarefa da Igreja é apresentar o Evangelho libertador como algo que remete para todos os aspectos da vida e da sociedade angolana e como um

factor de equilíbrio entre os homens e as mulheres, jovens e crianças da nossa pátria. Assim, para a Igreja, a religião deixará de ser uma forma de alienação humana, de obscurantismo, ópio ou ilusão, para se transformar num grande factor de libertação e de verdadeira emancipação (CARVALHO E. J., 1978)

A Igreja sempre interessou-se no ensino do evangelho libertador à comunidade onde se encontra inserida. Despertando-a para que saia do estilo de vida subjugada, a fim de viver debaixo da graça divina e numa sociedade livre da opressão satânica, assim como na arena sócio-política. Moisés Kamabaya enaltecendo o papel da igreja, ressalta que “na verdade, e de certo modo, foi a [Igreja] cristã que nos deu a unidade do sentimento nacionalista que nos faltava quando os europeus chegaram a África.... Ao longo da História, se tornaram autênticos guias do povo de Deus e pais fundadores do nacionalismo angolano” (KAMABAYA, 2014, pp. 128,129). Ao falarmos da Igreja cristã, estamos em presença de Igrejas cristãs trazidas por missionários americanos, ingleses e canadenses, com a visão libertadora e com o interesse de despertar dos autóctones, rumo a autonomia geopolítica. Esta autonomia só torna possível alcança-la por meio de independência.

Ao debruçarmo-nos sobre Independência, estamos diante de qualidade ou estado em que não se depende de outrem e implica liberdade. Aqui, refere-se ao povo que põe fim o jugo colonial e no caso de Angola, considera-se o maior ganho de toda nação.

Na Enciclopédia Livre, encontramos a publicação sobre independência que;

Por sua vez, implica um poder soberano que não permite que nenhum outro Estado possa imiscuir-se nos assuntos do Estado soberano. Este, possui também poder auto normativo (poder de definir as normas que regerão as relações entre os componentes do grupo) e um território sobre o qual possa exercer a sua jurisdição. Em nosso contexto, hoje, compreende uma ideia de soberania que não pode, de forma alguma, restringir-se à política interna, mas integrar-se à necessária convivência externa com outras nações e interagindo, externamente, em conformidade ao direito internacional (Enciclopédia Livre, 2010).

A Independência pressupõe a não dependência de nenhum outro Estado, tendo a nação ao gozo de liberdade e autonomia política, económica, jurídica e social. Esta liberdade leva a tomada de decisões internas que conduzem a nação de maneira que os cidadãos se identifiquem com os símbolos nacionais. Também requer cooperação externa com outros países que permitirá o intercâmbio em todas esferas da vida humana com o mundo circundante. Pois a justiça, a dignidade e homens livres, só aparecem onde a independência é

proclamada e efectiva. Ao contrário, reinará a crueldade, brutalidade, hostilidade, tortura e desvalorização do direito do ser humano. Mário Moutinho de Pádua, ressalta que: “A África escreverá a sua própria história e ela será, ao norte e ao sul do Saará, uma história de glória e dignidade” (PÁDUA, 2011, p. 58). Esta foi profecia em tempos dolorosos e agora podemos contribuir na reconstrução da nossa História, por estarmos livres da opressão colonial.

CAPÍTULO II – A GUERRA E AS IGREJAS ANGOLANAS 1961-1975

2.1 – A Influência da Igreja Cristã e a Luta de Libertação de Angola

Neste ponto vamos-nos ater às Igrejas Evangélicas Baptista, Congregacional e a Metodista Unida descritas na temática deste trabalho. São Igrejas implantadas no nosso solo pátrio nos meados do século XIX, que ao longo da sua peregrinação evangelística conheceram ondulações na luta anticolonial, vistas como aquelas que despertariam e acordariam esperanças dos angolanos para o alcance da liberdade sob jugo colonial.

Maria de Fátima Republicano de Lima Viegas, ressalta que no século referido foram implantadas em Angola, “a Igreja Evangélica Baptista em Angola (1878) IEBA, Igreja Evangélica Congregacional de Angola (11.11.1880) IECA, Igreja Metodista Unida em Angola (18.03.1885) IMUA, Igreja Evangélica do Sudoeste de Angola (11.11.1897) IESA, e Igreja Evangélica de Angola 1898 IEA” (VIEGAS, 1999), actualmente a IESA, é designada de Igreja Evangélica Sinodal de Angola, a partir do seu primeiro Centenário comemorado em 1997 na cidade do Lubango. No período em que as Igrejas Evangélica Baptista em Angola, Evangélica Congregacional de Angola e a Metodista Unida em Angola, foram implantadas neste solo pátrio, onde segundo Lawrence W. Henderson, “não existia qualquer fronteira oficial. O tratado que veio estabelecer os limites a norte de Angola foi assinado apenas a 25 de Maio de 1891 entre Portugal e o Estado Livre do Congo” (HENDERSON, 2001, p. 14).

Essas Igrejas, muito se empenharam no ensino da verdade bíblica que apela ao amor ao próximo e na Justiça social. Estes aspectos velam na valorização e no respeito à vida. A vitória alcançada na luta de libertação, é sempre uma conquista do povo. Esta conquista requer bastante sacrifício por todas as forças vivas da nação.

As Igrejas Evangélicas surgem todas dentro de um processo da Reforma Protestante, que culminou com Martinho Lutero, que nasceu em Eisleben na Alemanha no dia “10 de Novembro de 1483 e faleceu em Eisleben, 18 de Fevereiro de 1546” (Enciclopédia Livre, 2010) que atingiu o seu clímax quando a 31 de Outubro de 1517, “mandou afixar na porta da capela do castelo de Wittemberg, uma lista de 95 proposições condenando esta prática” (GUERRA, p. 307) das indulgências no tempo do Papa Leão X, com base no prefácio da Carta aos Romanos, “O justo viverá pela fé”(Romanos 1:17b). Para Lutero, a prática das indulgências entrava em contradição com as Escrituras Sagradas. Por isso, não aceitou retratar o que escreveu, defendendo a sua posição em defesa da fé e da verdade bíblica.

Para Maria Luísa Guerra, a reforma Luterana tinha como fundamento, o seguinte: “...Somos da mesma maneira cristãos, porque são o baptismo, o Evangelho e a fé os únicos

que formam o estado eclesiástico e o povo cristão” (GUERRA, p. 309). Atendendo a situação reinante na altura que era de grande preocupação, Lutero sai no catolicismo e faz um apelo á nobreza cristã, sobre este tríplice: baptismo, Evangelho e a fé, como único fundamento que une os cristãos e não a compra de indulgências para o alcance do perdão, como o fez papa Leão X, que 1517 mandou alguns padres dominicanos à Alemanha com a finalidade de arrecadarem esmolas para o término da construção da Basílica de São Pedro. O monge Agostiniano Martinho Lutero, achou que não tinha algum valor espiritual nesta atitude. Para os seus antecessores reformistas, Maria Luísa Guerra, ressalta que:

Wyclif no século XIV, em Inglaterra, e João Huss, na Boémia (século XV), renunciaram uma interrogação dolorosa sobre a fé, o valor do culto, a autoridade da Igreja. Jerónimo Savonarola pregou em 1495 um sermão muito ousado sobre «A Renovação da Igreja». O «herético» monge italiano defendia o regresso à pura tradição bíblica e à verdadeira prática evangélica (GUERRA, p. 306).

Estes reformistas, levaram a cabo um árduo trabalho que durou séculos (XIV-XVI) para sua concretização da verdadeira prática do Evangelho que se assenta na fé em Jesus Cristo. Foram considerados hereges, como que estivessem a desnortear o ensino da Igreja. A fé defendida pelos reformistas, contribuiu na expansão do Evangelho e alimentou a esperança dos Missionários vindos dos “E. U. A. e Reino Unido (Europa)” (VIEGAS, 1999, pp. 31,37,65), Trouxeram o Evangelho de Jesus Cristo à Angola, para libertar o angolano não só das garras satânicas mas em todo domínio da vida espiritual e material.

De entre várias Igrejas Evangélicas surgidas no século XIX, a nossa humilde contribuição cinge-se apenas nas três, nomeadamente: Igreja Evangélica Baptista em Angola, Igreja Evangélica Congregacional de Angola e Igreja Metodista Unida em Angola.

2.1.1. - Igreja Evangélica Baptista de Angola - IEBA

Ao debruçarmo-nos sobre Igreja Evangélica Baptista em Angola, começáremos com Lawrence W. Henderson que realçou o seguinte:

... A Sociedade Missionária Baptista, foi criada em 1792 por inspiração de William Carey (1761 – 1834)¹². O pai e o avô de Carey tinham sido professores em escolas de aldeia e eram dirigentes leigos na zona dos Midlands em Inglaterra. Carey gostava muito de ler livros sobre viagens e começou a

¹² William Carey, nasceu no dia 17 de Agosto de 1761, em Northamptonshire, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, Botânico, Tradutor, Missionário, Escritor e Sapateiro. Conhecido como Pai das Missões Modernas. Foi um dos fundadores da Sociedade Missionária Baptista. Evangelizou e fundou escolas. Faleceu no dia 09 de Junho de 1834 em Caucutá.

entusiasmar-se pela geografia e pelas línguas estrangeiras. Mas como a sua família vivia em condições humildes, ele tornou-se, aos catorze anos de idade, aprendiz de sapateiro. (...) e através do contacto com dissidentes da Igreja Anglicana, ele «teve uma experiência religiosa muito séria, tendo-se, mais tarde, integrado no seio dos Baptistas»... sua religiosidade levou-o a interessar-se cada vez mais pelas missões (HENDERON, 2001, p. 46).

A experiência religiosa de William Carey¹³, contribuiu bastante para a concretização do ide e pregai assim como na sua frase profética do seu “sermão em Maio de 1792, (...) «Esperai coisas magníficas de Deus. Realizai coisas magníficas para Deus» ” (HENDERON, 2001) Há aqui nesta frase de Carey, um paralelismo com a frase constante na página 21 de Apóstolo Paulo, quando dizia: O justo viverá pela fé. O pensamento de Carey, levou a convocação de uma “reunião em Kettering, a 2 de Outubro 1792, tendo-se criado uma Organização que mais tarde veio a denominar-se Sociedade Baptista Missionaria” (HENDERON, 2001). Esta Organização, foi criada na perspectiva de levar o Evangelho de Cristo às terras estrangeiras e de lá serem implantadas Igrejas e o nosso país não foi excepção de esperar a maravilha de Deus operada por intermédio de seus filhos e filhas que consentiram sacrifício.

F. James Grenfell, ressalta que “Robert Arthington escreveu à B.M.S., em 14 de Maio de 1877, oferecendo-se para pagar as despesas de um grupo de prospecção que fosse ao Congo examinar as possibilidades de trabalho missionário” (GRENFELL, 1998, pp. 17,18). O trabalho missionário exige custos com as deslocações, alimentação, saúde, alojamento e outras despesas não especificadas. Quanto mais se trata de viagens bastante longas e em terras desconhecidas, carecem de preparações e de apoios de vária índole. Arthington conhecendo as dificuldades das viagens missionárias e mostrando interesse com a África, predispõe-se em ajudar as pessoas dispostas em cumprir esta missão árdua e honrosa. Ele não exigiu retorno, visto que tinha a consciência tranquila, dando o seu contributo na expansão do Evangelho. Grenfell, confirma o seguinte:

B.M.S., aceitou o desafio. (...) Três semanas mais tarde, a reportagem que o DailyTelegraph fez sobre a chegada de Stanley à foz do Congo, após três anos de viagem (...). George Grenfell e Thomas Comber já estavam a trabalhar como missionários da B.M.S. nos Camarões. Em Novembro a Sociedade

¹³ William Carey (1761-1834), nasceu em Paulespury, na aldeia de West Northamptonshire, Inglaterra. Fundador da BMS – Baptist Missionary Society, (Sociedade Missionária Baptista), em 1792. Ver a Imagem na galeria de Anexos.

escreveu-lhes, convidando-os a visitar o Congo. (...) Ambos ficaram entusiasmados, e fizeram uma breve visita de averiguação dos factos, em Janeiro de 1878, às cidades ribeirinhas de Ponta-de-Lehna, Boma e Musuku onde se iniciaria a viagem por terra até S. Salvador. (...) Com eles foram oito obreiros africanos da Costa Oeste, incluindo um angolano, chamado Misilina, um refugiado de S. Tome, que sabia falar português e algum Kicongo (GRENFELL, 1998, p. 18).

Segundo GRENFELL (1998), a B.M.S. recebeu com agrado o espírito generoso de Robert Arthington e convidou missionários experientes da sua missão nos Camarões e eles na sua segunda viagem ao Congo, levaram consigo um obreiro leigo da missão Camaronesa Misilina que servisse de intérprete suprimindo assim a dificuldade da língua portuguesa, atendendo que a língua é um veículo importante na comunicação. Após a chegada dos missionários a S. Salvador do Congo que , permaneceram quatro domingos, apenas comunicavam-se entre si na língua inglesa. O rei do Congo, D. Pedro V (Ntotela, Ntinu Nekongo), ficou inquieto com o silêncio dos mesmos, e disse:

Não percebo a vossa maneira de proceder. Disseram-me que vinham para me ensinar a mim e ao meu povo acerca de Deus, mas até agora não o têm feito. Há já quatro domingos que aqui estão. Sei que se reúnem aos domingos para ler, cantar e rezar, mas nunca me pediram, nem a mim, nem a mais ninguém, que se juntasse a vós, nunca nos ensinam nada. Que espécies de missionários são vocês? Têm de nos ensinar. (HENDERON, 2001, p. 50).

Podemos aqui compreender a preocupação do rei do Congo para com o ensino dos missionários aos autóctones. Por causa da dificuldade da língua, não puderam fazê-lo logo de imediato e aguardaram pelo tempo oportuno por mais uma semana e reuniram no recinto real, com os nativos estando presente o rei D. Pedro V. Neste, “Misilina pregou em Kikongo da melhor maneira que lhe foi possível” (HENDERON, 2001, p. 51). Ele é angolano que “nasceu em Luanda, Angola, e fora levado de lá, como escravo, para trabalhar nas plantações de S. Tomé e Príncipe onde casou. Mais tarde fugiu para os Camarões ... com sua mulher e dois filhos” (HENDERON, 2001, p. 49). Este angolano tornou-se cristão fervoroso nos Camarões e muito prestável. “Sabia falar inglês, português e tinha uma língua que era parecida com o Kikongo; sabia também alguma coisa do ofício de pedreiro” (HENDERON, 2001). Nesta grande obra do ensino, da primeira Igreja Protestante em Angola, teve a participação do angolano que saiu do seu solo pátrio nas condições deploráveis e regressa na missão evangelística como homem livre e com a vontade de libertar os seus concidadãos. Este

espírito de missão, comoveu jovens cristãos nos Estados Unidos da América no sentido de trabalharem com as Igrejas Congregacionais, para as missões em África. Não deixaríamos de destacar outro filho autóctone da Damba, província do Uíge, Rev. Daniel Ntony-a-Nzinga, mais chamado de Daniel Ntoni Nzinga, que segundo fonte do Conselho de Igrejas Cristãs em Angola (CICA), onde foi primeiro Secretário Geral (1977-1984)¹⁴, a quando das comemorações dos 40 anos de existência em 2017, fez-se referência a este destemido filho cristão e líder que deu seu contributo fervorosamente enquanto estudante do ensino superior no Congo, preocupou-se com a sua Igreja e fundou a Associação dos Cristãos das Igrejas Baptistas de Angola no Congo (ACEBAC), que em 1970 mudou para Associação dos Cristãos das Igrejas Baptistas de Angola (ACEBA) e em colaboração com a Comissão de Coordenação das Missões Baptistas fundadas pela BMS em Angola que posteriormente essas Missões evoluíram para Igreja Evangélica Baptista em Angola passando a ser ministro ordenado da IEBA e professor de Teologia e da Antropologia no Seminário Teológico Baptista (STB da IEBA). Por sua influência, a IEBA chegou a Luanda capital de Angola.

É de recordar que a BMS, conseguiu fundar missões em:

- S. Salvador do Kongo (actual Província do Zaire);
- Uíge:
 - Kibokolo (1899);
 - Bembe (1932).

Com o início da guerra de libertação nacional em Angola, o regime colonialista, destruiu as Missões de Kibokolo e do Bembe, tendo os cristãos e missionários refugiado para Congo – Belga. Depois da Independência de Angola em 1975, segundo Grenfell (1998), reuniram os Líderes da Igreja em Angola com a BMS em Julho de 1977 e como fruto desta reunião, foi constituída a IEBA.

2.1.2. - Igreja Evangélica Congregacional de Angola - IECA

Esta Igreja surge dentro da iluminação divina aos jovens cristãos estudantes, cheios de fé e desejosos de levarem a Palavra Divina aos povos que ainda não estavam evangelizados. E, Lawrence W. Henderson realçou o seguinte: “ Em 1806, alguns estudantes do William College, no Massachusetts, E.U.A., que se reuniam regularmente para orar, convenceram-se que Deus os chamava para obedecer ao mandamento do Senhor, (...) Conseguiram convencer as Igrejas Congregacionais do Massachusetts e de Connecticut a formar a Junta Americana de Comissários para as Missões Estrangeiras (ABCFM) ” (HENDERON, 2001, pp. 64,65).

Estes jovens cristãos estudantes, tiveram a mente aberta e responsabilidade no cumprimento do imperativo deixado por Jesus Cristo “Ide por todo mundo e pregai o

¹⁴ Ver a imagem nos anexos.

evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15). E com a criação da ABCFM de uma forma visionária, conseguiriam atingir os objectivos de salvar povos nesta terra por meio do Evangelho através das Igrejas Congregacionais, enviando homens preparados para cumprirem missões no estrangeiro. A sua “primeira missão fundada em África pela ABCFM foi na África do Sul, em 1836” (HENDERON, 2001, p. 65). A partir desta missão em Natal entre os Zulus, partiriam para atingir a Angola. Atendendo que a missão evangelística é onerosa, precisariam de fundos financeiros para a concretização deste plano. E, Lawrence W. Henderson, realçou o seguinte:

Mas, um dia, Robert Arthington da cidade de Leeds, em Inglaterra, que em tempos incitara a BMS a penetrar no Congo, ofereceu à ABCFM 1000 libras (...) e, quando a Junta Americana recebeu uma herança no valor de um milhão de dólares da propriedade de Asa Otis, de New London, Connecticut, o problema ficou resolvido. A Junta encarregou o seu secretário, Dr. John O. Means, de apresentar um relatório onde expusesse a avaliação sobre oito hipotéticos campos, na África Central. Neste relatório, o Dr. Means recomendou um outro campo, em vez do que havia sido sugerido pelo major Malan, que aconselhara a penetração pela África Oriental. Para a escolha da «região do Bié e do Cuanza», o Dr. Means apresentou as seguintes razões: (...) 1- Esta área, de onde saíram muitos escravos, tem um significado muito especial para os cristãos americanos (...); 2- É muito fácil chegar-se ao Cuanza e ao Bié. (HENDERON, 2001, pp. 65,66).

O capital financeiro tem condicionado toda e qualquer actividade humana em diversos domínios da vida quer política, económica e social. Pessoas de boa fé, com o sentimento de amor ao próximo, se comprazem com as necessidades dos que precisam de qualquer apoio. Queremos aqui destacar a sensibilidade e a generosidade de Robert Arthington, que sempre apoiou as missões para o estrangeiro e principalmente para África, enquanto que a Asa Otis, de New London, Connecticut, deu maior contributo na minimização da maior dificuldade financeira da ABCFM ao doarem a herança no valor de um milhão de dólares.

Estes doadores, fizeram com que Dr. John O. Means, Secretário da ABCFM pudesse escolher regiões de Angola ao contrário da proposta trazida pelo Major Malan, que é “oficial do exército britânico, já na reforma, que em tempos trabalhara como evangelista na África do Sul” (HENDERON, 2001, p. 65). A fundamentação do Dr. Means, fez com que a Junta aceitasse a “fundação da missão na parte ocidental da África Central, no mês de Outubro de 1879” (HENDERON, 2001, p. 66). Data em que aconteceu o grande encontro da ABCFM.

No ano seguinte, a Junta envia três missionários, que segundo Rev. Dr. Augusto Chipesse, “tinham por destino o Bié, como centro de Angola, para ali implantar a primeira Missão Congregacional” (CHIPESSSE, p. Nº 278). Relativamente a expedição destes missionários, Lawrence W. Henderson, confirma o seguinte:

O chefe desta primeira expedição, o Rev. William W. Bagster, tinha 32 anos de idade e era neto de Samuel Bagster, o editor da Bíblia Poliglota, em Londres. O Rev. William Henry Sanders, o segundo elemento do grupo, nascera no Ceilão em 1856 e era filho de pais missionários. O terceiro membro foi o primeiro missionário negro em Angola; chamava-se Samuel Taylor Miller, nascera na Virgínia e era professor. Os seus pais eram escravos e, logo que foram libertados, ele entrou para a escola tendo completado o curso no Instituto de Hampton (HENDERON, 2001, p. 66).

Samuel Taylor Miller, é tido primeiro missionário negro em Angola na missão da ABCFM. Olhando para as Igrejas Evangélicas em Angola, encontramos Misilina, igualmente Angolano que tinha sido levado como escravo e regressa á sua Pátria vindo dos Camarões como missionário leigo em Missão da BMS “que fizeram dele um valioso obreiro na implantação da Igreja no Norte de Angola” (GRENFELL, 1998, p. 49). A participação de Angolanos no seio dos missionários das duas missões referenciadas, merece destaque pela contribuição prestada nesta nobre tarefa da salvação e do ensino e aprendizagem. Foram feitos vários estudos no sentido de encontrar a via de acesso para o Bié. Foi assim que os três primeiros missionários da ABCFM, embarcaram de Lisboa e atracaram em “Benguela, que era o porto de entrada do Bié” (HENDERON, 2001, p. 66). Durante a sua permanência em Benguela, estiveram engajados nos preparativos desde Novembro de 1880 à 9 de Março de 1881, para darem continuidade da viagem para atingirem o destino preconizado. Lawrence W. Henderson realçou o seguinte:

A viagem era muito demorada e extremamente cansativa. Bagster ia montado num boi, Sanders e Miller começaram a viagem de tipoia, mas foram a pé a maior parte do caminho. Havia sete burros na caravana, mas a maioria da bagagem foi transportada por sessenta homens, carregando cada um cerca de trinta quilos. Se incluirmos os videiros, a caravana era composta por um total de 95 pessoas. (HENDERON, 2001).

Segundo o Novo Dicionário de Língua Portuguesa, a palavra videiros, é de origem francesa, que significa “aquele que vende mantimentos nas feiras ou as tropas que acompanha” (FIGUEIREDO, 1913). Eles chegaram ao Bailundo e foram cordialmente

recebidos pelo rei Ekuikui II, mas o destino preconizado pela ABCFM em Boston, foi de atingir o Bié. Dando as rivalidades que existiam entre os dois reinos, o rei do Bailundu, não permitiu que fossem ao Bié e obrigou-os a voltar á sua aldeia. Preocupados com a questão de comunicação com os nativos, “Sanders dedicou-se ao estudo da língua umbundu, transpondo-a para a escrita” (HENDERON, 2001, p. 67). O conhecimento da língua dos nativos que Sanders adquiriu, ajudou-o a explicar ao rei Ekuikui II, os objectivos da missão que os trouxe, de implantar a Igreja entre os Umbundu, no Centro de Angola. O rei ficou desapontado e irado, quando o missionário falava de Deus e dos dez mandamentos. De imediato mando-o parar de argumentar os objectivos da missão e disse-lhe: “Pára! Se é só isso que vieram dizer-nos, podem ir-se embora, porque isso já nós sabemos!” (HENDERON, 2001) Os missionários ficaram a saber que o rei já conhecia Deus, que é Suku. Mas era um deus visível dos seus ancestrais e não o Deus da santíssima trindade. Eles deveriam falar de Jesus Cristo e da sua cruz como novidade. Já que os dez mandamentos entram em contradição com a religião animista do africano. Na missão evangelizadora, não se deve começar em questões que entram em contradição com hábitos e costumes da tradição angolana. Sob influência de um comerciante Português, “em 1884, por ordem do rei Ekuikui, os missionários foram expulsos do Bailundu” (HENDERON, 2001). O rei confessa a má influência a que foi alvo numa carta que endereçou aos missionários, conforme ressalta Lawrence W. Henderson:

Ao sr. Sanders e Comitiva, missionários: desejo, de todo o coração, que voltem. Eu procedi muito mal convosco e com as pessoas que convosco estão. Eu procedi como se vos tivesse traído, tendo-vos recebido primeiro como meus amigos e meus filhos e depois mandando-vos embora como se fossem meus inimigos. O Braga convenceu-me de uma maneira a que eu não consegui resistir. Ele disse-me, em resumo, que ao acolher aqueles ingleses, eu estava a fazer o mesmo que se estivesse em guerra com os Portugueses; que devíeis ser mortos. Disseram-me que estão a pensar ir para o Bié. Não vos deterei, como o fiz quando aqui estivestes pela primeira vez, há cerca de três anos. Tendes toda esta região ao vosso dispor: regressem e sejam meus amigos. Eu vou fazer todos os possíveis para vos restituir o que então vos pertencia. Tenho oito fardos de roupa, tenho ferramentas, livros, etc., que vos pertencem. Tudo isto vos vai ser devolvido. O meu povo chora. Estamos muito envergonhados. Voltem! Não permitais que o nosso nome cheire mal em toda parte por causa do que o Braga nos fez. (HENDERON, 2001, p. 68)

O rei é soberano e livre na tomada das decisões. Quando se trata de impedimento ao trabalho do Evangelho de Cristo que visa a libertação do povo de todos os males, o Espírito Santo chama a razão e convence do mal para prática do bem. As pessoas que procuram prejudicar o trabalho dos outros nunca faltaram. Esta é mais uma prova clarividente que o rei revela de ter sido mal aconselhado por comerciante Português de nome Braga, que procurou prejudicar a progressão do Evangelho, por se tratar de Ingleses que estavam no território onde ele exercia a sua actividade comercial. Tudo indica que havia alguma rivalidade motivada por espírito tribal e regionalista. Para um dirigente, é necessário peneirar os conselhos que recebe, pois uns trazem conselhos edificantes e outros prejudiciais, mas todos conselhos são bem-vindos e carecem de análise minuciosa para aplicar aqueles cujo frutos são benéficos e edificantes.

Aos missionários tinham sido retirados os seus bens. O rei reconheceu a sua má atitude e achou-se comovido com o choro do povo pela expulsão dos missionários e promete restituir tudo quanto se havia retirado e coloca-se como culpado desta atitude do Braga, comerciante português que não quis ver os ingleses no reino do Bailundo. O rei Ekuikui II, reconheceu que estava envergonhado e pediu que regressassem e retomassem as suas actividades e que não fossem ao Bié. O líder deve ser prudente na tomada das decisões e não deixar-se influenciado ou pressionado a tomar decisões precipitadas que possam prejudicar a sua personalidade.

Sanders e seus companheiros atravessavam momentos difíceis ao depararem-se com a morte do chefe da missão e a expulsão pelo rei. Segundo Lawrence W. Henderson, “o Sr. Bagster, que era o chefe da missão, morreu no dia 22 de Fevereiro de 1882, menos de um ano depois de ali ter chegado” (HENDERON, 2001, p. 67). Ao receberem a carta do rei, manifestado o interesse dos missionários regressarem no seu reino, sentiram-se surpresos com esta atitude e foi desconfortante. Os momentos difíceis surgem como prova de fé e o Espírito Santo aparece para confortar e fortalecer a fé e trazendo iluminação divina e encorajar, para que o momento não se torna em fardo pesado na vida.

Os missionários implantaram Missões nas quatro províncias do sul de Angola, tais como:

➤ **Huambo:**

- Missão Evangélica do Bailundo, Chilume (26/03/1881);
- No Bailundo, Instituto Currie do Dondi (05/10/1914) e a evangelização avança posteriormente até a Comuna da Sanga no Município da Cela, Cuanza Sul

- Missão Evangélica do Elende (Caala, 1906). Esta Missão evoluiu até ao Cuanza Sul, na Comuna de Ambuiva, no Município de Cassongue (1919 ?);
- Missão Evangélica de Lutamo, no Dôndi (1920);
- Missão Evangélica de Nova Lisboa, Bomba Alta (15/07/1926).

➤ **Bié:**

- Missão Evangélica do Camundongo (26/05/1884), Município do Cuito;
- Missão Evangélica de Chissamba (26/06/1888), Município de Camacupa;
- Missão Evangélica do Chilessso (20/07/1904), Município do Andulo, que posteriormente progrediu para o Município do Mussende até à Comuna do Cariango, Município de Quibala, Província do Cuanza Sul.
- Missão Evangélica de Silva Porto (1918).

➤ **Huila:**

- Missão Evangélica do Bunjei, na área da barragem do Ngove (15/01/1923);

➤ **Benguela:**

- Missão Evangélica do Lobito, a chamada Missão do Litoral (1924);

Esta IECA, teve o seu primeiro Secretário Geral autóctone Rev. Jessé Chiula Chipenda (1956-1967)¹⁵, que assumiu a liderança da Igreja cristã no tempo mais conturbado, dando o memento histórico em que o país vivia. A eleição do Rev. Jessé Chiula Chipenda, foi fruto de reivindicação dos autóctones por não fazerem parte do grupo de Direcção da Igreja, na tomada de decisões durante a assembleia em 1952. Os missionários estrangeiros, passaram a confiar aos autóctones para liderarem a Igreja cristã em Angola. Daí urgiu a necessidade de reformular os estatutos e darem a primazia aos nativos assumirem os destinos da Igreja e mudar do Conselho das Igrejas nativas para Conselho das Igrejas Evangélicas de Angola Central (CIEAC) em 1956, e esta nomenclatura passa para Igreja Evangélica Congregacional de Angola (IECA) em 1977, para marcar diferença com o Conselho de Igrejas Cristãs em Angola que é um bloco de Igrejas evangélicas criado no ano em referência (1977), porquanto que a IECA é uma denominação cristã. Por isso, eles próprios por sua iniciativa, tiveram que mudar o nome de CIEAC para IECA.

2.1.3. - Igreja Metodista Unida em Angola - IMUA

O Metodismo desde então, foi um movimento de avivamento espiritual cristão ocorrido na Inglaterra do século XVIII que enfatizou a relação íntima do indivíduo com Deus, iniciando-se com uma conversão pessoal e seguindo uma vida de ética e moral cristã. Foi

¹⁵ Rev. Jessé Chiula Chipenda (1956-1967), Ver a imagem na Galeria de Anexos.

liderado por John Wesley¹⁶, eclesiástico da Igreja Anglicana, e seu irmão Carlos Wesley, considerado um dos maiores expoentes da música sacra protestante.

Em 1784 John Wesley respondeu à falta de pregadores nas colónias (devido à Guerra Revolucionária Americana) ordenando alguns para a América, com o poder de ministrar sacramentos. Esta foi uma das principais razões para a separação final do Metodismo da Igreja da Inglaterra após a morte de Wesley. Esta separação criou, em nível mundial, uma série de denominações de igrejas do Metodismo. A Igreja Metodista não surgiu como disputa. Ela surge como fruto do reavivamento espiritual do Club Santo, composto por jovens estudante que dedicavam à meditação bíblica e oração liderado por John Wesley na Universidade de Oxford. Dando ao método e critério usado, foram denominados de Metodistas de Oxford. A influência de George Whitefield sobre a Igreja da Inglaterra também foi um factor na fundação da Igreja Metodista Livre da Inglaterra em 1844. John Wesley nasceu em Epworth, Inglaterra, 17 de Junho de 1703 — Londres, 2 de Março de 1791, foi um clérigo anglicano e teólogo cristão britânico, líder precursor do movimento metodista. John Wesley, décimo terceiro filho do ministro anglicano Samuel e de Susana Wesley, que mais se destacou na educação rígida de seus filhos, reservando tempo para cada actividade no lar de conversar, estudar e orar. Já que seu esposo tinha ocupado seu tempo com o trabalho do ministério pastoral. Através de actividades missionárias vigorosas o Metodismo se espalhou por todo o Império Britânico, o que se deu principalmente através da pregação de Whitefield durante o que os historiadores chamam de Primeiro Grande Despertar (na América colonial). Em 1884, a Conferência Geral da Igreja Metodista, reunida em Filadélfia indicou o Bispo William Taylor para Angola. Desembarcou em Luanda a 18 de Março de 1885, à frente de uma delegação composta por 45, sendo eles missionários, professores, homens de negócios, médicos, evangelistas e pastores, transportados pela Companhia Elder Dempser Line. Depois de uma fatigante viagem de três meses, o barco atracou no porto de Luanda no referido dia e ano, sendo os hóspedes conduzidos ao edifício do Cabo Submarino e outros ao Clube Naval (HENDERON, 2001, pp. 59,60).

Feitos os primeiros contactos com as Autoridades Coloniais: José Maria Mendes Ribeiro Norton de Matos (1867 - 1955), Governador-Geral de Angola (1912/15) e recebendo dele a devida autorização, estabeleceu-se primeiramente em Luanda, e em 1887, navegaram ao longo do rio Kwanza no vapor "Serpa Pinto". Procederam à abertura da Igreja Nhangue-a-

¹⁶ John Wesley (Epworth, Inglaterra, 17 de junho de 1703 — Londres, 2 de março de 1791) foi um clérigo anglicano e teólogo cristão britânico, líder precursor do movimento metodista. John Wesley, décimo terceiro filho do ministro anglicano Samuel e de Susana Wesley. Ver a imagem na Galeria de Anexos.

Pepe, no Cuanza Norte e foram fundadas pelo Bispo William Taylor, conforme Paul A Blake (2020), as seguintes Missões:

- Luanda (1885)
- Bengo:
 - Dembos
- Cuanza Norte:
 - Dondo
 - Nhangue-a-aPepe
- Cuanza Sul:
 - Mbanguanga (Libolo)
- Malanje:
 - Cidade sede de Malanje (1885)
 - Quiongua (1890)
 - Quéssua (1892);

E estações do Quiongua, Hombo a Njinji, Mufuque e Mucondo no actual Bengo. “Em 1896, o Bispo Taylor foi substituído pelo Bispo Joseph C. Hartzell, que mandou encerrar as missões menos bem-sucedidas (Dondo e Nhangue-a-Pepe)” (BLAKE, 2020, p. 27). As missões do Dondo e Nhangue-a-Pepe, em 1896 foram encerradas e em 1902, foi suspensa a missão de Malanje por falta de missionários e que reaberta em 1913. No decorrer do trabalho evangelístico, foram surgindo evangelistas africanos, vocacionados para bem servir a Igreja e a colectividade. São eles: João Gaspar Fernandes, Mateus Pereira Inglês, João Leão Webba, Maria Chaves e Adão Gaspar Domingos, que conduzidos pelo fervor espiritual asseguraram o pendão do Metodismo em Angola, hoje a Igreja cresceu e a chama do Metodismo atingiu todo o quadrante do território nacional. No dia 21 de Outubro de 1972, é investido o primeiro Bispo Angolano Rev. Dr. Emílio Júlio Miguel de Carvalho¹⁷, que deu seu contributo nos momentos mais difíceis no período colonial até em Agosto de 2000 que passou a reforma. A sua eleição a Bispo, ocorreu na sua ausência. Ele encontrava-se na Missão do Dondi onde enviaram-lhe o telegrama, dando-lhe a conhecer da sua eleição como Bispo. É homem de muita fé e coragem.

¹⁷ Revmo Bispo Emílio J. M. de Carvalho, nasceu em Agosto de 1933, no Quiongua, região do Pungo Andongo em Malanje, foi Professor e Reitor do Seminário Emanuel Unido na Missão do Dondi, Huambo (1965-1972), é Teólogo, Tradutor e Escritor. Dirigiu a Igreja Metodista Unida em Angola no período de 1972-2000.

Certamente que o evento da eleição do primeiro Bispo autóctone na história da Igreja Metodista Unida de Angola vem na continuidade do trabalho realizado pelo Bispo William Taylor (1885-1896) e consolidado pelos seus antecessores.... Joseph C. Hartzell, 1897-1912; Eben S. Johnson, 1917 – 1934; John M. Springer, 1935 – 1944; Newell S. Booth, 1945 – 1956; Ralph E. Dodge, 1957 – 1960 e Harry P. Andreassen, 1964 – 1972. (ANGOLA I. M., 2001, p. 30).

Foram necessariamente oitenta e sete anos de liderança dos missionários estrangeiros e passados sete Bispos não nativos em Angola, só assim que entenderam deixarem os autóctones estarem na direcção dos destinos da Igreja Metodista Unida em Angola. Os missionários Americanos trouxeram Igreja Metodista Episcopal e vulgarmente era chamada de Igreja Americana. Depois de árduo trabalho, em 1921, foi estabelecida a 1ª Clínica Médica em Luanda, pela missionária Marie Lindquist e Dr. Alexandre Kemp. Em 1934, as três denominações nomeadamente: Igreja Metodista Episcopal, Igreja Metodista Protestante e a Igreja Metodista Episcopal Sul, fundem-se e formam a Igreja Metodista, simplesmente. Diante da preocupação do combate ao analfabetismo, em 1953, surgiram as escolas rurais muito depois de existir a Escola da Missão em Luanda. E, para o reforço de quadros no Seminário Emanuel do Dondi, o jovem Pastor Emílio Júlio Miguel de Carvalho, recebe a nomeação de Reitor para aquele Seminário em 1960. A nomenclatura de Igreja Metodista Unida, surge como resultado da fusão das Igrejas Metodista e a Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos, a 23 de Abril de 1968, tendo representado a Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos, o Bispo Reuben H. Mueller e o Bispo Lloyd C. Wicke representou a Igreja Metodista, na Conferência Geral constituinte que decorreu em Dallas, Texas onde deram-se as mãos com um forte abraço e proferiram as palavras: Senhor da Igreja, estamos unidos em Ti, na Tua Igreja e agora na Igreja Metodista Unida.

2.2 - Áreas da Actuação da Igreja Angolana que Permitiram o Despertar da Consciência Nacionalista.

A quando do auge da colonização, cidades eram construídas, fábricas, escolas, Igrejas, campos de cultivo, etc., aos angolanos assimilados eram dadas formação técnica profissional, nos primórdios, organizações religiosas para além de trazer o evangelho aos povos, ensinando-os também a ler e escrever, quanto mais formação era dada aos angolanos mais nascia neles também o espírito de independência, e vários grupos políticos, todos eles com objectivo manifesto implícito, consistiam em pôr fim ao domínio português, e estes movimentos criavam-se dentro e fora do país.

A Igreja implantou-se no território angolano desde os primeiros contactos que portugueses mantiveram com o Estado do Kongo, tendo estes, dado boas vindas aos

estrangeiros brancos, aceitando seus padres católicos e mostraram-se desejosos de aprender seus costumes e optar por sua religião, e com o passar do tempo, a partir dos anos 1789 com a revolução Francesa, e terminado em 1914 com a eclosão da 1ª grande guerra mundial, e com a partilha do continente Negro, o cristianismo teve grande crescimento, e outras igrejas protestantes cristãs ou evangélicas, surgiram no território angolano, a maioria vindo dos Estados Unidos da América (EUA), e da Europa, mas a Igreja católica foi a primeira, ajudou muito na colonização dos povos com políticas conhecidas como agressivamente militar, e posteriormente mudando um pouco de postura construiu escolas, lares, conventos, mosteiros, etc., dando formação a padres, madres, e o povo em geral.

A igreja Cristã é composta por pessoas que professam sua fé em Deus e em Jesus Cristo, como Senhor e salvador de suas vidas, estas pessoas são singulares, políticos, e o povo em geral, e são estas mesmas que são membros de partidos políticos, e outros diferentes grupos sociais, e muitos dos ensinamentos que a igreja dava, como sendo o cristianismo e a educação académica. O despertar do espírito de independência nascia nos angolanos, as principais áreas onde foram muito visíveis as influências das igrejas, em que até muitos líderes eclesiásticos foram mortos e ou presos quando portugueses descobriam que estavam por detrás de uma ou outra manifestação popular, despertando o povo assim nas áreas como Educação Religiosa, Educação Académica, Saúde, Política de Insurreição.

2.2.1–Na área da Educação Religiosa

A religião cristã está firmada nos ensinamentos de Jesus Cristo, que veio dar aos homens a Liberdade. Só quem é verdadeiramente livre, tem o poder de escolha, “O Espírito do Senhor é sobre mim, Pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração, a pregar liberdade aos cativos, e restauração da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do SENHOR” (Lucas.4;18-19).

A palavra de Deus, o evangelho, tem um teor salvador e Libertador, “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João.8;32) a partir da pessoa de Jesus Cristo aprende-se que o amor ao próximo, a paz, liberdade, livre arbítrio, são situações que todo homem tem como direito, todas as pessoas nascem e devem ser livres, do pecado e de toda opressão humana, e era nisto que se baseava o ensino religioso. Nas missões principais, tinha tipografias que facilitava a tiragem de diversas literaturas e até panfletos políticos no período da clandestinidade.

Os membros destas igrejas abraçaram fortemente os ensinamentos e com fé acreditaram que existe um Deus de todo homem, que fez os céus e a terra e tudo que nele há, e a ele devem obediência, adoração e reverência, e em contrapartida, dele receberem amor,

refrigério, paz de espírito, misericórdia e vida eterna. Acreditando também que a vontade de Deus, em meio a situação de escravidão, é que estivessem livres, de escolher seus próprios caminhos, vontades, que vivam em paz, mas pelo contrário, eram atribulados, abatidos e angustiados, daí que os cristãos conscientes sentiram a necessidade de juntamente com grupos de revolucionários, com reflexos de grandes proporções que culminou com a vitória da Independência proclamada a 11 de Novembro de 1975, e para a população angolana as Igrejas representavam um dos principais aspectos luminosos para a descolonização. Pois, com o seu ensino despertou a consciência nacionalista.

2.2.2 - Na área da Educação Académica

A educação era um outro sector que durante o período colonial não conheceu evolução significativa e quantitativa a favor dos angolanos. Em contrapartida o ensino para os angolanos estava entregue às missões cristãs: católicas e protestantes, por cada Igreja construída, uma escola também se erguia. A partir de depoimentos de alguns dirigentes eclesiásticos, como sendo pastores, diáconos, leigos, descrevem que a partir do século XIX, quanto mais Evangelistas, e Missionários estrangeiros, chegavam a Angola, seus programas previam que, onde quer que se estabelecesse uma missão auto-sustentável, também havia a necessidade da existência de uma escola, posto médico e hospital.

Quando os missionários, pastores, padres, se instalavam no território angolano traziam consigo, a educação cristã e académica, e foi-lhes inteiramente confiado o ensino aos indígenas (nativos) pelos colonialistas portugueses, mas devido a escassez de verbas pelas igrejas, não foi possível até ali dar-lhe grande expansão, mas aquelas que tinham muito poder financeiro puderam expandir a educação e albergar mais população nas suas missões, mas apenas a Igreja Católica por ter apoio direito do Estado português tinha várias escolas, e assim lhe era confiada a educação dos africanos em exclusivo. Com o propósito de civilizar os angolanos. Segundo escreveu Bispo Emérito Emílio Júlio Miguel de Carvalho “o inspector escolar Manuel Ferreira Rosa, que foi director dos Serviços de Educação em Angola, não se furtou em confessar que nos propusemos libertar aos nativos de seu degradante primitivismo, substituir a sua tradicional e rudimentária cultura pela nossa cultura ... ser civilizado era ser cristão, segundo o prof. Silva e Cunha” (CARVALHO E. J., 1995, p. 17). Estas duas personalidades, trazem a superfície o projecto dos colonialistas, de desaculturar o angolano. Para eles a escola e o evangelho deveria inculcar na mente do autóctone a cultura dos portugueses, tornando-se assim, civilizado. Michael Anthony Samuels, afirma que: “a BMS foi também bem sucedida na preparação de auxiliares educativos. Três alunos foram levados

para Inglaterra com os missionários e rapidamente se tornaram líderes na nova igreja” (SAMUELS, 2011, p. 99).

Os Missionários entendiam que a instrução deveria fazer parte da sua evangelização. Revmo Bispo William Taylor, durante a sua vigência em 1887, foi a construção e abertura da Escola da Missão Metodista¹⁸ e o primeiro director angolano da mesma escola, foi nomeado em 1960. O governo colonialista encerrou a mesma escola da Missão Metodista em 1971. A actual Escola da Missão Metodista foi reconstruída, remodelada e reaberta pelo Revmo Bispo Gaspar João Domingos em 2021 e a sua inauguração, no dia 7 de Agosto de 2021, contou com a participação do ex. Vice-presidente de República de Angola Sua Excelência Bornito de Sousa Baltazar Diogo. Um povo despertado compreende melhor Cristo ressurrecto e a necessidade de alcançar a liberdade contra qualquer forma de opressão, esta foi a visão dos evangélicos que é oposta á dos católicos. Para Professor Doutor Dinis Kebanguilako, “Portugal procurou, por via discursiva, reverter e mascarar a acção colonizadora em acção civilizadora, uma vez que considerava os seus valores e as suas crenças como sendo superiores às culturas dos angolanos. E, por esta razão, imbuídos de um suposto espírito humanista, (...) que visava apenas justificar e escamotear a verdadeira essência colonial” (KEBANGUILAKO, 2006). Os Portugueses não deixaram a sua essência e o espírito colonizador. Os autóctones abraçaram com coragem, persistência, audácia e fé, a acção dos missionários protestantes que esteve na génese da Igreja Metodista, a Baptista e a Congregacional em Angola. Esta instrução dada pela Igreja teve ainda um papel bastante preponderante, pois, sabia enfatizar e aplicar na prática o princípio da liberdade dos oprimidos, proclamado pelo próprio Cristo atingindo o homem na sua integridade.

Ao contrário das escolas dos colonialistas, as escolas missionárias protestantes, estavam sempre cheias porque nas poucas escolas oficiais, residia fundamentalmente na discriminação racial no decorrer das aulas e das avaliações em que se favorecia os filhos dos colonos em detrimento dos angolanos, mas os missionários americanos recebiam todos, e tratavam todos de igual modo. Para Julião Mateus Paulo «Dino Matrosse» (PAULO, 2013, pp. 33,36,38), a Igreja cristã em Angola, na missão do késsua na província de Malanje, acudia a formação académica dos jovens da região Norte, por parte da Igreja Metodista, Igreja e o Instituto Corrie do Dondi, no município de Kachiungo, na província do Huambo atendia o Centro e Sul de Angola, onde muitos jovens angolanos, foram protegidos e formados, muitos

¹⁸ Escola da Missão Metodista, foi construída e aberta em 1887 pelo Revmo Bispo William Taylor. O primeiro Director Angolano, foi nomeado em 1960 e, em 1971 foi encerrada pelo Governo Ccolonial Português. Em 2021, foi reconstruída, inaugurada e aberta pelo Revmo Bispo Gaspar João Domingos, com uma estrutura Arquitetónica moderna, conforme consta na Galeria de Anexos.

deles se tornaram líderes dos grupos de libertação nacional, como António Agostinho Neto, José Eduardo dos Santos, Neves Adão Bendinha, Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida, José Mendes de Carvalho e outros dos seus compatriotas pela Igreja Metodista Unida, e inclusive Rev. Domingos Francisco da Silva um dos primeiros vice-presidente do MPLA a partir de 1962, como também, Jonas Malheiro Savimbi e outros formados pela Igreja Evangélica Congregacional de Angola (IECA) e a Igreja Evangélica Baptista de Angola, onde frequentaram o ensino primário e parte do ensino secundário em missões protestantes, e posteriormente ganharam bolsas de estudos para Portugal providenciada por estas igrejas e nos Estados Unidos da América. O mais difícil e complicado para os milhares de jovens, quando formados não eram reconhecidos pelos colonialistas a não ser que passavam por testes bastante complicados, pois as escolas oficiais eram aquelas controladas pela Igreja Católica. E, eram obrigados a fazer o curso geral que era a preparação para o liceu. Nas escolas protestantes eram admitidos todos os interessados sem discriminação, tanto que nas escolas públicas, o regime colonialista procurava colocar barreira aos autóctones por causa do racismo e travar o crescimento intelectual.

2.2.3 - Saúde ou Ministério da Cura

O ministério da cura fez os coxos andar, os cegos ver e aliviou a dor a todos quantos sofriam; a assistência médica cristã era muito popular também entre aos Angolanos, por reconhecer a pessoa como um todo, por dar devida atenção e importância a ela. “Jesus curando os dois cegos da Galileia” (Mateus 9:27-31): é um dos milagres de Jesus, citado apenas no Evangelho de Mateus, e que ocorre logo após o evento duplo da ressurreição da filha de Jairo e da cura da mulher com sangramento. Após Jesus ter se abrigado, os dois cegos se aproximaram e Jesus perguntou se eles acreditavam que Ele seria capaz de curá-los, ao que eles imediatamente responderam que sim. Então Jesus tocando-lhes os olhos, disse-lhes “Faça-se-vos conforme a vossa fé” (Mateus 9:29) e eles foram curados. Após o evento, Jesus pediu-lhes que mantivessem segredo sobre o ocorrido, mas os dois não mantiveram sua promessa e espalharam a notícia por toda a região. Eles viram algo inédito, ficaram abismados e não conseguiram conter a emoção de momento.

A imagem de Jesus Cristo aos seus seguidores mostrou sempre que o bem-estar físico e espiritual foi sempre uma das suas maiores preocupações, quando Jesus dava ordem aos seus discípulos dizendo: “e enviou-os a pregar o reino de Deus, e a curar os enfermos” (Lucas 9:1). Assim a igreja mostrou-se sempre preocupada com a saúde de seus membros, daí a necessidade de os servir, não só espiritualmente, mas cuidando também de sua saúde física, a mensagem de Deus aos homens, traz amor, paz, conforto e libertação, e os povos acreditavam

com fé, porquanto o que os missionários ensinavam, não ficava simplesmente em palavras mas também com acções. Ao contrário da Igreja católica que tinha o sustento do colono, as igrejas protestantes, para além de receberem apoios de suas bases no exterior, eram também auto-sustentáveis, quando elas se implantavam, no território angolano, os missionários e pastores, vinham com uma equipa de agricultores, pedreiros, carpinteiros, enfermeiros/as e alfaiates. Como nos postos de saúde construídos pelo Estado colonial, nelas apenas eram privilegiados os filhos e famílias brancas, e alguns de cor negra assimilados que eram minoria dos nativos e os desassimilados ou indígenas, curavam-se pelos seus próprios hábitos e costumes (medicina tradicional), daí que as Igrejas Protestantes atendiam nos postos médicos muitos nativos nas suas enfermidades.

Durante o período colonial se observaram a presença de vários centros médicos com destaque a: Hospital da BMS em São Salvador 1913, o Hospital dos adventistas do 7º dia 1926, os postos de saúde nas Missões Metodistas, tanto como nas da I.E.C.A. e o hospital do Quéssua e de Caluquembe pertencente a IESA. Jesus ensinou a importância de cuidar dos outros de uma forma genuína, a Bíblia diz que: “Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos, e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que te recompensar; mas recompensado te será na ressurreição dos justos” (Lucas 14:13,14). Deus espera que cuidemos os doentes, os desfavorecidos e os que sofrem, sem esperar o retorno por parte destes “E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40). Toda acção benévola ao nosso semelhante, agrada a sociedade e satisfaz e supre ou minimiza a preocupação do beneficiário.

Os missionários ensinaram aos autóctones princípios de saúde preventiva, tais como: a criação de possos ou cacimbas de água; os animais deveriam estar protegidos nos currais e os porcos nas pocilgas e não deixar de deambular nos bairros.

2.3 - Contributo dos Movimentos Messiânicos na Luta Anti-colonial

A contestação anti-colonial cingiu-se, não apenas a aspectos políticos, mas estendeu-se igualmente às questões espirituais. No reino do Congo, já no século XVIII assistiu-se a emergência dos movimentos messiânicos com maior incidência nas regiões onde as potências estrangeiras mais cedo implantaram e onde o processo de cristianismo foi intensivo. Foi o caso dos movimentos messiânicos de Francisco Kassola em 1632, de Makuta e de Kimpa Vita em 1702, esta última baptizada com nome de D. Beatriz. A pregação de Kimpa Vita possuía forte conotação política, preconizava o retorno da capital a S. Salvador e a unificação do

reino. O movimento messiânico de KimpaVita engajou-se na luta contra o declínio do reino, procurou restaurar o reino que tinha sido dividido entre os clãs rivais da dinastia.

O messianismo é essencialmente a crença religiosa na vinda de um redentor que porá fim a ordem actual das coisas, ou de maneira universal, dentro de um grupo isolado, e instaurará uma ordem nova feita de justiça e de felicidade. Até meados do século XX na etapa central da colonização o continente Africano contemplou a proliferação desordenada de movimentos e seitas com perfil de reivindicação política, contra a sociedade colonial na sua relação de colonizador, colonizado e sociedade dominante e sociedade dominada, a partir do qual se pode compreender a essência dos movimentos messiânicos. A trajectória histórica ocupada por este movimento em Angola serviu para despertar e de tomada de consciência nacionalista. Um movimento formado a partir do século XIX, por poetas, filósofos, políticos e profetas africanos, que numa alternativa religioso-cultural procuraram revelar os sentimentos patrióticos e nacionalistas, entre os quais destacam-se Simão Kimbangu, Simão Gonçalves Toco e outros.

A igreja dos Africanos converteu-se num veículo de contestação política de carácter militar e Totalitário que se esforça em hostilizar as missões cristãs e sustentando ódio aos europeus, de igual modo em destruir pela violência todos os Africanos que dinamizassem a política colonial. Na década de 1950 com o despertar do tocoísmo, então igreja autónoma, atraiu de modo permanente multidões. Foi igualmente como outros movimentos messiânicos, o vector da agitação social e política. Com a emergência dos movimentos políticos nacionalistas, que reivindicavam a independência de Angolanos, tocoístas e seu líder Simão Gonçalves Toco, nascido aos 24/02/1918, numa humilde aldeia chamada Mbanza Zulumongo, localizada no Norte de Angola no município de Maquela do Zombo, província do Uíge. Passaram a ser hostilizados pelas autoridades coloniais de Luanda.

2.4 - Política de Insurreição

As Igrejas Evangélica na era colonial, evidenciaram a expressão religiosa cristã no seio das populações, dando contributo importante no processo de luta para a Independência Nacional. A visão propagandista dos opressores transformou a tendências em factos e afirma que os protestantes teriam tomado o partido dos movimentos de libertação, enquanto alguns católicos continuavam a abençoar o sistema colonial, dizendo que são eles a autoridade legítima instituída por Deus, mas existiram também alguns membros da igreja católica que apoiavam a luta contra o colonialismo. Algumas actividades clandestinas ligadas à luta de libertação, eram feitas nas escolas das igrejas, devido a atitude da PIDE, que sempre impunha sua força para reprimir as organizações que arriscavam-se na passagem de informações aos

companheiros envolvidos na busca de liberdade com o espírito patriótico. A situação colonial, submetida aos autóctones a condição da escravidão, da opressão, de impostos altos, prisões arbitrárias, trabalhos esforçados e todo mal até aos pastores missionários estrangeiros e nativos e os membros das igrejas protestantes, interpretavam esta situação a partir de textos Bíblicos, pois existem muitos textos na Bíblia que tratam da história de libertação do povo de Deus, à imagem do povo de Israel, a partir dos primeiros 5 livros chamados de livros históricos, entre outros, relatam o percurso histórico do povo de Deus, seguido de várias lutas, guerras para conquista da paz, e ainda outros livros como Salmos, que falam de opressores, lutas e vitórias esperadas e alcançadas com fé, persistência em orações, textos há que quando o povo era levado em cativeiro, posteriormente organizavam-se, clandestinamente, militarmente se revoltavam e com a ajuda de Deus revertiam a situação.

Assim, aos angolanos religiosos depois da interpretação destes textos, à luz do evangelho e da consciência natural humana de altivez, orgulho e honra, era óbvio fazer nascer neles um espírito de revolta, todos unidos com o fim do bem comum. E nada os podia fazer parar mesmo depois de vários fracassos obtidos a partir de primeiras intenções pelo poder militar que existiam, mais revoltados os angolanos estavam, e os cristãos em suas orações e preces contínuas pediam a influência de Deus nas lutas, e acredita-se que por Deus muitos portugue-ses se aliaram aos angolanos ajudando assim nas tácticas militares, e no desvio de armamento de guerra, entre carros, armas, etc.... e ainda a influência de forças estrangeiras, apoiando as organizações políticas. Os cristãos protestantes acreditavam que ao se envolverem contra o sistema colonial estavam fazendo a vontade de Deus, visto que era isto que interpretavam da Bíblia e aprenderam dos missionários.

Foi pela forte influência das igrejas cristãs em Angola através de suas escolas e líderes, que algumas organizações políticas, tiveram sua iniciação com nomes de grupos religiosos, como; grupo de jovens da igreja metodista, Jovens de outras missões X, entre outros. Relatos dizem que muitas das reuniões eram destinadas a organizar revoltas, e eram entregues também às mãos de Deus, em oração, todos os planos de revolta, e assim desenvolveram o seu espírito nacionalista e patriótico que definiu o seu destino político e social, fruto da sua participação em organizações clandestinas que lutavam na capital contra o regime colonial português. Os laços patrióticos uniam fortemente os angolanos movidos por um só sentimento à independência, e por fim, à opressão colonial, reunindo-se nos locais de trabalho, nas igrejas, nos clubes desportivos, e no meio do povo.

Relatos de ex-militares e pastores aposentados revelam que no princípio, principalmente para as tropas da UPA/FNLA, e da UNITA, ninguém ia para luta sem antes ir

ao culto, orar, pedindo a Deus protecção, pois tinham em mente que estavam a ir fazer a vontade de Deus, confessavam seus pecados, em que se houver mortes, morre-se livre de pecados. O MPLA, de princípio tinha também uma cultura religiosa, pois os primeiros líderes e co-fundadores eram líderes protestantes maioritariamente Metodistas, quando substituídos por estudantes que iam de países europeus que a própria igreja formou, passou a ser uma prática individual, e muitos simplesmente deixaram de ser crentes participantes da religião, como o próprio António Agostinho Neto, e em contrapartida muitas das canções militares, têm melodias de hinos ou cantos religiosos trocando apenas as letras.

Um exame mais cuidadoso, mostra que as três equações referentes à tripolaridade do nacionalismo angolano, de facto corresponderam a uma certa proximidade das três igrejas com os três movimentos de libertação nacional, como a proximidade dos Baptistas com a FNLA, a proximidade dos Metodistas com o MPLA, e da IECA/IESA, com a UNITA. Isto não implica dizer que estas igrejas referenciadas aqui, são originariamente destes movimentos ou Partidos políticos mas foram conotadas por causas da ligação dos líderes destes políticos. Nas igrejas estão membros com diferentes opções políticas e dentro do espírito de livre arbítrio, todo ser humano não deve ser coagido no direccionamento político partidário. A igreja é apartidária.

2.5 - A Igreja e a Repressão Colonial

Como toda situação de guerra deixa órfãos, viúvas, etc. as igrejas tiveram uma história triste por se envolverem nas lutas, muitos viram, seus familiares, amigos submetidos a morte, prisão ou encerramento de igrejas por despertarem o espírito de liberdade aos povos.

Um cristão Metodista anónimo escreveu para o Brasil, em Maio de 1961:

Isto aqui vai mal e contar-te tudo seria necessário que eu estivesse o dia todo a escrever (...) depois dos assaltos às fazendas nos Dembos e na parte norte da nossa Angola, os portugueses, não podendo deitar mão aos libertadores, pegaram nos protestantes, nos inocentes e mataram-nos, usando os métodos dos assaltantes (...) Aqui já não choramos porque não nos adianta fazê-lo! Podes crer que o nosso ódio aumentou assustadoramente, e na maior parte do povo, já é total. Muitos fazem-se terroristas, se é que devemos ser chamados assim, espantosamente para vingarem-se dos entes queridos mortos sem culpa, (...) Porque não podemos continuar a morrer como moscas (...). (SCHUBERT, 2000, p. 84)

Os levantamentos na Baixa de Kassanje em Janeiro, pelos camponeses, e na casa de reclusão de São Paulo, em Fevereiro, por compatriotas ligados ao MPLA, com o início do assalto às fazendas coloniais, sobretudo na região dos Dembos e Nambuangongo, em Março

de 1961, promovidos pela UPA, levaram os portugueses a iniciarem uma repressão atroz contra as populações que eram indefesas, especialmente contra as missões evangélicas, pois seriam as principais, instigadoras da rebelião armada em Angola (PAULO, 2013, p. 74). A luz do evangelho de Cristo, os missionários, pastores e membros das igrejas protestantes na qual despertavam o povo e sendo eles próprios nalgumas situações apoiantes e organizadores de revoltas, ao se envolverem na luta anticolonial, sabiam muito bem as possíveis consequências de seu envolvimento, conforme o texto:

Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas. Acautelai-vos, porém, dos homens; porque eles vos entregarão aos sinédrios, e vos açoitarão nas suas sinagogas; e sereis até conduzidos à presença dos governadores, e dos reis, por causa de mim, para lhes servir de testemunho a eles, e aos gentios (Mateus 10:16-18)

Naturalmente as situações mudam e assim, os pastores sabiam que ao estarem envolvidos directa ou indirectamente na luta pela independência poderiam ser, presos ou mortos, e assim foram, os/as líderes e membros das Igrejas da IEBA, IECA e IMUA, isto é, nos Dembos, Nambuanguo, no Uíge, Zaire, Malanje, Huambo, Bié Cuanza Sul na Comuna do Cariango encontramos o túmulo na recta chamada Ndandi Essanga que liga da Comunidade Cariango ao desvio que dá acesso ao Lubuco Honda¹⁹ e em outras missões, só para citar alguns como: o Pastor Guilherme Pereira Inglês, que foi um dos co-fundadores do MPLA, morto por esfaqueamento, como também, Domingos Cristóvão Kabingano, Cristóvão Miguel da Silva, Francisco Simão Júnior, Moisés Domingos Kafala, Domingos João de Almeida, e tantos outros pastores, e de seus parentes, também assassinados.

Os líderes Metodistas foram quase tirados de circulação, “o seu pessoal passou de 155 para 10, os pastores passaram de 88 para 4, e os professores de 67 para 6”. (HENDERON, 2001, p. 316), Os vistos dos missionários não eram renovados, e os pastores nativos eram presos, mortos, o colono tinha como objectivo acabar com os protestantes, mas alguns realizavam cultos na clandestinidade, cada vez que se reunissem exerciam sua fé em Deus e ensinavam que o sistema português não era o que Deus quer de seus filhos, por isso deveriam ter fé e esperança em Deus, lutar para que o cenário mudasse.

Os portugueses sentiam a fúria e o poder revolucionário do povo em todo país e na parte norte do país, não houve trégua e por esta razão aconteceram massacres mais

¹⁹ Trata-se dos cristãos que foram mortos pelos colonialistas, que os mandaram cavar uma vala e não sabiam para que serviria a mesma vala. Um certo dia os cristãos reuniram no bairro para tratarem assunto de interesse do povo e como era num período de muita tensão em 1961 após as revoltas do assalto às cadeias em Luanda e a revolta do Ambuila, os brancos entenderam que a reunião era para prepararem acto de rebelião. Então prenderam todos e levados na vala que já estava cavada e foram enterrados vivos. Foi dia sangrento e sombrio no Cariango e actualmente pode ser visitado este túmulo, próximo da via pública.

sangrentos naquela circunscrição do país. Os colonialistas, encontravam sempre um culpado por detrás das revoltas, e daí as represálias após a rebelião dirigida tudo por um pouco contra os protestantes, exemplo o posto missionário da Missão Evangélica do Norte de Angola MENA, em Kikaya, que actualmente é a Igreja Evangélica Reformada de Angola - IERA. O fundador, Archibald Patterson e era mais chamado de Mfumu Patterson. A repressão colonial estava focalizada aos membros, pastores e professores dos missionários, onde a maioria foi morta, e mais tarde destruídas as infra-estruturas.

Conforme Julião Mateus Paulo <<Dino Matrosse>> (PAULO, 2013, p. 74) Assim a desconfiança dos portugueses às igrejas evangélicas aumentava, e realizavam buscas ou caçada aos suspeitos, as buscas nas Igrejas, nas casas eram constantes, e principalmente àqueles que tiveram formação académica ou profissional nas missões evangélicas, estes eram os mais procurados, presos e até mortos, existiram momentos em que possuir uma Bíblia, um livro religioso, para as tropas, era uma atitude terrorista, as Bíblias eram confiscadas e destruídas, porque já não se confiava nos que as liam isto pelo seu teor despertador que a Bíblia tem. Igualmente a Missão Baptista, a Missão Evangélica Canadense nos distritos de Zaire e Cabinda foram especialmente atingidas por esta onda de perseguição, qualquer suspeita ainda que duvidosa fosse, era motivo de morte, a única saída e fuga eram nas matas. Segundo depoimento do Bispo Emílio Júlio Miguel de Carvalho, Bispo reformado da Igreja Metodista Unida, a Igreja foi fortemente visada e reprimida pelo colonialismo quando começou a luta armada de libertação nacional em 1961, porque os seus princípios de doutrina e vida iam contra os objectivos da política colonial portuguesa e porque os portugueses desconfiavam da postura do Metodismo. A luta armada foi iniciada nas áreas controladas pela Igreja Metodista Unida onde mais de 80 por cento dos seus pastores e milhares de metodistas foram presos, deportados ou mortos depois de 1961. Os colonos temiam a Igreja Metodista, pelo seu ensino libertador, pela coragem dos seus dirigentes e pela astúcia dos seus membros. Essas qualidades só poderiam ser reprimidas, nunca aceites. Segundo ainda o mesmo, a repressão colonial foi terrível. Para além de serem feitos prisioneiros e lançados nas masmorras, pastores e leigos, homens e mulheres, foram mortos, deportados, maltratados e vituperados por Angola fora. E muitos jovens fugiam da fúria do colonialismo. O número de heróis da fé que deram as suas vidas pela Independência de Angola foi infinito.

2.5 - Os Movimentos de Libertação Nacional e a Independência de Angola.

O final da tranquilidade colonial estava desenhado pelos angolanos que almejavam a sua independência. Douglas Wheeler e René Pélissier, afirmam que “o Ano de 1961 foi de

ajuste de contas em Angola, o ponto central da história da luta anticolonial angolana” (WEELER, 2011, p. 249). Mas os portugueses estiveram atentos a este despertar dos autóctones.

Os três principais Movimentos de libertação de Angola, surgiram com o espírito de combaterem o colonialista e libertarem o povo que vivia sofrendo sob o regime opressor. Durante o percurso, não faltou o egocentrismo no seio deles, que causou a separação por interesses do poder e do regime político por cada um escolhido, não levou-os à unificação e lutaram separados entre si. Mas estavam emboídos do espírito patriótico que prevaleceu na FNLA, no MPLA e na UNITA. As divergências dos movimentos de libertação, consistiram nas duas superpotências mundial: Os Estados Unidos da América (EUA) – Capitalismo e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – Comunismo. E Mário Moutinho de Pádua, afirma que: “Da União Soviética sopraram novos ventos, entre eles destacou-se a atitude solidária para com as classes e os povos mais carecidos, nomeadamente os colonizados” (PÁDUA, 2011, p. 196) É diante destes dois grandes blocos do mundo onde os movimentos de libertação tiveram que se aliar num ou no outro e encontrar sustentabilidade político e/ou militar. É sabido que o MPLA aliou-se à URSS, porquanto que a FNLA e a UNITA aos EUA.

No ano 1962 em Leopoldville, segundo Jean Martial Arsene Mbah, Dr António Agostinho Neto (em memória) então líder do MPLA, escreveu a carta dirigida à Álvaro Holden Roberto (em memória) então líder da FNLA, manifestando o interesse de união: É elementar e indispensável que as forças nacionalistas se juntem numa frente político-militar de maneira a poder opor-se à acção criminosa do governo fascista português. Essa necessidade opõe-se à persistência de divisionismo nas fileiras nacionalistas, e considero que as atitudes tomadas por seja quem for no sentido de manter a “fragmentação” das suas forças, seja no sector político, seja no âmbito da acção militar, constituem a melhor ajuda que se pode dar ao colonialismo português contra os interesses do povo angolano e não coincidem com os objectivos superiores da luta de libertação. A desorientação a que foram ou são conduzidas as massas populares, seja no interior do país, seja no estrangeiro, por ideias que lhes são inculcadas contrárias ao espírito de unidade nacional, é uma consequência lógica do divisionismo, e esse honroso espectáculo de inconsciência política só contribui para tornar mais difícil a luta do povo pela libertação nacional e favorecer os objectivos imorais do governo colonial fascista português.... A vergonha situação em que nos encontramos cresce sem tardar.... Para tentar afastar as dificuldades que incompreensivelmente impedem a colaboração de todas forças nacionalistas num movimento único.... (MBAH, 2010, pp. 348,349).

Sobre o extracto da carta acima, revela que a falta de unidade entre forças nacionalistas angolanas que combatiam contra o regime fascista colonialista, constituia numa

grande preocupação e Dr. Agostinho Neto chama de inconsciência política. Por que reinava o regionalismo e dividia o povo e o colonista tirava dividendo com esta atitude das forças anticoloniais. Holden Roberto, responde a carta de Agostinho Neto, em Leopoldville a 9 de Agosto de 1962, no seguinte:

O MPLA, me tivesse chegado às mãos uma carta reiterando indirectamente graves acusações caluniosas e tendenciosas que sempre nos mantiveram longe uns dos outros, destruindo assim a esperança que nasceu do nosso primeiro encontro, em que ficou assente que uma comissão estudará a eventualidade de uma colaboração entre os nossos respectivos partidos.... à luz dos termos despropositados da sua carta, que me seja permitido anunciar que o convite que me dirigiu é inoportuno, pelo menos neste momento.... Ora, uma política assim, coroada pela corrupção, não colhe, porque as populações deserdadas de Angola compreenderão um dia que, por trás da dialéctica do MPLA esconde-se o neo-colonialismo, que certas pessoas querem implementar em Angola a fim de perpetuar a escravatura do povo... (MBAH, 2010, pp. 350,351)

A comunicação trocada entre Agostinho Neto e Holden Roberto e os encontros que tiveram em Leopoldville, mostra que não houve boa vontade de unidade entre ambos, tendo em conta as acusações que pesavam entre eles. O facto importante que podemos depreender aqui, é que os três movimentos de libertação (FNLA; MPLA E UNITA), prevaleceram firmes nas suas convicções de lutar contra colonialista português e não faltaram confrontos militares entre eles. Tiveram as suas bases de guerrilha nas matas sem acesso das populações, mas contavam com a colaboração por intermédio dos sobas.

2.6.1 – UPA/Frente Nacional De Libertação De Angola - FNLA

A UPA, foi uma Organização nacionalista enraizada entre os Bakongo mas com aderentes também entre os Ambundu e os Ovimbundu, foi o primeiro movimento anti-colonial a desenvolver actividades de envergadura em Angola. Iniciou a sua luta armada na região do norte de Angola a antiga área de Carmona que é a actual Uíge, em 15 de Março de 1961, estendendo-se mais tarde para o sul, até à actual província do Bengo. Ela teve como retaguarda de luta o ex-Congo Belga, a actual República Democrática do Congo, a seu tempo liderada pelo então General Mobutu SeseSeko – falecido, que no quadro da sua política regional - manteve boas relações com o líder da UPA/FNLA, Holden Roberto. Este apoio possibilitou a constituição em Léopoldville (hoje Kinshasa), imediatamente depois da formação da FNLA, do GRAE (Governo Revolucionário Angolano no Exílio), cujos vice-presidentes eram de proveniência Ambundu, e a pasta de secretário geral recaiu a Jonas Savimbi, Ovimbundu e posteriormente fundador da UNITA. O braço armado do GRAE era o

ELNA (Exército de Libertação Nacional de Angola) cujos comandantes provinham de várias partes de Angola, inclusive de Cabinda. Nem o MPLA nem a FLEC quiseram participar do GRAE, o que viria a ser decisivo para a complexa e contraditória configuração da luta anti-colonial em Angola.

A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) é um movimento político fundado em 1954, com o nome de União das Populações do Norte de Angola (UPNA), assumindo em 1958 o nome de União das Populações de Angola (UPA). Em 1961, a UPA e um outro grupo anti-colonial, o Partido Democrático de Angola (PDA), constituíram conjuntamente a FNLA. Jean Martial Arsène Mbah, apresenta a lista dos fundadores da FNLA, conforme se segue:

Partido Democrático de Angola	União Das Populações de Angola
Emmanuel Kounzika	Holden Roberto
David Livramento	Rosário Neto
Ferdinand Dombele	Alexandre Taty
Sébastien Lubaki	Jonas Savimbi
Domingas Vetokele	José Liahuca
Martin Sandu	Johnny Eduardo
Antoine Donton Lulukilavo	J. Eduardo Pinock
Norbert Kiatalua	Vasco José António
André M'vita	Fernando Pio do Amaral Gouvel
Simon Kumpesa	Fracisco Paca

(MBAH, 2010, p. 347)

A FNLA foi um dos movimentos nacionalistas angolano durante a guerra anti-colonial de 1961 a 1974, juntamente com O MPLA e a UNITA. No processo de descolonização de Angola, em 1974/1975, combateu o MPLA assim como a UNITA. A revolta que ocorreu em Portugal em 25 de Abril de 1974, levou aos colonialistas a declarar a sua intenção de apoiar activamente o acesso das suas colónias à independência, os três movimentos nacionalistas de Angola, começaram com o espírito de cada um por si um ao outro, e lançaram quase de imediato tentativas de assegurar-se o controlo do país por meios militares. Dados os seus efectivos bem treinados e equipados, a FNLA parecia ter uma vantagem evidente nesta luta. Penetrando em Angola pelo Nordeste, avançou com alguma facilidade até ao Norte de Luanda onde viu os seus intentos barrado na batalha de Kifangondo, por forças do MPLA apoiadas por forte contingente de tropas cubanas. Abandonando o seu plano de chegar até Luanda, abandonou de igual modo várias das suas unidades militares e ficaram a deriva. No dia 11 de

Novembro de 1975, enquanto o MPLA declarava em Luanda a independência do país, a UNITA fez o mesmo no Huambo onde teve o apoio do então regime sul-africano do apartheid e dos EUA. Face à superioridade militar das forças cubanas e do MPLA, apoiadas pela União Soviética.

2.6.2 - Movimento Popular de Libertação de Angola - MPLA

O MPLA surgiu no fim dos anos 1950 da fusão de vários pequenos grupos anticoloniais, inclusive da recentemente constituída célula de Luanda do Partido Comunista Português, iniciando a sua acção em 1961 entre os finais dos anos de 1950, princípios de 1960 agrupando as principais figuras do nacionalismo angolano, entre estudantes no exterior, sobretudo em Portugal - e lutadores contra o colonialismo que fugiam do interior de Angola. Dirigido por António Agostinho Neto, e tendo como secretário geral Viriato da Cruz, o MPLA organizou uma luta armada contra a dominação colonial de Angola e conhecida como data de sua fundação a 10 de Dezembro de 1956. Em 1961, Lúcio Lara torna-se o seu secretário-geral. Moisés Kamabaya debruçando sobre os líderes do MPLA, afirma que:

Dos líderes mais influentes, além de José Bernardo Domingos Kiosa, contam-se Mário Coelho Pinto de Andrade, que foi o primeiro presidente do MPLA, Viriato Francisco Clemente da Cruz, que foi o primeiro secretário-geral do MPLA [1956-1959] e Lúcio Barreto Lara.... O Dr. António Agostinho Neto foi eleito formalmente presidente do MPLA [1962-1979] na Primeira Conferencia Nacional que teve lugar em Dezembro de 1962, em Léopoldville. Nascido no Bengo, na comuna de Kaxikane, a 17 de Setembro de 1922, Neto era filho do pastor metodista Agostinho Pedro Neto e de Maria da Silva Neto (KAMABAYA, 2014, p. 135).

Esta realidade, até 2017 estava no segredo dos deuses e quando o actual Presidente da República João Manuel Gonçalves Lourenço realizou o seu primeiro congresso do Partido que é o VI Congresso Extraordinário do MPLA onde foi eleito a Presidente do Partido MPLA, divulgou que ele era o quinto²⁰ desde a existência do seu Partido, conforme se segue:

- 1º) Ilídio Tomé Alves Machado (1956-1959);
- 2º) Mário Coelho Pinto de Andrade (1959-1962);
- 3º) Dr. António Agostinho Neto (1962-1979);
- 4º) Engº José Eduardo dos Santos (1979-2018);
- 5º) Dr. João Manuel Gonçalves Lourenço (2018 até ao momento actual).

A coragem e o espírito reconciliador do actual Presidente do MPLA, levou-o a reconhecer que ele é o quinto Presidente do seu partido desde a fundação. Isso, levou aos

²⁰ Ver as imagens dos cinco Presidentes na Galeria de Anexos.

congressistas reconhecerem líderes nunca mencionados nos congressos anteriores. É uma realidade que ficou oculta por longos anos.

Durante o seu combate anticolonial, o MPLA conheceu várias dissidências importantes e até existenciais, a começar com a saída de Viriato de Cruz já em 1961. Moisés Kamabaya, ressalta que:

Todavia, pelo menos quatro movimentos estavam em acção nessa altura, nomeadamente: o Movimento de Independência Nacional de Angola (MINA), liderado por José Bernardo Domingos Kisa; o Movimento de Libertação Nacional (MLN), dirigido por Calanzas Duarte e constituído na sua maioria por brancos, tendo apenas quatro africanos; e o Movimento de Libertação de Angola (MLA). Estes dois últimos fundira-se mais tarde. Também havia a União dos povos de Angola (UPA), em acção clandestina (KAMABAYA, 2014, p. 136).

A crise mais grave deu-se no início dos anos 1970, quando o MPLA se dividiu em três "alas" praticamente autónomas - a "Revolta Activa", liderada por Mário de Andrade, e a "Revolta do Leste", liderada por Daniel Chipenda, ambas opostas a Agostinho Neto, e a "Ala Presidencial", fiel a Agostinho Neto. Esta dupla cisão foi superada em 1974, por uma conferência de unificação realizada na Zâmbia, mas levou à expulsão ou saída espontânea de uma série de elementos, e deixou profundas marcas. Nesta fase “Viriato Francisco Clemente da Cruz, foi o primeiro secretário geral do MPLA desde a sua fundação em 1956 até 1962, quando abandonou o MPLA e se juntou à FNLA” (KAMABAYA, 2014, p. 139). O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) é o que proclamou a Independência nacional a 11 de Novembro de 1975 e Conquistou o poder durante o processo de descolonização, contra dois movimentos rivais, a UNITA e a FNLA.

2.6.3 - União Nacional para a Independência Total de Angola

A União Nacional para a Independência Total de Angola, mais conhecida por seu acrónimo **UNITA**, é um partido angolano, fundado em 1966, por dissidentes da FNLA e do GRAE (Governo de Resistência de Angola no Exílio), de que Jonas Malheiro Sidónio Savimbi, fundador da UNITA, era ministro das relações exteriores.

A UNITA é o segundo maior partido de Angola, sendo também o maior partido de oposição do país. Durante a guerra Civil Angolana a UNITA recebeu ajuda militar principalmente dos Estados Unidos e da África do Sul. Desde o fim da Guerra Civil em 2002 a UNITA abandonou a luta armada, convertendo-se num partido político.

Jonas Savimbi e António da Costa Fernandes fundaram a UNITA em 13 de Março de 1966, em Muangai, na província do Moxico, Angola Portuguesa.

Outros 200 delegados estavam presentes no evento de fundação do até então movimento guerrilheiro. A UNITA lançou o seu primeiro ataque contra as autoridades coloniais portuguesas em 25 de Dezembro do mesmo ano. Após a sua formação em 1966, a UNITA necessitando de apoios externos, virou-se para a China, uma vez que os outros grandes países, passíveis de apoiar uma guerrilha anticolonial em Angola, já tinham compromissos com a FNLA ou o outro movimento entretanto fundado, o MPLA (MARCUM, 1969 e 1978)

A preocupação dominante da UNITA foi, no entanto, a de assegurar-se o apoio dos Ovimbundu, a maior etnia em Angola, à qual o próprio Savimbi pertencia. A UNITA vai travar operações de guerrilha no Leste do então território colonial, sem conseguir chegar ao Planalto Central, "habitat" dos Ovimbundu, entre os quais desenvolveu, no entanto, um intenso trabalho de mobilização política. Segundo depoimento do Rev. Armando Culivela dos Santos da IECA, o pai de Jonas Malheiro Sidónio Savimbi, foi inspetor dos caminhos de ferro de Benguela, cristão influente da IECA, que evangelizava durante a sua jornada laboral. E, próprio filho sempre disse que é filho de um ministro da IECA. Mas não consta na História da IECA nenhum registo de consagração dele em nenhuma função nem como Catequista, Evangelista ou Pastor.

2.7 – O Acordo de Alvor

Os movimentos de libertação de Angola, procuravam a todo custo encontrar a oportunidade para proclamação da independência, intensificaram contactos político-diplomático. Mas devido as diferenças ideológicas que os separava, a OUA procurou uní-los na “Conferência de Mombaça (Quénia) entre FNLA, o MPLA e a UNITA” (ANGOLA A. N.-A., 2011). Esta conferência antecedeu a realização do encontro decisivo de Alvor em Portugal.

O Acordo de Alvor, marca as conversações entre Portugal e os Movimentos de Libertação de Angola, FNLA, MPLA e a UNITA. O documento oficial constante na obra Angola Acordo para a Independência (1975), clarifica-nos que estiveram presentes Delegação Portuguesa incluindo Sua Excelência o Alto Comissário em Angola Almirante Rosa Coutinho e Conselheiros de Angola. O discurso de abertura foi proferido pelo General Francisco da Costa Gomes, Presidente da República Portuguesa, assim como o discurso de encerramento. Interviu também no encerramento o Dr. António Agostinho Neto Presidente do MPLA em nome da FNLA, da UNITA e do povo Angolano; “No nome da FNLA, do MPLA e da UNITA, reafirmamos aqui o nosso desejo e a nossa determinação de defender, por todos os meios, as Victórias já adquiridas pelo nosso povo e de cooperar com o vosso país à base dos

princípios justos de respeito mútuo, não ingerência e reciprocidade de vantagens ou seja, cooperação na Independência e na dignidade” (Social, 1975) . O encontro decorreu de 10 à 15 de Janeiro de 1975, em Alvor é bela cidade costeira em Portimão, no Algarve. Localizada na parte Ocidental da Costa Sul de Portugal. Eis o teor do Acordo de Alvor:

No Capítulo I – Da Independência de Angola, no seu Artigo 1º - O Estado Português reconheceu os Movimentos de Libertação, Frente Nacional de Libertação de Angola – F.N.L.A., Movimento Popular de Libertação de Angola – M.P.L.A. e União Nacional para Independência Total de Angola – U.N.I.T.A., como os únicos e legítimos representantes do povo angolano. Art. 2º - O Estado Português reafirma solenemente o reconhecimento do direito do povo angolano à independência. Art. 3º - Angola constitui uma entidade una e indivisível, nos seus limites geográficos e políticos actuais e neste contexto, Cabinda é parte integrante e inalienável do território angolano. Art. 4º - A Independência e soberania plena de Angola serão solenemente proclamados em 11 de Novembro de 1975, em Angola, pelo Presidente da República Portuguesa ou por representante seu expressamente designado. Art. 5º - O poder passa a ser exercido, até à proclamação da independência, pelo Alto-Comissário e por um governo de transição, o qual toma posse em 31 de Janeiro de 1975.... (Social, 1975, pp. 3,4).

Esta obra do Acordo de Alvor, contém 11 Capítulos com vários Artigos e alíneas que abordam sobre todas decisões saídas do encontro e no fim constam os discursos de abertura e de encerramento de ambas as partes. Houve grande falha no cumprimento destes acordos na sua íntegra. Mas o importante é que a independência foi proclamada na data prevista, nas condições de soar de canhões como resultado do incumprimento do Acordo de Alvor.

CAPÍTULO III. PROPOSTA METODOLÓGICA DA TEMÁTICA: O PERCURSO HISTÓRICO DA IGREJA CRISTÃ EM ANGOLA NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL DE 1961- 1975. UM CONTRIBUTO NO ENSINO DE HISTÓRIA DE ANGOLA

Nesta proposta metodológica pretendemos incluir o tema desta dissertação, no programa da 11ª Classe, do 2º Ciclo do Ensino Secundário Geral, nos Cursos de Ciências Económico-Jurídicas e de Ciências Humanas, no seu Tema 5 - A Revolta Anti-Colonial e a Luta de Libertação Nacional (1962-1975). Para Maria Cândida Proença, “os conteúdos programáticos [para este nível], (...) encontram-se desligados do mundo real dos alunos, (...) em detrimento da aquisição de aptidões básicas (...) cognitivas. Para evitar estas deficiências e para que os programas das diversas disciplinas formem um todo convenientemente estruturados” (PROENÇA, 1989, p. 71). Nisto, constatamos a ausência no conteúdo Programático desta abordagem que nos propusemos dissertar, para colmatar esta lacuna e carência existente neste tema, compatibilizando a profundidade do conteúdo. O aluno que está sendo preparado para universidade, deve adquirir conhecimentos suficientes no que concerne aos que prestaram contributo na luta para o alcance da independência em Angola. Constatamos ainda a exclusão do contributo e da influência exercida pela Igreja na luta anti-colonial para o alcance da independência em Angola.

3.1. Enquadramento Dos Objectivos do II Ciclo Do Ensino Secundário

OBJECTIVOS GERAIS DA HISTÓRIA NO 2º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO

Segundo o Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento de Educação (Educação, 2014), apresenta os objectivos que se seguem:

- › Aprofundar e consolidar os conhecimentos adquiridos nos ciclos anteriores;
- › Desenvolver o pensamento lógico e abstracto;
- › Compreender as mudanças reversíveis – ciclos conjunturais – revolução/ ruptura;
- › Conhecer a complementaridade das perspectivas diacrónica e sincrónica na análise histórica;

› Conhecer a multiplicidade de factores que desencadeiam os eventos e os processos conjunturais;

› Integrar o diálogo passado-presente como um processo de contribuições recíprocas para a compreensão das diferentes épocas;

› Adquirir competências que permitem a aplicação de modelos científicos compatíveis na resolução de problemas da vida prática;

› Desenvolver hábitos de questionamento e problematização face ao saber adquirido;

› Desenvolver a consciência do que se entende por “crítica” em relação aos valores e padrões culturais nacionais.

› Desenvolver a capacidade de:

- Elaborar fichas de leituras, dossiers temáticos ou outros instrumentos de recolha de informação, e criar metodicamente referências bibliográficas;

- Formulação de hipóteses;

- Expressão, argumentação e utilização correcta do vocabulário específico de história;

- Seleccionar fontes primárias e secundárias, avaliar a sua relevância e credibilidade.

› Assegurar uma formação cívica visando a preparação para o exercício consciente da cidadania;

› Contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito pelos valores tradicionais, pela vida e dignidade humana, pela unidade nacional, fraternidade e igualdade (Educação, 2014).

3.2. Enquadramento dos Objectivos da 11ª Classe

OBJECTIVOS GERAIS DA HISTÓRIA Na 11ª CLASSE

› Compreender as razões históricas da eliminação progressiva do tráfico de escravos;

- › Conhecer as situações criadas pelo abolicionismo, que permitiram, e permitem ainda hoje, a segregação racial em alguns países do mundo;
- › Compreender, do ponto de vista económico, como o comércio de escravos institucionalizou-se para satisfazer a gritante necessidade da economia Europeia;
- › Compreender os principais momentos dos avanços da ocupação colonial do território Angolano;
- › Compreender o significado das transformações operadas nas sociedades africanas nos domínios económicos, políticos e social;
- › Compreender a curiosidade e o espírito de aventura de alguns europeus, os objectivos de penetração para o interior do continente;
- › Compreender as causas económicas, políticas e estratégicas, que motivaram a conferência de Berlim e os objectivos da ocupação de África pelas grandes potências;
- › Conhecer os diferentes modelos coloniais (britânico, francês e belga);
- › Conhecer o ano de 1890, como ano de uma política colonial portuguesa;
- › Conhecer alguns episódios relevantes da resistência angolana e africana contra a penetração e a instalação do aparelho político e administrativo colonial;
- › Conhecer os grandes focos dos principais conflitos entre europeus e, entre estes e os africanos;
- › Compreender as causas das rivalidades imperialistas que deram origem a duas Guerras Mundiais;
- › Conhecer as repercussões das duas Guerras Mundiais, como: a crise económica mundial e o reforço da exploração colonial para o estabelecimento do comércio mundial;
- › Compreender a política colonial Salazarista no reforço da exploração em Angola;
- › Analisar as causas do surto do nacionalismo africano;
- › Conhecer o 4 de Fevereiro e o 15 de Março de 1961, como datas decisivas no combate ao colonialismo português;

› Conhecer as formas utilizadas pelo governo português no combate ao nacionalismo angolano (Educação, 2014).

➤ Conhecer a influência da igreja cristã angolana, na luta pela independência nacional 1961-1975.

3.3. Enquadramento dos Objectivos da Disciplina de História

- Compreender as diversas transformações ocorridas na sociedade europeia e africana em particular em Angola;
- Conhecer o processo do combate anticolonial e a luta de libertação nacional (1961-1975);
- Conhecer o Percorso Histórico da Igreja Cristã Angolana na luta pela Independência Nacional 1961-1975 e o seu contributo no ensino de História de Angola;

3.4. Enquadramento da Unidade da 11ª Classe

Tema 5 - A Revolta Anti-Colonial e a Luta de Libertação Nacional (1962-1975)

Este tema, durante o Ano Lectivo, comporta de 14 horas no total, segundo INIDE e procuramos enriquecer o mesmo com o contributo e influência da Igreja cristã em Angola que muito fez no despertamento dos nacionalistas.

Objectivo geral:

› Compreender as razões das transformações socioeconómicas dos governos coloniais após o início da Luta de Libertação Nacional em África, em particular em Angola (Educação, 2014).

- Compreender o Percorso histórico da igreja cristã em Angola e sua influência na luta pela independência Nacional.

Subtemas:

5.1. O contexto internacional da emancipação afro-asiática;

5.1.1. O novo ambiente ideológico;

5.1.2. A descolonização da Ásia;

5.1.3. As independências africanas até 1960 e depois;

5.2. 1961 - O início da guerra de libertação de Angola;

5.2.1. O prelúdio do início da luta armada, «4 de Janeiro de 1961»;

5.2.2. O «4 de Fevereiro»; 5.2.3. O «15 de Março de 11» e a revolta generalizada no Noroeste de Angola;

5.3. 1962-1974: Dificuldades, contradições e divisões no nacionalismo angolano;

5.3.1. Quadro geral da evolução das lutas de libertação nas colónias portuguesas;

5.3.2. O impacto da guerra de libertação na sociedade angolana;

5.3.2.1. A reacção portuguesa ao desencadear da luta de libertação, guerra e repressão;

5.3.2.2. Transformações económicas e sociais aceleradas: abolição da legislação discriminatória, expansão do ensino, o auge da ideologia do «luso-tropicalismo» e a portugalidade;

5.4. A transição para a independência (1974-75);

5.4.1. O 25 de Abril de 1974, a queda do regime Salazarista em Portugal e o fim da guerra colonial;

5.4.2. Período de transição;

5.4.3. A nova guerra e o acesso à independência (Educação, 2014).

Objectivos específicos:

› Conhecer as causas do aparecimento de um novo ambiente ideológico, no contexto internacional e regional africano;

› Analisar o aparecimento do novo ambiente ideológico, no contexto internacional e regional africano;

› Comparar o processo de descolonização na Ásia e África;

› Demarcar as independências africanas na década de 1950 – 1960;

- › Destacar a importância do ano de 1961 como ano decisivo contra o domínio colonial português;
- › Caracterizar as causas e efeitos dos protestos dos trabalhadores da Baixa de Kassange à política colonial portuguesa;
- › Destacar o 4 de Fevereiro e o 15 de Março de 1961 como acontecimentos decisivos no combate ao colonialismo português;
- › Analisar, criticamente, as causas divisionistas que surgiram no nacionalismo angolano;
- › Avaliar a reacção do governo colonial português no combate à luta de libertação;
- › Analisar as transformações socioeconómicas realizadas pelo governo colonial, após o início da luta armada, nomeadamente, a expansão do ensino, a discriminação racial;
- › Analisar criticamente a ideologia política luso-tropicalismo e da portugalidade, como forma de manter os seus domínios em África.
- › Destacar o 25 Abril de 1974, como fim do regime Salazarista, Caetano e da guerra colonial.
- › Analisar o período de transição e a proclamação da Independência Nacional (Educação, 2014).
- Conhecer a Influência da Igreja Cristã Angolana na luta pela Independência Nacional.

Sugestões metodológicas:

Sob orientação do professor, os alunos devem ser incentivados a ler documentos importantes sobre a descolonização do continente africano e o surto das independências africanas até na década de 1970.

Contactar algumas unidades políticas para realizarem algumas palestras nas escolas sobre as datas históricas de 4 de Fevereiro e de 15 Março de 1961.

Poderão ainda ler a obra de António de Spínola, “Portugal e o Futuro” e o 25 Abril, e as suas repercussões sobre as colónias portuguesas.

Realização de pequenos trabalhos individuais ou colectivos de forma a iniciar-se na pesquisa (Educação, 2014).

- Poderão também ler a obra do Bispo Emérito Emílio Júlio Miguel de Carvalho, “Ouço Passos de Milhares ... (Etapas do Metodismo Angolano) ”.
- Poderão ainda ler a obra de F. James Grenfell, “História da Igreja Baptista em Angola 1879-1975”;
- Poderão ler a obra do Bispo Emérito Emílio Júlio Miguel de Carvalho, Ouço Os Passos de Milhares... (Etapas do Metodismo em Angola);
- Poderão também ler a obra de Lawrence W. Henderson, “A Igreja Em Angola”;
- Poderão ainda ler a obra de Julião Mateus Paulo «Dino Matrosse», A Pide Na Rota de José Mendes de Carvalho «Hoji Ya Henda» A Igreja Metodista Unida e o Seu Relevante Papel na Luta de Libertação de Angola.

Olhando para o Tema 5 – A Revolta Anti-Colonial e a Luta de libertação Nacional (1962-1975), leva-nos a análise crítica quanto a data oficial do início da luta de libertação que aponta 4 de Fevereiro de 1961 e não 1962. Assim, os pontos 5.1. O contexto internacional da emancipação afro-asiática; 5.1.1. O novo ambiente ideológico e 5.1.2. A descolonização da Ásia, ficam fora do contexto diante do tema do III Trimestre da 11ª Classe vendo que estes “conteúdos programáticos actuais, com poucas excepções, encontram-se desligados do mundo real dos alunos” (PROENÇA, 1989, p. 71) e nós propusemos o subtema 5.2.4. A Influência da Igreja Cristã Angolana na Luta pela Independência Nacional 1961-1975. Um subtema que achamos ser de suma importância para a aprendizagem e inovador a este nível. Quando no ensino da História utiliza-se metodologia adequada, poder-se-á atingir aos objectivos preconizados. Já que as estratégias de ensino consubstancia-se na combinação dos métodos e nas actividades a serem desenvolvidas na sala aula.

3.5. Plano Temático

Tema	Trimestre	Horas Lectivas			
		Aula	Avaliação	Reserva	Total
Tema 5 - A Revolta Anti-Colonial e a Luta de Libertação Nacional (1962-1975)	III	13	3	1	17 h
5.2. 1961 O início da Guerra de Libertação de Angola		3	2	1	6
5.2.1. O prelúdio do início da luta armada, «4 de janeiro de 1961»		3	2	1	6
5.2.2. O «4 de Fevereiro»		2	2	1	6
5.2.3. O «15 de Março de 1961» e a revolta generalizada no Noroeste de Angola		2	2	1	6
5.2.4. A Influência da Igreja Cristã Angolana na Luta pela Independência Nacional 1961-1975		3	2	1	6

O INEDE, coloca o Tema 5 num horizonte temporal de 1962-1975 A Revolta Anti-Colonial e a Luta de Libertação Nacional. Olhando nos factos ocorridos, na história de Angola, o 4 de Fevereiro de 1961 marca o início da luta de libertação nacional. Os alunos podem estar confusos quanto a data do início da luta pela independência nacional. Mas no 5.2 até 5.2.2, apresentam acertadamente o ano de 1961. Aqui o professor ao ministrar este tema 5, deve corrigir o horizonte temporal.

Segundo a programação do INIDE (Educação, 2014) , prevê 14 horas para o III Trimestre, mas que pode ser reajustada a carga horária para 17 horas incluindo as horas de reserva. Quanto a avaliação, contamos com as seguintes classificações: Avaliação contínua, Prova do Professor e a avaliação trimestral, que perfazem três avaliações.

3.6. Os Meios de Ensino

Os meios de ensino, ajudam ao professor fazer compreender com maior facilidade o conteúdo à transmitir, através de ilustrações. Com as novas técnicas de ensino, permite-nos desenvolver determinadas competências e habilidades com projecção de audiovisuais, mapas e outras gravuras, assim, como Manuel de história, o giz, apagador e o quadro. Estes últimos podem ou não serem encontrados na sala de aula. Este material, ajudará o professor na ministração da aula e fará com que o aluno apreende sem dificuldade o conteúdo transmitido.

A aula de História sem o uso de meios de ensino, dificulta a compreensão da temática em estudo, principalmente quando se trata da localização geográfica sem o uso do mapa.

3.7- Avaliação

A Avaliação, permite ao professor apreender-se o quanto estão a ser cumpridos os objectivos traçados no decorrer período lectivo, por meio das três avaliações: a diagnóstica, a formativa e a sumativa, podemos ainda incluir a avaliação contínua, que ocorre ao longo das aulas.

A Avaliação Diagnóstica, processa-se no início da unidade temática;

Avaliação Formativa, realiza-se no decurso da unidade temática;

Avaliação Sumativa, acontece no fim da unidade, onde pode-se apurar a classificação final da unidade estudada.

Para melhor compreensão, Maria Candida Proença, apresenta-nos o quadro abaixo:

	SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE VÁRIOS TIPOS DE AVALIAÇÃO		
	TIPOS DE AVALIAÇÃO		
	De Diagnóstico	Formativa	Sumativa
Finalidades	- Obter indicações sobre conhecimentos, aptidões, interesses (ou outras qualidades do aluno).	- «Feed-back» ao Professor e ao aluno relativamente ao progresso deste.	- Classificar os alunos no final de um período relativamente longo (por exemplo, unidade de ensino: período, ano, etc.).
	- Determinar a posição dos alunos no início de uma unidade de ensino, período ou ano.	- Detectar os problemas de aprendizagem-ensino.	_____
	- Determinar as causas subjacentes de dificuldades de aprendizagem.	_____	_____
	- No início de uma	- Durante o processo de	- No final de um

Utilização	unidade de ensino, período ou ano lectivo	ensino-aprendizagem.	período relativamente longo (por exemplo, unidade de ensino: período, ano, etc.).
	- Durante o processo de ensino-aprendizagem quando o aluno revela insistentemente incapacidade para aproveitar o ensino formal.	_____	_____

Fonte: (PROENÇA, 1989, p. 149)

Nos três tipos de avaliação, o quadro acima ilustra-nos as diferenças e semelhanças para melhor avaliar um determinado aluno no decorrer de um período lectivo. É imperioso o Professor conhecer a capacidade e atitude de cada aluno dentro de uma determinada turma. Quando se domina este processo de avaliação, melhor será a atitude do professor agir de forma didáctico-pedagógica, ultrapassando as dificuldades durante o processo de ensino e aprendizagem, para que se obtenha resultados satisfatórios olhando nos objectivos traçados dentro da disciplina que lecciona. Dever-se-á interessar-se no progresso da turma em termos de absorção de conhecimentos científicos.

CONCLUSÃO

Procuramos neste trabalho trazer a Igreja cristã implantada neste solo pátrio no século XV e XIX, a sua trajetória num período conturbado em que o colonialista procurou a todo custo impor medidas tão drásticas de colonização. A Igreja cristã Protestante que é resultado da Reforma Protestante do século XVI, quando homens religiosos e humanistas que conheciam a verdade bíblica levantaram para combater os abusos da Igreja Católica Romana e culminou com Martinho Lutero em 1517 e sugere a Igreja Protestante trazida pelos Americanos, Ingleses e canadenses, com a visão de implantar missões em todo território angolano e foram direcionadas a uma determinada área da então província de Angola. A Igreja Evangélica Baptista em Angola (1878) IEBA, implantou as suas missões em S. Salvador (Zaire) e Uíge, trazida pela *Baptist Missionary Society* - BMS; a Igreja Evangélica Congregacional de Angola (11.11.1880) IECA, onde as Igrejas Congregacionais do Massachusetts e de Connecticut que pelo poder do Espírito Santo formaram a Junta Americana de Comissários para as Missões Estrangeiras em Boston (ABCFM), com destino preconizado para Bié e chegou ao Bailundo no Huambo e instalou suas Missões no Huambo, Bié, Benguela (Lobito), Huíla e Cuanza Sul; a Igreja Metodista Unida em Angola (18.03.1885) IMUA, trazida pela Igreja Metodista Episcopal, implantou Missões em Luanda, Cuanza Norte, Cuanza Sul, Malanje e Bengo. A nossa investigação cingiu-se nas três Igrejas cristãs: IEBA, IECA e IMUA, em cada capela erguida, funcionava uma escola e posto Médico ou Hospital em grandes centros missionários. Atendendo que o evangelho deve atingir a pessoa humana na sua integridade. Estas igrejas influenciaram a juventude com espírito patriótico e deram bolsas de estudos para o estrangeiro a muitos jovens que também despertaram outros e aqui destaca-se os três líderes principais dos movimentos de libertação de Angola: Dr. António Agostinho Neto, do MPLA; Álvaro Holden Roberto, da FNLA e Jonas Savimbi, da UNITA; como fruto do árduo trabalho das missões protestantes nas áreas do ensino e da saúde e pela força da oração.

No período da clandestinidade, as igrejas protestantes usavam os meios possíveis para ajudar os jovens a unir-se aos compatriotas que se encontravam em Léopoldville, Congo Belga e Zâmbia. Todas Organizações angolanas anticoloniais deram origem aos três movimentos que Libertaram Angola sob jugo colonial, como consequência de 4 de Janeiro de 1961, 4 de Fevereiro de 1961 e 15 de Março de 1961. Este ano de 1961, marcou a bravura e o sonho da liberdade do povo Angolano. Assim, levantou o colonialista português um espírito

vingativo contra os autóctones e as Igrejas Protestantes não foram poupadas, prisões e mortes de Pastores e leigos. Mas a Igreja cristã prevaleceu viva e activa jogando a sua influência na sociedade para o alcance da Independência de Angola.

O Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, A Frente Nacional de Libertação de Angola – FNLA e a União Nacional para Independência Total de Angola – UNITA, estavam todos fortalecidos pelo espírito patriótico e lutaram contra o colonialista Português. A maior preocupação da OUA, foi a falta de união de ambos os movimentos e juntou-os na mesma mesa na Conferência de Mombaça a 5 de Janeiro de 1974, como prenúncio do Acordo de Alvor de 10 - 15 de Janeiro de 1975, que levou Portugal reconhecer os três movimentos de libertação de Angola e o direito à Independência no dia 11 de Novembro de 1975. Apesar do incumprimento dos acordos de Alvor, o povo Angolano alcançou a sua liberdade com a proclamação da Independência Nacional na data prevista, que foi motivo de grande júbilo. Pela fé deve-se crer para ver e não ver para crer.

Com este trabalho, a Disciplina de História de Angola na 11^a Classe do ensino secundário geral, ganha conteúdo sobre a influência da Igreja Cristã Angolana no Processo da luta pela Independência nacional desde 1961 a 1975, para alunos do curso de Ciência económico-Jurídicas e de Ciências Humanas.

RECOMENDAÇÕES

Olhando para o Programa curricular da 11ª Classe do II Ciclo do Ensino Secundário, urgiu a necessidade de investigação sobre o Percorso Histórico da Igreja Cristã em Angola na Luta pela Independência Nacional 1961 – 1975, um Contributo para o Ensino de História de Angola. Na Classe acima referenciada, consta no seu currículo o tema 5: A Revolta Anticolonial e a Luta de Libertação Nacional (1962-1975). E, pretendemos incluir neste tema, o sub-tema: A Influência da Igreja Cristã Angolana na Luta pela Independência Nacional 1961-1975. Esta nossa humilde contribuição, fará com que o aluno a ser preparado para o ensino superior, saiba o contributo e a influência da Igreja cristã na luta pela Independência nacional. Os atores pela liberdade do nosso país devem tornar-se conhecidos para melhor descrição da nossa História.

Terminada a pesquisa científica que resultou na presente dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de História de Angola, recomendamos o seguinte:

1. A necessidade de incluir nos programas de história temas específicos acerca da história da religião em Angola;
2. Que o ISCED de Luanda incluísse nos seus cursos de pós-graduação, um seminário ou módulo ligado a história da religião;
3. A Igreja sendo parceira do Estado, na tomada de determinadas decisões mais importantes da vida das populações, sobretudo no interior deveria ser consultada para a sua contribuição;
4. Aprofundamento dos estudos e a divulgação dos resultados sobre a contribuição da Igreja na sociedade angolana;
5. Esperando com esta dissertação propor a inclusão na história de Angola, conteúdos referentes ao contributo da Igreja na luta pela libertação nacional.

BIBLIOGRAFIA

- Enciclopédia Livre*. (15 de Maio de 2010). Acesso em 04 de Julho de 2022, disponível em Wikipédia.
- ANGOLA, A. N.-A. (2011). *Actas do Colóquio, Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional - Memórias de um passado que se faz presente*. Luanda: Edições de Angola, Lda.
- ANGOLA, I. M. (2001). *A Caminhada Histórica na Liderança do Episcopado Metodista Angolano 1972-2000*. Portugal: Núcleo, Queluz.
- BLAKE, P. A. (2020). *Angola Colonial Fotografada por Missionários Metodistas*. Luanda: Norrprint - a casa do livro - Fundação Dr. António Agostinho Neto.
- CARVALHO, E. J. (1978). *A Questão Religiosa na República Popular de Angola*. Luanda: Núcleo - Centro de Publicações Cristãs, Lda.
- CARVALHO, E. J. (1995). *A Igreja Africana No Centro da Sua História (Subsídios para a História da Igreja nos Países de Língua Oficial Portuguesa em África)*. Portugal: Núcleo - Centro de Publicações Cristãs, Lda.
- CARVALHO, E. J. (2008). *O Livro de Disciplina*. Portugal: Núcleo - Queluz.
- CHIPESSE, R. D. (s.d.). Flash de Notícias Semanal, do Conselho de Igrejas Cristãs de Angola. *Flash de Notícias Semanal, do Conselho de Igrejas Cristãs de Angola*, 278.
- COENEN, L., & Brown, C. (2000). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. SP, Brasil: Vida Nova.
- D'AUBIGNÉ, J. H. (s.a.). *História da Reforma do Décimo-Sexto Século*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.
- Educação, I. -I. (2014). *Programa de História - 11ª Classe*. Luanda: Editora Moderna, SA.
- ERICKSON, M. J. (1997). *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova.
- FIGUEIREDO, C. (1913). *The Project Gutenberg Ebook of Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. Lisboa: Nova Edição.
- GRENFELL, F. J. (1998). *História da Igreja Baptista em Angola*. Luanda - Angola: NÚCLEO - Centro de Publicações Cristãs, Lda.
- GUERRA, M. L. (s.d.). *História da Idade Média e Idade Moderna*. Lisboa.
- HENDERON, L. W. (2001). *A Igreja em Angola: Um rio com várias correntes*. Luanda/Angola: Pela Livraria Evangélica o "Barquinho".
- HURLBUT, J. L. (1979). *História da Igreja Cristã*. Miami, Florida: Vida.
- KAMABAYA, M. (2014). *O Renascimento da Personalidade Africana*. Luanda: Damer Gráfica, SA. Mayamba Editora .

- KEBANGUILAKO, D. (2006). *A Educação Em Angola: Sistema Educativo, Políticas Públicas e os Processos de Hegemonização e Hegemonização Política na Primeira República: 1975-1992*. Salvador.
- MARCUM, J. (1969 e 1978). *The Angolan Revolution. Vol I The anatomy of an explosion; Vol II Exile politics and guerrilla warfare*. Cambridge e Londres.
- MBAH, J. M. (2010). *As Rivalidades Políticas Entre A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)*. Luanda: Mayamba Editora.
- O'DONOVAN Jr., W. (1999). *O Cristianismo Bíblico da Perspectiva Africana*. São Paulo SP: Vida Nova.
- PÁDUA, M. M. (2011). *No Percurso de Guerras Coloniais (1961-1969)*. Luanda: Caxinde - Editora e Livraria.
- PAULO, J. M. (2013). *A Pide na Rota de José Mendes de Carvalho «Hoji ya Henda», A Igreja Metodista Unida e o seu papel relevante na Luta de Libertação Nacional de Angola*. Portugal: Editorial Caminho.
- PROENÇA, M. C. (1989). *Didáctica da História*. Lisboa: Universidade Aberta.
- QUINTANILHA, J. (2002). *Manual de Teologia para Concílios*. SP Brasil: Vida Nova.
- SAMUELS, M. A. (2011). *Educação ou Instrução: A História do Ensino em Angola 1878 - 1914*. Luanda - Angola: Mayamba Editora LDA.
- SCHUBERT, B. (2000). *A Guerra e as Igrejas em Angola*.
- SILVA NETO, T. A. (2010). *História da Educação e Cultura de Angola: Grupos Nativos, Colonização e a Independência*. Brasil: Garrido Artes Gráficas - ALPIARÇA.
- Social, M. d. (1975). *Angola Acordo Para Independência*. Lisboa: Gráficas do M.C.S.
- VIEGAS, M. d. (1999). *Angola e as Religiões* (1ª ed.). Luanda: Litotipo Lda.
- WEELER, D. e. (2011). *História de Angola*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, Lda.
- White, V. (31 de Agosto de 2022). *Frente Nacional de Libertação de Angola*. Acesso em 07 de Setembro de 2022, disponível em Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Especial:History/Frente_Nacional_de_Libertação_de_Angola

GALERIA DE ANEXOS

Programa de História da 11ª classe: 2.º Ciclo do Ensino Secundário Geral

República de Angola
Ministério da Educação

PROGRAMA DE

HISTÓRIA

11ª Classe

2.º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO GERAL

ÁREAS DE CIÊNCIAS ECONÓMICO-JURÍDICAS E DE CIÊNCIAS HUMANAS

Ficha Técnica

Título

Programa de História - 11ª Classe
(Área de Ciências Económico-Jurídicas e de Ciências Humanas)

Editora

Editora Moderna, S.A.

Pré-impressão, Impressão e Acabamento

GestGráfica, S.A.

Ano / Edição / Tiragem

2014 / 2.ª Edição / 2.000 Ex.



EDITORA MODERNA

E-mail: geral@editoramoderna.com

© 2014 EDITORA MODERNA

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da editora, abrangendo esta proibição o texto, as ilustrações e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no código dos direitos de autor.



ÍNDICE

Introdução Geral à Disciplina de História no 2º Ciclo do Ensino Secundário	
Introdução	
Objectivos Gerais da História no 2º Ciclo do Ensino Secundário	
Objectivos Gerais da História na 11ª Classe	
Conteúdos Programáticos	
Esquema Geral dos Conteúdos	
Desenvolvimento dos Conteúdos	
Sugestões Metodológicas Gerais	
Avaliação	
Bibliografia	

INTRODUÇÃO GERAL À DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO 2º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO

Tendo como pressupostos os objectivos definidos para o 2º Ciclo do Ensino Secundário que, se consubstanciam em:

“Ampliar, aprofundar e consolidar os conhecimentos adquiridos nos níveis anteriores”;

“Desenvolver o pensamento lógico e abstracto e a capacidade de avaliar a aplicação de modelos científicos na resolução de problemas da vida prática⁽¹⁾”.

A nossa proposta curricular para este ciclo fundamenta-se naquilo que Agnes Heller nos diz: “O homem nasce já inserido no seu quotidiano. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para vida quotidiana da sociedade (camada ou grupo social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo no seu quotidiano⁽²⁾”. Assim, o reforço e o aprofundamento de determinadas temáticas visam inserir o aluno na realidade sociocultural e política que o rodeiam, partindo sempre de realidades mais próximas de si, “eu e os outros”. Por isso, os conteúdos, criteriosamente seleccionados, visam fornecer instrumentos científicos e metodológicos que permitam ao aluno, conhecer, analisar e avaliar de forma crítica essa realidade, de forma a procurar e propor soluções científicas para a sua resolução, assim como assegurar uma melhor formação cívica com vista à preparação para o exercício consciente da cidadania.

Contudo, neste ciclo permanecem as preocupações de ensino e aprendizagem anteriores, com a valorização dos conhecimentos dos alunos e a preocupação de o professor intervir, com situações pedagógicas particulares para ampliar os conhecimentos históricos.

É consensual a impossibilidade de se estudar História de todos os tempos e sociedades, sendo por isso necessário fazer selecções baseadas em determinados critérios para estabelecer os conteúdos a serem ensinados.

Nenhuma faculdade neste país, e quiçá em outros, tem um curso de História Mundial e as tendências historiográficas actuais propõem que, em todos os programas, haja necessidade de articular a estrutura geral de maneira que

⁽¹⁾ *In* Projecto de Lei de Bases do Sistema de Educação.

⁽²⁾ *In* o Cotidiano e a História, Editora Paz e Terra, São Paulo, SP, 1992, pág.18.

se tornem inteligíveis perspectivas sociais, económicas, políticas e culturais harmonizando-as, simultaneamente, com o estudo do humano e do específico.

Não se trata de uma tarefa fácil, pois qualquer opção tomada é relativa, se tivermos em conta os pressupostos conceptuais dos autores. Sabemos que todo o juízo funciona sempre, explícita ou implicitamente, como parte da totalidade de uma teoria, de uma concepção do mundo, de uma imagem do mundo inserida num determinado contexto sócio-político.

A selecção de conteúdos programáticos tem sido variada, mas geralmente feita segundo uma tradição de ensino que é de articulada e reintegrada em novas dimensões e de acordo com temas relevantes para o momento histórico da actual geração.

A escolha dos conteúdos relevantes a serem estudados, feita nesta proposta, parte do aprofundamento das problemáticas locais em que estão inseridos os alunos, não perdendo de vista as questões que dimensionam essas realidades, estão envolvidas problemáticas regionais, nacionais e mundiais. Assim, os conteúdos históricos seleccionados expressam a intencionalidade de fornecer aos alunos a formação de um repertório intelectual e cultural, para que possam estabelecer identidades e diferenças com outros indivíduos e com grupos sociais presentes na realidade vivida e, simultaneamente, permitir a introdução dos alunos na compreensão das diversas formas de relações sociais, assim como a perspectiva de que as histórias individuais se integram e fazem parte do que se domina na História nacional e de outros lugares.

Os conteúdos foram escolhidos a partir da actualidade, na qual existem materialidades e mentalidades que dominam a presença de outros tempos, outros modos de vida sobreviventes do passado, outros costumes e outras modalidades de organização social, que continuam, de alguma forma, presentes na vida das pessoas.

Os conteúdos escolhidos, que fundamentem esta proposta de programa, estão articulados de forma temática, pois, segundo alguns historiadores (e os conceptores dos mesmos também subscvem a opinião), este tipo de abordagem permite a análise dos temas em função de um número limitado de “estudo de casos”, facilitando, assim o desenvolvimento da investigação em profundidade; o tema apresenta também um sistema de referências simples, que contrastam com as dificuldades inerentes à periodização global ou à determinação da importância relativa dos acontecimentos quer têm lugar em pontos opostos do globo.

11ª CLASSE

Para este ciclo, os alunos aprofundam os conteúdos estudados nos ciclos anteriores, priorizando os ligados a Angola e África numa perspectiva de evolução. Um particular destaque é para o programa da 12ª Classe que, em si só, refere-se à História de África Austral nos últimos 25 anos. A análise das relações entre colónias e colonizadores, as independências, e os conflitos pós-independência e a sua gestão no quadro da Guerra Fria são alguns aspectos a considerar com uma certa acuidade.

No entanto, considerou-se que, diante da diversidade de conteúdos possíveis, os professores devem fazer escolhas daqueles que são mais significativos para serem trabalhados em determinados momentos ou em determinados grupos de alunos no decorrer da escolaridade.

Os conteúdos de História, como são propostos neste documento, não devem ser considerados fixos. As escolas e os professores podem recriá-los e adaptá-los à realidade local.

INTRODUÇÃO

O presente programa da 11ª Classe aborda temas relacionados com a história de Angola e de África, desde a ocupação Europeia até aos nossos dias. Pretende-se, desta forma dar sequência à abordagem feita no 1º ciclo, sobre a História Universal, incluindo mais na História regional, transmitindo assim conhecimentos que permitem ao aluno identificar-se cada vez mais com a História de Angola e da África (temas tratados com mais profundidade na 12ª Classe).

Procurou-se enquadrar a História de África e de Angola nos espaços cronológicos da História Universal, incidindo sobretudo na análise dos grandes acontecimentos de alcance mundial.

O programa encontra-se estruturado em cinco unidades temáticas:

No primeiro tema, analisar-se-á com mais profundidade o tráfico de escravos, comparando-o ao comércio “Lícito”, as suas consequências funestas para o continente africano e o contexto histórico da abolição do tráfico.

Analisar-se-á a política utilizada na ocupação territorial e os ensaios de uma nova colonização, bem como a afirmação da imprensa africana no despertar do nacionalismo.

No segundo tema, analisar-se-á o contexto imperialista na partilha da África, as formas de acção política, económica de Angola no espaço colonial português.

No terceiro tema, analisar-se-á as rivalidades das potências imperialistas no domínio dos territórios em África e a exploração dos recursos minerais para o desenvolvimento do capitalismo.

No quarto tema, analisar-se-á o colonialismo português, a sua política e métodos coercivos aplicados à sociedade angolana e a viragem dessa política após a II Guerra Mundial.

No último tema, pretendeu-se realçar o aparecimento do novo ambiente ideológico, tanto no contexto internacional como regional, que deu início à luta de libertação nacional, a queda do fascismo em Portugal e a independência de Angola.

Com esta proposta de conteúdos, pretende-se o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos pelo aluno nos ciclos anteriores, tal como está definido na Lei de Base para este nível.

Este programa tem, ainda como objectivo central, incutir no aluno a lógica do pensamento histórico, desenvolvendo nele a capacidade de observação, análise crítica, de argumentação e expressão e a utilização correcta do vocabulário histórico.

É fundamental que não se faça da História apenas uma simples colecção de factos históricos, mas sim, que se conheça a existência de sociedades, homens e mulheres em constante e activa evolução, e, em torno da qual, se desenvolve e aprofunda as formas de raciocínio científico. É ainda fundamental que se reconheça a História de África como parte integrante da evolução da História da Humanidade, não se esquecendo de analisar com profundidade os factores externos que condicionam o desenvolvimento do continente, isto é, o tráfico de escravos, a partilha e o saque colonial.

Certamente haverá algumas dificuldades com a bibliografia das matérias aqui abordadas. No entanto, aconselha-se os professores, sempre que possível, dar aos alunos a oportunidade de elaborarem alguns trabalhos em grupo ou individuais, consultando algumas obras que estejam ao seu dispor, motivando-os desta forma a realizarem trabalhos de pesquisa.

Assim sendo, levar-se-á os alunos a uma reflexão crítica e problemática de alguns dados sociais, dominando conceitos cada vez mais sólidos, relacionando os acontecimentos a nível mundial e, ou, relacionados com África.

OBJECTIVOS GERAIS DA HISTÓRIA NO 2º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO

- › Aprofundar e consolidar os conhecimentos adquiridos nos ciclos anteriores;
- › Desenvolver o pensamento lógico e abstracto;
- › Compreender as mudanças reversíveis – ciclos conjunturais – revolução/ruptura;
- › Conhecer a complementaridade das perspectivas diacrónica e sincrónica na análise histórica;
- › Conhecer a multiplicidade de factores que desencadeiam os eventos e os processos conjunturais;
- › Integrar o diálogo passado-presente como um processo de contribuições recíprocas para a compreensão das diferentes épocas;
- › Adquirir competências que permitem a aplicação de modelos científicos compatíveis na resolução de problemas da vida prática;
- › Desenvolver hábitos de questionamento e problematização face ao saber adquirido;
- › Desenvolver a consciência do que se entende por “crítica” em relação aos valores e padrões culturais nacionais.
- › Desenvolver a capacidade de:
 - Elaborar fichas de leituras, dossiers temáticos ou outros instrumentos de recolha de informação, e criar metodicamente referências bibliográficas;
 - Formulação de hipóteses;
 - Expressão, argumentação e utilização correcta do vocabulário específico de história;
 - Seleccionar fontes primárias e secundárias, avaliar a sua relevância e credibilidade.
- › Assegurar uma formação cívica visando a preparação para o exercício consciente da cidadania;
- › Contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito pelos valores tradicionais, pela vida e dignidade humana, pela unidade nacional, fraternidade e igualdade.

OBJECTIVOS GERAIS DA HISTÓRIA NA 11ª CLASSE

- › Compreender as razões históricas da eliminação progressiva do tráfico de escravos;
- › Conhecer as situações criadas pelo abolicionismo, que permitiram, e permitem ainda hoje, a segregação racial em alguns países do mundo;
- › Compreender, do ponto de vista económico, como o comércio de escravos institucionalizou-se para satisfazer a gritante necessidade da economia Europeia;
- › Compreender os principais momentos dos avanços da ocupação colonial do território Angolano;
- › Compreender o significado das transformações operadas nas sociedades africanas nos domínios económicos, políticos e social;
- › Compreender a curiosidade e o espírito de aventura de alguns europeus, os objectivos de penetração para o interior do continente;
- › Compreender as causas económicas, políticas e estratégicas, que motivaram a conferência de Berlim e os objectivos da ocupação de África pelas grandes potências;
- › Conhecer os diferentes modelos coloniais (britânico, francês e belga);
- › Conhecer o ano de 1890, como ano de uma política colonial portuguesa;
- › Conhecer alguns episódios relevantes da resistência angolana e africana contra a penetração e a instalação do aparelho político e administrativo colonial;
- › Conhecer os grandes focos dos principais conflitos entre europeus e, entre estes e os africanos;
- › Compreender as causas das rivalidades imperialistas que deram origem a duas Guerras Mundiais;
- › Conhecer as repercussões das duas Guerras Mundiais, como: a crise económica mundial e o reforço da exploração colonial para o estabelecimento do comércio mundial;
- › Compreender a política colonial Salazarista no reforço da exploração em Angola;

- › Analisar as causas do surto do nacionalismo africano;
- › Conhecer o 4 de Fevereiro e o 15 de Março de 1961, como datas decisivas no combate ao colonialismo português;
- › Conhecer as formas utilizadas pelo governo português no combate ao nacionalismo angolano.

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Tema Introdutório	4 horas
Tema 1 - Do Tráfico de Escravos ao Comércio “Lícito” (1822-1880)	16 horas
Tema 2 - Angola no Período da Conquista Europeia de África (1880-1915)	14 horas
Tema 3 - A África no Período das Guerras Mundiais (1915-1945)	12 horas
Tema 4 - O Colonialismo Português e a Sociedade Angolana na Primeira Metade do Séc. XIX (1915-1960) ...	13 horas
Tema 5 - A Revolta Anti-Colonial e a Luta de Libertação Nacional (1962-1975)	14 horas
Avaliação	18 horas
Total	98 horas

ESQUEMA GERAL DE CONTEÚDOS

Tema - Introdução

1. Apresentação
2. Revisões
3. Avaliação diagnóstica

Tema 1 - Do Tráfico de Escravos ao Comércio “Lícito” (1822-1880)

- 1.1. O contexto histórico da abolição do tráfico de escravos negros;
- 1.2. O fim do ciclo em Angola
 - 1.2.1. O impacto da independência do Brasil (1822-25) na colónia de Angola;
 - 1.2.2. A repressão ao tráfico;
 - 1.2.3. A diversidade de rotas comerciais;
- 1.3. Os avanços na ocupação territorial e os ensaios de uma nova colonização;
- 1.4. A sociedade colonial: os colonos e «os filhos do pai»; a imprensa e a afirmação da imprensa africana;
- 1.5. As sociedades africanas face à mudança
 - 1.5.1. Cabinda
 - 1.5.2. O antigo reino do Kongo;
 - 1.5.3. O Bié e o Bailundo;
 - 1.5.4. O comércio à longa distância dos Quimbundu;
 - 1.5.5. O fim da expansão económica e territorial do Cokwe (Lunda);
 - 1.5.6. O reino de Nyaneka Humbe;
 - 1.5.7. Os Ovambos.

Avaliação (formativa e sumativa)

Tema 2 - Angola no Período da Conquista Europeia de África (1880-1915)

- 2.1. O novo contexto imperialista, as explorações geográficas e científicas, a conferência de Berlim e o prelúdio para a partilha Europeia de África;
- 2.2. Panorâmica geral dos modelos coloniais britânicos, francês e belga;
- 2.3. A nova política portuguesa;
 - 2.3.1. «O ultimatum» de 1890 e o novo nacionalismo colonial; as contradições ideológicas; racismo e “assimilacionismo”;
 - 2.3.2. A instalação do aparelho político e administrativo colonial e as campanhas de ocupação; resistência da armada africana: Kongo, Dembos, Bié, Bailundo, Malanje, Leste, Humbe e Ovambo; as revoltas nas regiões recém-ocupadas: Mutu-Ya-Kevela (Bailundo)

1902, Álvaro Buta (Kongo), 1913;

2.3.3. A marginalização dos «angolenses» e os apelos autonomistas;

2.4. A importância económica de Angola no espaço colonial português.

Tema 3 - A África no Período das Guerras Mundiais (1915-1945)

3.1. As duas Guerras Mundiais no contexto das rivalidades imperialistas.

3.2. O impacto económico das Guerras Mundiais em África: o reforço da exploração, o comércio colonial e comércio mundial;

3.3. O impacto político das guerras mundiais;

3.3.1. A mobilização dos africanos e a politização das elites assimiladas;

3.3.2. As diferentes raízes do primeiro nacionalismo.

Tema 4 - O Colonialismo Português e a Sociedade Angolana na Primeira Metade do Século XIX (1915-1960)

4.1. Angola (1915-1950) aspectos políticos.

4.1.1. A frustração da expectativa na colónia no período da 1ª República (1910-1926);

4.1.1.1. Os projectos políticos: Os altos-comissários e o papel de Norton de Matos;

4.1.1.2. O fracasso dos projectos económicos;

4.1.2. A primeira política colonial Salazarista (1930 – 1951): O acto colonial (1930), a «mística imperial», o reforço da exploração colonial.

4.2. Factores do conflito na sociedade colonial.

4.2.1. Trabalho forçado, imposto e expropriação de terras;

4.2.2. Discriminação social e racial, o estatuto dos indígenas e a repressão política;

4.2.3. A viragem do pós II Guerra Mundial;

4.2.3.1. A «provincialização» de 1951 e a política do «fomento ultramarino»;

4.2.3.2. Mudanças económicas e sociais;

4.2.3.3. “Assimilacionismo”, aumento de tensões entre colonizados e colonizadores e as primeiras actividades nacionalistas.

Tema 5 - A Revolta Anti-Colonial e a Luta de Libertação Nacional (1962-1975)

5.1. O contexto internacional da emancipação afro-asiática;

5.1.1. O novo ambiente ideológico;

- 5.1.2. A descolonização da Ásia;
- 5.1.3. As independências africanas até 1960 e depois;
- 5.2. 1961 - O início da guerra de libertação de Angola;
 - 5.2.1. O prelúdio do início da luta armada, «4 de Janeiro de 1961»;
 - 5.2.2. O «4 de Fevereiro»;
 - 5.2.3. O «15 de Março de 1961» e a revolta generalizada no Noroeste de Angola;
- 5.3. 1962-1974: Dificuldades, contradições e divisões no nacionalismo angolano;
 - 5.3.1. Quadro geral da evolução das lutas de libertação nas colónias portuguesas;
 - 5.3.2. O impacto da guerra de libertação na sociedade angolana;
 - 5.3.2.1. A reacção portuguesa ao desencadear da luta de libertação, guerra e repressão;
 - 5.3.2.2. Transformações económicas e sociais aceleradas: abolição da legislação discriminatória, expansão do ensino, o auge da ideologia do «luso-tropicalismo» e a portugalidade;
- 5.4. A transição para a independência (1974-75);
 - 5.4.1. O 25 de Abril de 1974, a queda do regime Salazarista em Portugal e o fim da guerra colonial;
 - 5.4.2. Período de transição;
 - 5.4.3. A nova guerra e o acesso à independência.

DESENVOLVIMENTO DOS CONTEÚDOS

Tema - Introdutório

1. Apresentação
2. Revisões
3. Avaliação diagnóstica

Objectivos específicos:

- › Avaliar em forma de diagnóstico;
- › Consolidar os resultados da aprendizagem das classes anteriores;
- › Reconhecer a importância desta unidade, como elo de ligação entre os estudos realizados nas classes anteriores e os que irão realizar nesta classe;
- › Reconhecer alguns aspectos gerais dos conteúdos programáticos da classe e os seus objectivos;
- › Reconhecer as formas de avaliação e os tipos de controlo a que os alunos serão submetidos durante o ano lectivo;
- › Perceber a importância do estudo de fragmentos históricos para um estudo científico da História.

Sugestões metodológicas:

É importante que, no início de cada ano lectivo, o professor realize um teste diagnóstico para avaliar os conhecimentos que os alunos dispõem em relação à disciplina. Ele tem como objectivo averiguar ou certificar-se dos saberes que os alunos trazem das classes ou ciclos anteriores e servirão de base aos novos conhecimentos.

Por esta razão, alertamos o professor para a diagnóstica, que não carece de qualquer tipo de classificação.

Tema 1 - Do Tráfico de Escravos ao Comércio “Lícito” (1822-1880)

Objectivo geral:

- › Compreender as razões históricas do tráfico de escravos e comércio de escravos negros.

Subtemas:

- 1.1. O contexto histórico da abolição do tráfico de escravos negros;
- 1.2. O fim do ciclo em Angola
 - 1.2.1. O impacto da independência do Brasil (1822-25) na colónia de Angola;

- 1.2.2. A repressão ao tráfico;
- 1.2.3. A diversidade de rotas comerciais;
- 1.3. Os avanços na ocupação territorial e os ensaios de uma nova colonização;
- 1.4. A sociedade colonial: os colonos e «os filhos do pai»; a imprensa e a afirmação da imprensa africana;
- 1.5. As sociedades africanas face à mudança
 - 1.5.1. Cabinda
 - 1.5.2. O antigo reino do Kongo;
 - 1.5.3. O Bié e o Bailundo;
 - 1.5.4. O comércio à longa distância dos Quimbundu;
 - 1.5.5. O fim da expansão económica e territorial do Cokwe (Lunda);
 - 1.5.6. O reino de Nyaneka Humbe;
 - 1.5.7. Os Ovambos.

Objectivos específicos:

- › Diferenciar tráfico de escravos do comércio “lícito”;
- › Enumerar os países que participaram no tráfico de escravos;
- › Avaliar a importância histórica do acordo Luso-Britânico;
- › Descrever o tipo de relações que existiam entre a colónia de Angola e o Brasil;
- › Demonstrar como o predomínio dos interesses brasileiros criou contradições entre comerciantes portugueses e estes;
- › Descrever a intensificação da ocupação colonial contra os vários Estados ou reinos de Angola;
- › Demonstrar as grandes diferenças que existiam na estratificação social, da sociedade colonial;
- › Destacar o aparecimento da imprensa africana na sociedade colonial;
- › Descrever as mudanças operadas nas sociedades africanas face à ocupação colonial;
- › Explicar os mecanismos utilizados pelos colonialistas portugueses, propondo o fim da expansão económica e territorial dos vários reinos.

Sugestões metodológicas:

Neste tema convém particularizar, com exemplos concretos, os efeitos do tráfico, tanto no aspecto demográfico, como económico-social e político.

Se a escola ou o professor disponibilizarem alguma literatura, que se refira à vida dos escravos no continente americano ou à travessia do Atlântico nos barcos, esta deverá ser consultada pelos alunos nesta ocasião.

Procurar diversos documentos (revistas, obras de divulgação, folhetos e nagens) referentes a este tema, iniciando, desta forma, os alunos a pesquisar.

Tema 2 - Angola no Período da Conquista Europeia de África (1880-1915)

Objectivo geral:

- › Compreender os principais momentos dos avanços da conquista e ocupação colonial do território angolano após a Conferência de Berlim.

Subtemas:

- 2.1. O novo contexto imperialista, as explorações geográficas e científicas, a conferência de Berlim e o prelúdio para a partilha Europeia de África;
- 2.2. Panorâmica geral dos modelos coloniais britânicos, francês e belga;
- 2.3. A nova política portuguesa;
 - 2.3.1. «O ultimatum» de 1890 e o novo nacionalismo colonial; as contradições ideológicas; racismo e “assimilacionismo”;
 - 2.3.2. A instalação do aparelho político e administrativo colonial e as campanhas de ocupação; resistência da armada africana: Kongo, Dembos, Bié, Bailundo, Malanje, Leste, Humbe e Ovambo; as revoltas nas regiões recém-ocupadas: Mutu-Ya-Kevela (Bailundo) 1902, Álvaro Buta (Kongo), 1913;
 - 2.3.3. A marginalização dos «angolenses» e os apelos autonomistas;
- 2.4. A importância económica de Angola no espaço colonial português.

Objectivos específicos:

- › Destacar alguns exploradores famosos como Silva Porto, Serpa Pinto, Stanley, Barth, Livingston e Savorgnan de Brazza;
- › Reconhecer o conteúdo das principais deliberações e das decisões saídas da conferência de Berlim;
- › Realçar o “ultimatum” do ano de 1890, como ano de viragem na política do novo nacionalismo colonial;
- › Comparar os vários modelos coloniais em África (britânico, francês e belga);
- › Analisar as causas fundamentais das contradições ideológicas e da política de assimilação;
- › Demonstrar alguns episódios relevantes da resistência angolana e africana à ocupação colonial;
- › Destacar as revoltas de Mutu-ya-kevela, Álvaro Buta, Ekuikui, Mandume como exemplos de patriotismo e de nacionalismo contra a instalação do aparelho administrativo colonial;

- › Realçar a importância económica de Angola no quadro da expansão do capitalismo na África Central e Austral;
- › Definir conceitos referentes à matéria em estudo;
- › Explicar o papel da imprensa africana no despertar do nacionalismo.

Sugestões metodológicas:

Neste tema, os alunos deverão ser conduzidos a analisar e concluir as formas de acção política, económica e ideológicas dos sistemas coloniais, as suas características comuns e objectivos finais.

Deverá ainda, se possível, trabalhar com mapas políticos dessa altura, bem como, dados que ilustrem as regiões focadas nesta temática.

Caso seja possível, contactarem alguns anciãos ainda vivos, para falarem sobre as resistências e revoltas dos nossos antepassados à ocupação colonial portuguesa. Deve-se destacar ainda o papel que desempenhou a curiosidade dos exploradores geográficos europeus na penetração, mais para o interior do continente.

Orientar os alunos a ler algumas obras, tais como: “A Exploração da África” e “Como atravessei a África”.

Tema 3 - A África no Período das Guerras Mundiais (1915-1945)**Objectivo geral:**

- › Compreender a causa das rivalidades imperialistas que deram origem a duas Guerras Mundiais.

Subtemas:

- 3.1. As duas Guerras Mundiais no contexto das rivalidades imperialistas.
- 3.2. O impacto económico das Guerras Mundiais em África: o reforço da exploração, o comércio colonial e comércio mundial;
- 3.3. O impacto político das guerras mundiais;
 - 3.3.1. A mobilização dos africanos e a politização das elites assimiladas;
 - 3.3.2. As diferentes raízes do primeiro nacionalismo.

Objectivos específicos:

- › Conhecer as repercussões das duas Guerras Mundiais como a crise económica mundial e o reforço da exploração colonial para o estabelecimento do comércio mundial;

- › Explicar as causas das rivalidades entre as principais potências europeias (económicas, como o domínio do comércio e político-estratégicas, como o estabelecimento de zonas de influência em África).
- › Explicar porque é que os africanos foram obrigados a participar nas duas Guerras Mundiais.
- › Explicar as repercussões das duas Guerras Mundiais: a crise económica mundial; as rivalidades entre as potências europeias, no comércio e no estabelecimento de zonas de influência; a crise económica e política em África;
- › Caracterizar os primeiros focos do nacionalismo em África;
- › Identificar quais eram os objectivos dos europeus na politização das elites africanas assimiladas;
- › Analisar alguns resultados derivados da participação dos africanos nas Guerras Mundiais.
- › Destacar o papel desempenhado por alguns líderes como Kwame Nkrumah, Julius Nyerere, Agostinho Neto, Sédar Senghor, Jomo Kenyatta, Samora Machel, Nelson Mandela e outros.

Sugestões metodológicas:

Se o professor ou a escola dispõem de algumas obras literárias, que se refiram às duas Guerras Mundiais e ao reforço da exploração no comércio mundial ou às Guerras Mundiais e rivalidades imperialistas, é de estimular a sua leitura pelos alunos. É ainda importante iniciar os alunos na elaboração de trabalhos de pesquisa, que podem ser individuais ou colectivos.

Tema 4 - O Colonialismo Português e a Sociedade Angolana na Primeira Metade do Século XIX (1915-1960)

Objectivo geral:

- › Compreender a política colonial Salazarista no reforço da exploração de Angola.

Subtemas:

4.1. Angola (1915-1950) aspectos políticos.

4.1.1. A frustração da expectativa na colónia no período da 1ª República (1910-1926);

4.1.1.1. Os projectos políticos: Os altos-comissários e o papel de Norton de Matos;

4.1.1.2. O fracasso dos projectos económicos;

- 4.1.2. A primeira política colonial Salazarista (1930 – 1951): O acto colonial (1930), a «mística imperial», o reforço da exploração colonial.
- 4.2. Factores do conflito na sociedade colonial.
 - 4.2.1. Trabalho forçado, imposto e expropriação de terras;
 - 4.2.2. Discriminação social e racial, o estatuto dos indígenas e a repressão política;
 - 4.2.3. A viragem do pós II Guerra Mundial;
 - 4.2.3.1. A «provincialização» de 1951 e a política do «fomento ultramarino»;
 - 4.2.3.2. Mudanças económicas e sociais;
 - 4.2.3.3. “Assimilacionismo”, aumento de tensões entre colonizados e colonizadores e as primeiras actividades nacionalistas.

Objectivos específicos:

- › Conhecer as causas do surto do nacionalismo africano e, em particular, do angolano;
- › Realçar alguns aspectos políticos no período compreendido entre (1915 – 1950);
- › Determinar em que consistiam as relações entre a colónia e o poder central, no período da 1ª República Portuguesa;
- › Explicar em que constitui a acção dos Altos-comissários, destacando, entre outros, o papel desempenhado por Norton de Matos;
- › Realçar o papel da política colonial Salazarista no reforço da exploração colonial de Angola;
- › Explicar alguns conflitos ocorridos na sociedade colonial, devido aos mecanismos económicos e sociais coercivos aplicados aos angolanos;
- › Demonstrar a política coerciva do colonialismo para os trabalhadores africanos;
- › Analisar a viragem na política incrementada pelas potências colonizadoras em África, após a II Guerra Mundial;
- › Analisar o ano de 1951, como ano de viragem na política colonial Portuguesa no reforço da exploração colonial;
- › Caracterizar o aumento de tensões entre colonizados e colonizadores e o início das actividades nacionalistas;
- › Reconhecer as causas do surto do nacionalismo africano e em particular angolano.

Sugestões metodológicas:

Nesta unidade, os alunos deverão fazer alguns trabalhos de pesquisa sobre os conteúdos em estudo.

Caso seja possível, analisar algumas obras literárias sobre o trabalho forçado e os impostos em Angola.

É importante incutir nos alunos a leitura de revistas sobre a discriminação racial e o estatuto dos indígenas em Angola, para melhor compreender o factor exploração e colonização.

Caso seja possível, pedir a alguns anciãos ainda vivos para falarem sobre o trabalho forçado, impostos, estatuto dos indígenas e do processo de assimilação.

Tema 5 - A Revolta Anti-Colonial e a Luta de Libertação Nacional (1962-1975)

Objectivo geral:

- › Compreender as razões das transformações socioeconómicas dos governos coloniais após o início da Luta de Libertação Nacional em África, em particular em Angola.

Subtemas:

- 5.1. O contexto internacional da emancipação afro-asiática;
 - 5.1.1. O novo ambiente ideológico;
 - 5.1.2. A descolonização da Ásia;
 - 5.1.3. As independências africanas até 1960 e depois;
- 5.2. 1961 - O início da guerra de libertação de Angola;
 - 5.2.1. O prelúdio do início da luta armada, «4 de Janeiro de 1961»;
 - 5.2.2. O «4 de Fevereiro»;
 - 5.2.3. O «15 de Março de 11» e a revolta generalizada no Noroeste de Angola;
- 5.3. 1962-1974: Dificuldades, contradições e divisões no nacionalismo angolano;
 - 5.3.1. Quadro geral da evolução das lutas de libertação nas colónias portuguesas;
 - 5.3.2. O impacto da guerra de libertação na sociedade angolana;
 - 5.3.2.1. A reacção portuguesa ao desencadear da luta de libertação, guerra e repressão;
 - 5.3.2.2. Transformações económicas e sociais aceleradas: abolição da legislação discriminatória, expansão do ensino, o auge da ideologia do «luso-tropicalismo» e a portugalidade;
- 5.4. A transição para a independência (1974-75);
 - 5.4.1. O 25 de Abril de 1974, a queda do regime Salazarista em Portugal e o fim da guerra colonial;

5.4.2. Período de transição;

5.4.3. A nova guerra e o acesso à independência.

Objectivos específicos:

- › Conhecer as causas do aparecimento de um novo ambiente ideológico, no contexto internacional e regional africano;
- › Analisar o aparecimento do novo ambiente ideológico, no contexto internacional e regional africano;
- › Comparar o processo de descolonização na Ásia e África;
- › Demarcar as independências africanas na década de 1950 – 1960;
- › Destacar a importância do ano de 1961 como ano decisivo contra o domínio colonial português;
- › Caracterizar as causas e efeitos dos protestos dos trabalhadores da Baixa de Kassange à política colonial portuguesa;
- › Destacar o 4 de Fevereiro e o 15 de Março de 1961 como acontecimentos decisivos no combate ao colonialismo português;
- › Analisar, criticamente, as causas divisionistas que surgiram no nacionalismo angolano;
- › Avaliar a reacção do governo colonial português no combate à luta de libertação;
- › Analisar as transformações socioeconómicas realizadas pelo governo colonial, após o início da luta armada, nomeadamente, a expansão do ensino, a discriminação racial;
- › Analisar criticamente a ideologia política luso-tropicalismo e da portugalidade, como forma de manter os seus domínios em África.
- › Destacar o 25 Abril de 1974, como fim do regime Salazarista, Caetano e da guerra colonial.
- › Analisar o período de transição, a guerra civil e a proclamação da Independência Nacional.

Sugestões metodológicas:

Sob orientação do professor, os alunos devem ser incentivados a ler documentos importantes sobre a descolonização da Ásia e do continente africano e o surto das independências africanas até na década de 1960.

Contactar algumas unidades políticas para realizarem algumas palestras nas escolas sobre as datas históricas de 4 de Fevereiro e de 15 Março de 1961.

Poderão ainda ler a obra de António de Spínola, “Portugal e o Futuro” e o 25 Abril, e as suas repercussões sobre as colónias portuguesas.

Realização de pequenos trabalhos individuais ou colectivos de forma a iniciar-se na pesquisa.

SUGESTÕES METODOLÓGICAS GERAIS

A este nível do Ensino Secundário, o trabalho do professor, além da transmissão de novos conhecimentos, reporta-se também a missão de aprofundar e consolidar os conhecimentos adquiridos nos níveis anteriores.

É a preparação dos alunos para o ingresso no Ensino Superior. O nível intelectual dos alunos permite a utilização de exercícios mentais mais complexos, como a análise crítica, a emissão de juízos de valor, argumentação e defesa das suas ideias e convicções, a elaboração de sínteses através da articulação de saberes parcelares, isto é, de outras áreas do conhecimento científicos.

Assim, sugere-se que o professor utilize metodologias que desenvolvam essas capacidades.

Análise de notícias difundidas pelas rádios e televisão, através de debates, que facilitam a inserção do aluno na realidade política social e cultural que o rodeia, pois permitem analisar, de forma crítica, o contexto sociopolítico em que são veiculadas e difundidas.

O debate permite o desenvolvimento da capacidade de análise crítica, de argumentação e expressão e o desenvolvimento de atitudes de tolerância e respeito pela opinião diferentes da sua.

O professor deve orientar os alunos de como devem trabalhar o tema (definir os objectivos, sugerir a estrutura e a bibliografia básica para o seu desenvolvimento); deve estabelecer um prazo, pois esta é uma forma de estimular os alunos levando-os a fazer sempre melhor.

Análise e crítica de documentos históricos (visitas aos museus, arquivos históricos).

Trabalho com fontes históricas, quer sejam escritas, materiais ou testemunhos orais (requer-se aqui a utilização de método de crítica histórica – o contexto em que estes são produzidos).

Elaboração de síntese (proporcionar ocasiões para o efeito). Realizar trabalhos de pesquisas sobre diversas temáticas. A maior parte dos temas dos programas e outros mais podem ser utilizados para a produção de sínteses.

AVALIAÇÃO

O sucesso escolar é conseguido quando se alcançam os objectivos da Educação que se caracterizam pela transmissão de conhecimentos (instrução). O cruzamento desses três aspectos da educação constitui o sucesso escolar, em prol do qual, o professor de História deverá trabalhar.

Deste modo, o professor deverá avaliar em cada aula, em cada unidade, os graus de cumprimento dos objectivos da Educação, de aquisição dos conceitos históricos por cada aluno e de socialização atingidos graças aos valores transmitidos pela aula de História. O professor terá como tarefa verificar as competências e capacidades desenvolvidas no aluno através do ensino de História, na avaliação não só, dos alunos como de si próprio.

O professor de História organizará as principais formas de avaliação, nomeadamente, a formativa e a sumativa. A primeira deverá ser a mais usada, uma vez que compreende vários tipos de exercícios, tais como: interpretação de um documento histórico, medição de tempo, reprodução de mapas, trabalho de grupo. Com essa avaliação, é possível avaliar o grau de assimilação dos valores e medir algumas capacidades desenvolvidas nos alunos. Tem um carácter permanente.

Quanto à avaliação sumativa, tendo em conta o papel que joga, mantém-se de acordo com o calendário escolar e com as planificações do grupo de trabalho. No programa, estão previstas avaliações sumativas nas unidades que foram achadas de grande peso.

A avaliação global do aluno é a média de todas as avaliações (formativas e sumativas) ocorridas durante o trimestre/ano. Pensa-se que, com este sistema, é possível aproximar-se à realidade sobre a avaliação dos conhecimentos.

BIBLIOGRAFIA

BENOT, Yves (1981) – *Ideologias das Independências Africanas*, Lisboa: Sá da Costa Editora.

BOAVIDA, Américo (1981) – *Angola: Cinco Séculos de Exploração Portuguesa*, Lisboa: Edições 70.

FERRO, Marc (1996) – *História das Civilizações: das Conquistas às Independências, séculos XIII a XX*, São Paulo: Companhia das Letras.

FUKUYAMA, Francis (1992) – *O Fim da História e o Último Homem*, Rio de Janeiro: Rocco.

HOBBSBAWN, Eric (1995) – *A Era dos Extremos: O Breve Século XX, 1914-1991*, São Paulo: Companhia das Letras.

KI-ZERBO, Joseph (2002) – *História da África Negra*, Volume I e II, Mem Martins: Publicações Europa-América.

OLIVER, Roland (1994) – *A Experiência Africana: da pré-história aos dias actuais*, Rio de Janeiro: Zahar.

UNESCO – *História Geral da África*, volume III, São Paulo: Ática.

As 95 Teses afixadas por Martinho Lutero na Abadia de Wittenberg a 31 de Outubro de 1517, Contra o Comércio das Indulgências:

Sob a presidência do Rev. Padre Martinho Lutero, movido de sentimento de fazer conhecer a verdade ocultada pela Igreja Católica Romana, pregou na porta da Catedral de Wittenberg, estas 95 Teses em nome de nosso Senhor Jesus Cristo conforme se segue:

1ª Tese: Dizendo nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo: Arrependei-vos... etc., certamente quer que toda a vida dos seus crentes na terra seja contínuo e ininterrupto arrependimento.

2ª Tese: E esta expressão não pode e não deve ser interpretada como referindo-se ao sacramento da penitência, isto é, à confissão e satisfação, a cargo dos sacerdotes.

3ª Tese: Todavia não quer que apenas se entenda o arrependimento interno; o arrependimento interno; o arrependimento interno nem mesmo é arrependimento quando não produz toda sorte de mortificação da carne.

4ª Tese: Assim sendo, o arrependimento e o pesar, isto é, a verdadeira penitência, perdura enquanto o homem se desagradar de si mesmo, a saber, até à entrada para a vida eterna.

5ª Tese: O papa não quer e não pode dispensar de outras penas além das que impôs ao seu alvitre ou nem acordo com os cânones, que são estatutos papais.

6ª Tese: O papa não pode perdoar dívida, senão declarar e confirmar aquilo que já foi perdoado por Deus, ou então o faz nos casos que lhe foram reservados. Nestes casos, se desprezados, a dívida em absoluto deixaria de ser anulada ou perdoada.

7ª Tese: Deus a ninguém perdoa a dívida sem que ao mesmo tempo o subordine, em sincera humildade, ao ministro, seu substituto.

8ª Tese: *Cânones poenitentiales*, que são as ordenanças de prescrição da maneira em que se deve confessar e expiar, apenas são impostos aos vivos, e, de acordo com as mesmas ordenanças, não dizem respeito aos moribundos.

9ª Tese: Eis por que o Espírito Santo nos faz bem mediante o papa, excluindo este de todos os seus decretos ou direitos o artigo da morte e da necessidade suprema.

10ª Tese: Procedem desajuizadamente e mal os sacerdotes que reservam e impõe aos moribundos penitências canônicas ou para o purgatório a fim de ali serem cumpridas.

11ª Tese: Este joio, que é o de transformar a penitência e satisfação, prevista pelos cânones ou estatutos, em penitência ou penas do purgatório, foi semeado enquanto os bispos dormiam.

12ª Tese: Outrora *canônica poenae*, ou seja, penitência e satisfação por pecados cometidos, eram impostos, não depois, mas antes da absolvição, com a finalidade de provar a sinceridade do arrependimento e do pesar.

13ª Tese: Os moribundos tudo satisfazem com a sua morte e estão mortos para o direito canônico, sendo, portanto, dispensados, com justiça, de sua imposição.

14ª Tese: Piedade ou amor imperfeitos da parte daquele que se acha às portas da morte, necessariamente resultam em grande temor; logo, quanto menos o amor, tanto maior o temor.

15ª Tese: Este temor e espanto em si tão só, sem nos referirmos a outras coisas, basta para causar o tormento e o horror do purgatório, pois se avizinham da angústia do desespero.

16ª Tese: Inferno, purgatório e céu parecem ser tão diferentes quanto o são um do outro o desespero completo, incompleto ou quase desespero e certeza.

17ª Tese: Parece que assim como no purgatório diminuem a angústia e o espanto das almas, também deve crescer e aumentar o amor.

18ª Tese: Bem assim parece não ter sido provado, nem por boas razões e nem pela Escritura, que as almas do purgatório se encontram fora da possibilidade do mérito ou do crescimento no amor.

19ª Tese: Parece ainda não ter sido provado que todas as almas do purgatório tenham certeza de sua salvação e não receiem mais por ela, não obstante nós termos esta certeza.

20ª Tese: Por isso o papa não quer dizer e nem compreender com as palavras “perdão plenário de todas as penas” o perdão de todo o tormento, mas tão só as penas por ele impostas.

21ª Tese: Eis por que erram os apregoadores de indulgências ao afirmarem ser o homem perdoado de todas as penas e salvo mediante indulgência do papa.

22ª Tese: Com efeito, o papa nenhuma pena dispensa às almas do purgatório das que, segundo os cânones da igreja, deviam ter expiado e pago na presente vida.

23ª Tese: Verdade é que se houver qualquer perdão plenário das penas, este apenas será dado aos mais perfeitos, que são muitos poucos.

24ª Tese: Logo, a maioria do povo é ludibriado com as pomposas promessas do indistinto perdão, impressionando-se o homem singelo com as penas pagas.

25ª Tese: Exatamente o mesmo poder geral que o papa tem sobre o purgatório, qualquer bispo e cura d'almas o tem no seu bispado e na sua paróquia, quer de modo especial e quer para com os seus em particular.

26ª Tese: O papa faz muito bem em não conceder o perdão às almas em virtude do poder das chaves (coisa que não possui), mas pela ajuda ou em forma de intercessão.

27ª Tese: Pregam futilidades humanas quantos alegam que no momento em que a moeda soa ao cair na caixa a alma se vai do purgatório.

28ª Tese: Certo é que, no momento em que a moeda soa na caixa, vem lucro, e o amor ao dinheiro cresce e aumenta; a ajuda, porém, ou a intercessão da igreja tão só correspondem à vontade e ao agrado de Deus.

29ª Tese: E quem sabe, se todas as almas do purgatório querem ser libertadas, quando há quem diga o que sucedeu com S. Severino e Pascoal.

30ª Tese: Ninguém tem certeza da suficiência do arrependimento e pesar verdadeiros, muito menos certeza pode ter de haver alcançado pleno perdão dos seus pecados.

31ª Tese: Tão raro como existe alguém que possui arrependimento e pesar verdadeiros, tão raro também é aquele que verdadeiramente alcança indulgência, sendo bem poucos os que se encontram.

32ª Tese: Irão para o diabo, juntamente com os seus mestres, aqueles que julgam obter certeza de sua salvação mediante breves de indulgência.

33ª Tese: Há que acautelar-se muito e ter cuidado daqueles que dizem: A indulgência do papa é a mais sublime e mais preciosa graça ou dádiva de Deus, pela qual o homem é reconciliado com Deus.

34ª Tese: Tanto assim que a graça da indulgência apenas se refere à pena satisfatória, estipulada por homens.

35ª Tese: Ensinam de maneira ímpia quantos alegam que aqueles que querem livrar almas do purgatório ou adquirir breves de confissão não necessitam de arrependimento e pesar.

36ª Tese: Tudo o cristão que se arrepende verdadeiramente dos seus pecados e sente pesar por ter pecado, tem pleno perdão da pena e da dívida, perdão esse que lhe pertence mesmo sem breve de indulgência.

37ª Tese: Todo e qualquer cristão verdadeiro, vivo ou morto, é participante de todos os bens de Cristo e da Igreja, por dádiva de Deus, mesmo sem breve de indulgência.

38ª Tese: Entretanto se não devem desprezar o perdão e a distribuição deste pelo papa. Pois, conforme declarei, o seu perdão consiste numa declaração do perdão divino.

39ª Tese: É extremamente difícil, mesmo para os mais doutos teólogos, exaltar diante do povo ao mesmo tempo a grande riqueza da indulgência e, ao contrário, o verdadeiro arrependimento e pesar.

40ª Tese: O verdadeiro arrependimento e pesar buscam e amam o castigo; mas a profusão da indulgência livra das penas e faz com que se as aborreça, pelo menos quando há oportunidade para tanto.

41ª Tese: É necessário pregar cautelosamente sobre a indulgência papal, para que o homem singelo não julgue erradamente ser a indulgência preferível às demais obras de caridade ou melhor do que elas.

42ª Tese: Deve-se ensinar aos cristãos, não ser pensamento e opinião do papa que a aquisição de indulgências de alguma maneira possa ser comparada com qualquer obra de caridade.

43ª Tese: Deve-se ensinar aos cristãos, proceder melhor quem dá aos pobres ou empresta ao necessitado do que os que compram indulgência.

44ª Tese: É que pela obra de caridade cresce o amor ao próximo e o homem torna-se mais piedoso; pelas indulgências, porém, não se torna melhor senão mais seguro e livre da pena.

45ª Tese: Deve-se ensinar aos cristãos que aquele que vê seu próximo padecer necessidade e a despeito disto gasta dinheiro com indulgências, não adquire indulgência do papa, mas desafia a ira de Deus.

46ª Tese: Deve-se ensinar aos cristãos que, se não tiverem fartura, fiquem com o necessário para a casa e de maneira nenhuma o esbanjem com indulgências.

47ª Tese: Deve-se ensinar aos cristãos ser a compra de indulgência livre e não ordenada.

48ª Tese: Deve-se ensinar aos cristãos que se o papa precisa conceder mais indulgências, mais necessita de uma oração fervorosa do que de dinheiro.

49ª Tese: Deve-se ensinar aos cristãos serem muito boas as indulgências do papa enquanto o homem não confiar nelas; mas muito prejudiciais quando, em conseqüência delas, se perde o temor de Deus.

50ª Tese: Deve-se ensinar aos cristãos que se o papa tivesse conhecimento da traficância dos apregoadores de indulgência, preferiria ver a basílica de São Pedro ser reduzida a cinzas a ser edificada com a pele, a carne e os ossos de suas ovelhas.

51ª Tese: Deve-se ensinar aos cristãos que o papa, por um dever seu, preferiria distribuir o seu dinheiro aos que em geral são despojados do dinheiro pelos apregoadores de indulgência, vendendo, se necessário, a própria basílica de São Pedro.

52ª Tese: Esperar ser salvo mediante breves de indulgência é vaidade e mentira, mesmo se o comissário de indulgências e o próprio papa oferecessem sua alma como garantia.

53ª Tese: São inimigos de Cristo e do papa quantos por causa da prédica de indulgências proíbem a palavra de Deus nas demais igrejas.

54ª Tese: Comete-se injustiça contra a palavra de Deus quando, no mesmo sermão, se consagra tanto ou mais tempo à indulgência do que à pregação da palavra do Senhor.

55ª Tese: A intenção do papa não pode ser outra do que celebrar a indulgência, que é a coisa menor, com um toque de sino, uma pompa, uma cerimônia, enquanto o

evangelho, que é o essencial, importa ser anunciado mediante cem toques de sino, centenas de pompas e solenidades.

56ª Tese: Os tesouros da igreja, dos quais o papa tira e distribui as indulgências, não são bastante mencionados e nem suficientemente conhecidos na Igreja de Cristo.

57ª Tese: É evidente que não são bens temporais, porquanto muitos pregadores não os distribuem com facilidade, antes os ajuntam.

58ª Tese: Também não são os merecimentos de Cristo e dos santos, porquanto este sempre são suficientes, e, independente do papa, operam graça do homem interior e são a cruz, a morte e o inferno do homem exterior.

59ª Tese: São Lourenço chama aos pobres, os quais são membros da Igreja, tesouros da Igreja, mas no sentido em que a palavra era usada na sua época.

60ª Tese: Afirmamos com boa razão, sem temeridade ou leviandade, que estes tesouros são as chaves da Igreja, que lhe foram dadas pelo merecimento de Cristo.

61ª Tese: Evidente é que, para o perdão das penas e para a absolvição em determinados casos, o poder do papa por si só basta.

62ª Tese: O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo evangelho da glória e da graça de Deus.

63ª Tese: Este tesouro, porém, é muito desprezado e odiado, porquanto faz com que os primeiros sejam os últimos.

64ª Tese: Enquanto isso o tesouro das indulgências é notoriamente o mais apreciado, porque faz com que os últimos sejam os primeiros.

65ª Tese: Por essa razão os tesouros evangélicos foram outrora as redes com que se apanhavam os ricos e abastados.

66ª Tese: Os tesouros das indulgências, porém, são as redes com que hoje se apanham as riquezas dos homens.

67ª Tese: As indulgências, apregoadas pelos seus vendedores como a mais sublime graça, decerto assim são consideradas porque lhes trazem grandes proventos.

68ª Tese: Nem por isso semelhante indulgência é a mais ínfima graça, comparada com a graça de Deus e a piedade da cruz.

69ª Tese: Os bispos e os sacerdotes são obrigados a receber os comissários das indulgências apostólicas com toda reverência.

70ª Tese: Entretanto tem muito maior dever de conservar abertos os olhos e ouvidos, para que estes comissários, em vez de cumprirem as ordens recebidas do papa, não apregoem os seus próprios sonhos.

71ª Tese: Quem levanta a sua voz contra a verdade das indulgências papais é excomungado e maldito.

72ª Tese: Aquele, porém, que se insurgir contra as palavras insolentes e arrogantes dos apregoadores de indulgências, seja abençoado.

73ª Tese: Da mesma maneira em que o papa usa de justiça ao fulminar com a excomunhão aos que em prejuízo do comércio de indulgências procedem astuciosamente

73ª Tese: Da mesma maneira em que o papa usa de justiça ao fulminar com a excomunhão aos que em prejuízo do comércio de indulgências procedem astuciosamente

74ª Tese: Muito mais deseja atingir com o desfavor e a excomunhão àqueles que, sob pretexto de indulgências, prejudicam a santa caridade e a verdade pela sua maneira de agirem.

75ª Tese: Considerar a indulgência do papa tão poderosa, a ponto de absolver alguém dos pecados, mesmo que (coisa impossível de se expressar) tivesse deflorado a mãe de Deus, significa ser demente.

76ª Tese: Bem ao contrário afirmamos que a indulgência do papa nem mesmo pode anular o menor pecado venial no que diz respeito a culpa que representa.

77ª Tese: Afirmar que nem mesmo São Pedro, se no momento fosse papa, poderia dispensar maior indulgência, constitui insulto contra São Pedro e o papa.

78ª Tese: Dizemos, ao contrário, que o atual papa, e todos os que o sucederam, é detentor de muito maior indulgência, isto é, o evangelho, dom de curar, etc., de acordo com o que diz 1 Corinto 12.6-9.

79ª Tese: Alegar ter a cruz de indulgências, erguida e adornada com as armas do papa, tanto valor como a própria cruz de Cristo é blasfêmia.

80ª Tese: Os bispos, padres e teólogos que consentem em semelhante linguagem diante do povo, terão de prestar contas desta atitude . prestar contas desta atitude.

81ª Tese: Semelhante pregação, a enaltecer atrevida e insolentemente a indulgência, torna difícil até homens doutos defenderem a honra e dignidade do papa contra a calúnia e as perguntas homens doutos defenderem a honra e dignidade do papa contra a calúnia e as perguntas mordazes e astutas dos leigos

82ª Tese: Haja vista exemplo como este: Por que o papa não livra duma só vez todas as almas do purgatório, movido pela santíssima caridade e considerando a mais premente necessidade das mesmas, havendo santa razão para tanto, quando, em troca de vil dinheiro para a construção da basílica de São Pedro, livra inúmeras delas, logo por motivo bastante infundado?

83ª Tese: Outrossim: Por que continuam as exéquias e missas de ano em sufrágio das almas dos defuntos e não se devolve o dinheiro recebido para esse fim ou não se permite os doadores busquem de novo os benefícios ou prebendas oferecidos em favor dos mortos, quando já não é justo continuar a rezar pelos que se acham remidos?

84ª Tese: E: Que nova santidade de Deus e do papa é esta a consentir a um ímpio e inimigo resgate uma alma piedosa e agradável a Deus por amor ao dinheiro e não livrar esta mesma alma piedosa e amada por Deus do seu tormento por amor espontâneo e sem paga?

85ª Tese: E: Por que os cânones de penitência, isto é, os preceitos de penitência, que faz muito caducaram e morreram de fato pelo desuso, tornam a remir mediante dinheiro, pela concessão de indulgência, como se continuassem em vigor e bem vivos?

86ª Tese: E: Por que o papa, cuja fortuna é maior do que a de qualquer Crespo, não prefere construir a basílica de São Pedro de seu próprio bolso em vez de o fazer com o dinheiro de cristãos pobres?

87ª Tese: E: Que perdoa ou concede o papa pela sua indulgência àqueles que pelo arrependimento completo tem direito ao perdão ou indulgência plenária?

88ª Tese: Afinal: Que benefício maior poderia receber a igreja se o papa, que actualmente o faz uma vez ao dia cem vezes ao dia concedesse aos fiéis este perdão a título gratuito?

89ª Tese: Visto o papa visar mais a salvação das almas mediante a indulgência do que o dinheiro, por que razão revoga os breves de indulgência outrora por ele concedidos, quando tem sempre as mesmas virtudes?

90ª Tese: Desfazer estes argumentos muito sutis dos leigos, recorrendo apenas à força e não por razões sólidas apresentadas, significa expor a igreja e o papa ao escárnio dos inimigos e desgraçar os cristãos.

91ª Tese: Se, portanto, a indulgência fosse apregoada no espírito e sentido do papa, estas objeções poderiam ser facilmente respondidas e nem mesmo teriam surgido.

92ª Tese: Fora, pois, com todos estes pregadores que dizem à igreja de Cristo: Paz! Paz! Sem que haja paz!

93ª Tese: Abençoados, porém, sejam todos os pregadores que dizem à igreja de Cristo: Cruz! Cruz! Sem que haja cruz!

94ª Tese: Admoeste-se os cristãos a que se empenhem em seguir seu Cabeça, Cristo, através da cruz, da morte e do inferno;

95ª Tese: E desta maneira mais esperem entrar no reino dos céus por muitas aflições do que confiando em promessas de paz infundadas.

Imagens

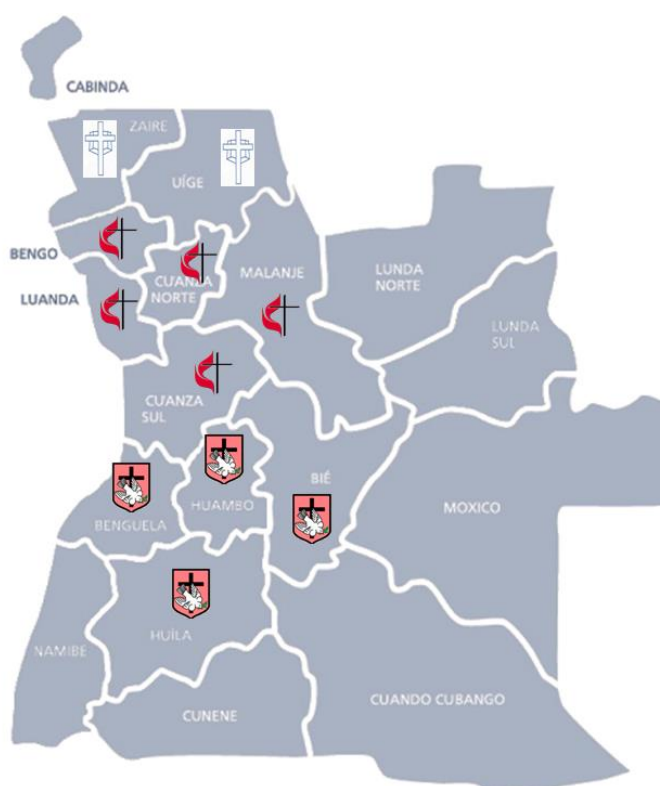
José Maria Mendes Ribeiro Norton de Matos (1867 - 1955)

Governador-Geral de Angola (1912/15).



Fonte: História a História África - Norton de Matos em Angola , episódio 4.

Missões Protestantes em Angola, conforme consta no trabalho.



Fonte: Autor



IEBA



IECA



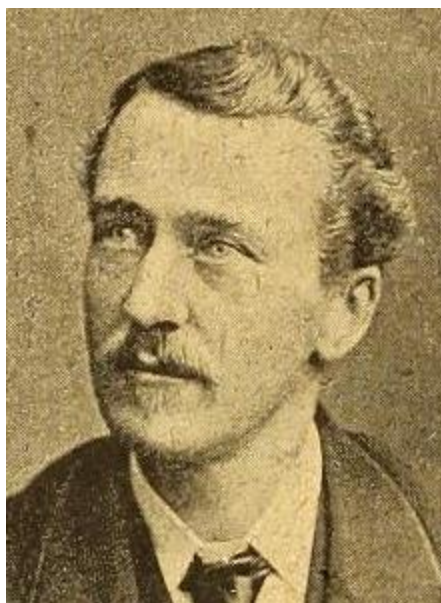
IMUA

William Carey (1761 - 1807), da Sociedade Missionária Baptista



Fonte: <https://en.wikipedia.org>

Thomas James Comber (1852 - 1887), da Sociedade Missionária Baptista.



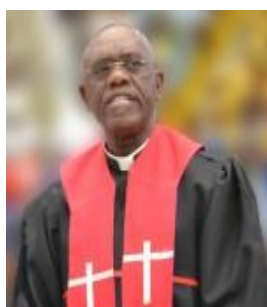
Fonte: <https://en.wikipedia.org>

John Wesley – O Fundador da Igreja Metodista (Século XVIII)



Fonte: KLAIBER, Walter & MARQUARDT, Manfred. Viver a Graça de Deus. São Paulo, Pub: Editeo/Cedro, 1999.

Rev. Daniel Ntony-a-Nzinga (IEBA)



Fonte: <https://en.wikipedia.org> (4 de Novembro, 2017)

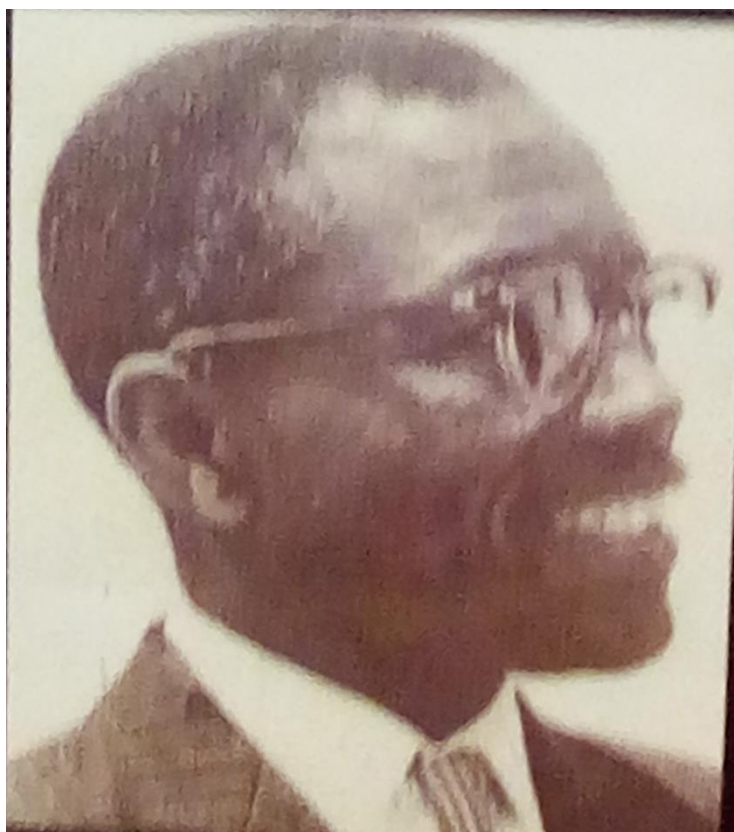
Reverendo Job Baltazar Diogo, Traduziu a bíblia de inglês para kimbundu na missão do Kessua (Malanje). Pagou o preço da liberdade do povo angolano em São Nicolau.

É Pai de Sua Excelência Bornito de Sousa Baltazar Diogo, ex. Vice Presidente da República de Angola no período 2017-2022.



Fonte: Mulemba, Revista Angolana de Ciências sociais.

Primeiro Secretário Geral autóctone da IECA Rev. Jessé Chiula Chipenda (1956-1967)



Fonte: Departamento de Evangelismo – Calendário da IECA de 2018

Revmo Bispo Emérito Emilio Júlio Miguel de Carvalho
Primeiro Bispo Metodista autóctone em Angola (1972 – 2000), o período
em que liderou.



Fonte: Departamento de Informação e Comunicação Cristã da IMUA.

Túmulo dos Cristãos na Comuna do Cariango, (Quibala) em 1961



Fonte: Autor.

Escola Da Missão Metodista em Luanda nos Anos De 1950



Fonte: Departamento de Informação e Comunicação Cristã da IMUA.

Escola da Missão Metodista Reconstruída e inaugurada em 2021



Fonte: Departamento de Informação e Comunicação Cristã da IMUA.

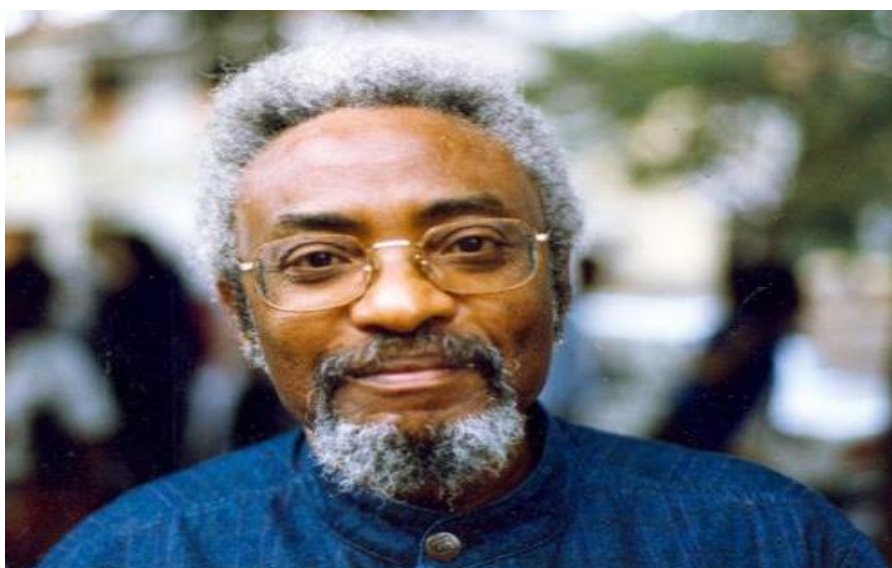
OS CINCOS PRESIDENTES DO MPLA

1-Ilídio Tomé Alves Machado (1956-1959)



Fonte: voaportugues.com; VII Congresso extraordinário do MPLA realizado no dia 15 de Junho de 2019.

2-Mário Coelho Pinto de Andrade(1960-1962) e secretário-geral, entre 1962 e 1972.



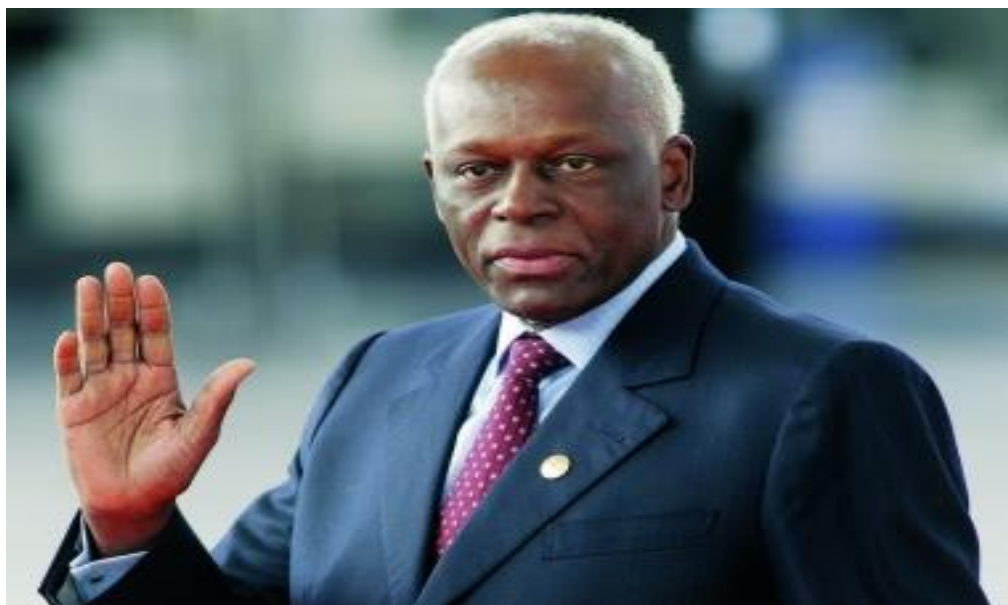
Fonte: voaportugues.com; VII Congresso extraordinário do MPLA realizado no dia 15 de Junho de 2019.

3- Dr. António Agostinho Neto (1962-1979)



Fonte: voaportugues.com; VII Congresso extraordinário do MPLA realizado no dia 15 de Junho de 2019.

4-Engº José Eduardo dos Santos (1979-2018), o tempo que dirigiu Angola.



Fonte: voaportugues.com; VII Congresso extraordinário do MPLA realizado no dia 15 de Junho de 2019.

5 - João Manuel Gonçalves Lourenço (2018- actual)



Fonte: voaportugues.com; VII Congresso extraordinário do MPLA realizado no dia 15 de Junho de 2019.

Álvaro Holden Roberto, Líder fundador da FNLA (1954 á 2007)



Fonte: Jornal de Angola: Biography of Holden Alvaro Roberto, Origin, Education 20-07-2020.

Jonas Malheiro Sidónio Savimbi, Lider fundador da Unita (1966-2002)



Fonte: Jornal de Angola. 01 de Abril de 2017

Assinatura do Acordo de Alvor, de 10 à 15 Janeiro 1975. Delegação do Estado Português com os líderes dos três movimentos que lutavam pela independência de Angola, o MPLA, a FNLA e a UNITA, no Hotel Penina, na vila do Alvor, no Algarve (Portugal).



Fonte: <https://ensina.rtp.pt/artigo/assinatura-do-cacordo-de-alvor/>

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio, impresso ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.